



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ROSANA DE MEDEIROS SILVA**

**MEU BARRO É DE LAGOINHA:  
TRAJETÓRIAS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS  
DAS MULHERES QUILOMBOLAS**

**SUMÉ - PB  
2018**

**ROSANA DE MEDEIROS SILVA**

**MEU BARRO É DE LAGOINHA:  
TRAJETÓRIAS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS  
DAS MULHERES QUILOMBOLAS**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.**

**Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.**

**SUMÉ - PB  
2018**

S586m Silva, Rosana de Medeiros.

Meu barro é de Lagoinha: trajetórias de vida e experiências cotidianas de mulheres quilombolas. / Rosana de Medeiros Silva. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

111 f.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Etnografia. 2. Mulheres quilombolas. 3. Comunidade Quilombola Lagoinha – Serra Branca - PB. 4. Feminismo Negro I. Título.

CDU: 305(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**ROSANA DE MEDEIROS SILVA**


**MEU BARRO É DE LAGOINHA: TRAJETÓRIAS DE VIDA E  
EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS DE MULHERES QUILOMBOLAS**

Monografia apresentada ao Curso  
de Licenciatura em Ciências Sociais  
do Centro de Desenvolvimento  
Sustentável do Semiárido da  
Universidade Federal de Campina  
Grande, como requisito parcial  
para obtenção do título de  
Licenciada em Ciências Sociais

NOTA: \_\_\_\_\_ ( )

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza  
Orientador – UACIS/CDSA/UFCG

  
\_\_\_\_\_  
Professora Dr.ª Denise Xavier Torres  
Examinadora I – UAEDUC/CDSA/UFCG

  
\_\_\_\_\_  
M.ª Carla Mailde Feitosa Santa Cruz.  
Examinadora II – UATEC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 20 de dezembro de 2018.

SUMÉ - PB

Às mulheres negras da comunidade quilombola de Lagoinha, entrevistadas, colaboradoras desta pesquisa, que disponibilizaram tempo, recordações, vivências e muitos aprendizados e saberes.

Às três mulheres importantes da minha vida: minha mãe, Edna, que sempre me alimentou com amor, incentivo e apoio, minha irmã Roberta, luz da minha vida e minha sobrinha – afilhada Laura, benção divina.

Ao grande homem de destaque na minha trajetória: meu amado pai, José (in memoriam), o senhor acompanhou-me em cada momento de minha caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Tudo é possível para quem é guiado pela Fé. Energia vital que dá força, alegria e vigor para seguirmos e realizarmos sonhos, objetivos, projeto de vida. Energia que me guia e força para encerrar essa fase de minha vida, fechando um ciclo, para dar lugar a outro que já se inicia, porque a vida é feita de ciclos. E para fechar o ciclo que iniciei em 2015 quando ingressei no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, foram muitos aqueles que compartilharam comigo esse período de aprendizado acadêmico e de vida.

Não poderia deixar de iniciar pelas moradoras de Lagoinha, calorosas e receptivas que me acolheram em suas casas e me cederam o seu tempo e de suas memórias. A todas e todos, da comunidade só tenho o que agradecer, em especial, a Dona Santana (Dandara), Dona Bernadete (Teresa de Benguela), Dona Rosário (Luísa de Mahín), a encantada e centenária Dona Zefinha (Aqualtune), Dona Solange (Tia Simoa), Fabiana (Maria Felipa), Fábria (Carolina Maria de Jesus) e Dona Raimunda (Antonietta de Barros). Essas mulheres negras quilombolas, que tive a honra de entrevistar, que confiaram em mim dividindo comigo suas histórias. Sem vocês, este trabalho não existiria. Que esse o mesmo consiga minimamente, trazer à luz as suas vivências tão ricas.

Desde o ingresso, o tempo vem me pregando peças, em horas se arrastou e pareceu imenso e em outras correu célere a ponto de se esvaír. Enfim chegou “o tempo da travessia”, o tempo de me desprender do texto e passá-lo adiante. Durante esse percurso, fui carinhosamente levada pelas mãos de muitos, na qual jamais poderia deixar de agradecer. Agradecê-los será, sem dúvida, a parte mais suave de minha escrita.

Nesse período experimentei! Experimentei os saberes e práticas sociológicas, políticos, e principalmente antropológicas, a vida no “mundo secreto” e às vezes hostil da graduação, zonas de conhecimentos “interditos”, amizades, trocas, alegrias e dores. Experimentei incisões em meu corpo jamais violado por instrumentos cirúrgicos. Experimentei outros lugares, outras culturas, outras pessoas. Permitir-me ser afetada, e mesmo quando não me permiti fui invadida, por experiências que me ensinaram que a vida é um ciclo, está em constante movimento e nós a “encenamos” ou somos marionetes a encená-la.

Agradeço aos meus pais, José (in memoriam) e Edna. Painho, que agora liberto da matéria que o aprisionava neste mundo, acompanha-me pelos lugares por onde ando. À minha mãe sou grata por ter me ensinado que eu poderia ser o que eu quisesse e que jamais deixou de acreditar que eu chegaria ao fim dessa jornada. Agradeço-te Mainha pelas orações, pela

coragem e por você ser tão sábia e ainda, minha mãe. Pela compreensão de luta, para que eu alcançasse minhas metas e pelo amor dedicado em cada passo de minha caminhada.

Agradeço a minha irmã Roberta, por ter sido o suporte firme e amoroso em cada dificuldade encontrada em minha trajetória. Minha irmã, você é inspiração, luz que ilumina meu caminho.

Ao meu cunhado Francisco, que se fez presente, gratidão.

A minha amada sobrinha e afilhada Laura que após seu nascimento, durante minhas idas de volta pra casa, vê seu sorriso, recarregavam minhas energias.

Aos meus avós (in memoriam), por todo amor e dedicação, homens e mulheres que tiveram suas trajetórias de vida marcadas pelo trabalho árduo.

As minhas tias, tios, primas, primos, em especial ao meu tio Roberto Medeiros, sua esposa Lindacir Laurentino, ambos conhecem meus passos deste de quando era pequena, e a minha tia Luzineide Medeiros, em todos os momentos ambos estiveram presentes, além dos abraços calorosos, amor, os mesmos não mediram esforços para que eu pudesse dar seguimentos ao meu curso, seja com uma palavra amiga, um abraço nas horas da aflição, minha eterna gratidão.

Ao meu, primo, irmão, amigo, Léo Medeiros, companheiros de apartamento desde o início do curso, através de todo o seu incentivo, consegui vencer, sem seu companheirismo seria difícil chega onde estou. Minha eterna gratidão pelas horas gastas de seu precioso tempo ouvindo meus sonhos, por ser a primeira pessoa a ler meu trabalho concluído, e por não desacreditarem que meu sonho era possível. A minha prima Bianca, você é meu tudo, tu és luz na minha vida, minha primeira boneca real. E a Laninha, essa ariana, assim como a que vos escrevem é danada de boa, sei que foram dias perturbando seu sono com minha escrita e estudos, grata pela paciência.

Agradeço aos meus amigos Kallyne Arruda, Lucas Cavalcante e Wagner Berto que para além de sermos amigos da graduação, juntos formamos uma família aqui em Sumé, dividindo as angústias da vida e estudos. Tem sido com eles que venho compartilhando os melhores e piores momentos durante a graduação, o que só prova que amizades se consolidam com o tempo. Não poderia especificar a natureza da minha gratidão, justo por isso: Obrigada meus amigos, por tudo! Sou imensamente grata as demonstrações de amizade e companheirismo que se reverberaram em momentos bons, cheios de trocas e afetos.

Aos demais colegas de curso, alguns com quem estabeleci amizade e outros com quem troquei sorrisos, e que por diversas ações me ajudaram neste percurso.

Ao meu amigo Joelson Alves, que durante toda minha caminhada foi o meu suporte, amizade está de longos anos, mesmo com a distância torna-se cada dia mais fortalecida. Gratidão por tudo meu amigo.

Aos professores da UACIS, minha eterna gratidão, todos e todas contribuíram para minha formação acadêmica com suas aulas e indicações de leitura, dentre tantos outros momentos de trocas de conhecimento que por alguns momentos foram proporcionados para além dos muros da sala de aula.

Dedico um agradecimento especial ao meu orientador Wallace G. Ferreira de Souza pela confiança, orientação, apoio, paciência e dedicação e por ter sido a mola mestra que impulsionou a realização desse trabalho. Seus questionamentos incisivos e pontuações no meu texto foram importantes para o aprimoramento da escrita e meu amadurecimento como pesquisadora. Minha eterna gratidão, pela longa parceria que firmamos ao longo da graduação, como você disse: “*chegamos juntos ao CDSA*”, e para além dos muros da universidade a relação que construímos seja eternizada. Você é raro, você é de verdade! Ao senhor, minha infinita gratidão.

E finalmente agradeço aos moradores de Lagoinha por abrirem as portas de suas casas para me receber e construir comigo esta etnografia. Por compartilharem comigo suas histórias de vida, suas memórias de trabalho, alegrias e sofrimentos, suas festas, seus alimentos, seu dia a dia. A todas, mulheres, que ao “cantarem a canção de sua vida” revelavam um pouco de si e muito de seu grupo social, abrindo as janelas de suas histórias e memórias para eu adentrar e ouvi-las. Sem elas, não sairia uma única linha desse texto.

Enfim, obrigada a todas as amigas, amigos e familiares que de uma forma ou de outra, me estimularam ou me ajudaram neste processo por vezes solitário, mas muito enriquecedor e gratificante.

A todos obrigada!



## RESUMO

Essa monografia é uma etnografia realizada na Comunidade Quilombola de Lagoinha, localizada na área rural do município de Serra Branca, no estado da Paraíba. Visando analisar no emaranhado do tecido social das mulheres daquela comunidade através de suas histórias de vidas, onde aparecem visíveis heranças do seu passado, os embates e desafios da vida no meio rural e a força/empoderamento de mulheres que ressignificam suas práticas cotidianas e políticas. As concepções atuais acerca da história das mulheres e da liderança feminina nos segmentos populares e negros colaboraram para a análise das especificidades das relações vivenciadas pelas mulheres de Lagoinha. Através das fontes orais discutimos as relações de trabalho em Lagoinha, entremeadas às questões de gênero, observando as estratégias de sobrevivência, demarcação de espaços e lideranças. As mulheres de Lagoinha assumem parte do sustento do lar, fabricaram louças de barro por mais de décadas, trabalharam na colheita do feijão, agaroba, milho, algodão. Através da memória das principais lideranças femininas (louceiras, líderes, guardiãs das memórias) buscou-se a compreensão desses anseios e os modos que se estabelecerem nas relações de parentesco. Com este viés, pretendeu-se examinar as estratégias de sobrevivência e as práticas cotidianas dessas mulheres quilombolas de Lagoinha. Utilizo como orientação teórico-metodológica a História Oral para recuperar e registrar os depoimentos de oito mulheres negras quilombolas de Lagoinha. Na História Oral opto por entrevistas de história de vida realizadas de forma a revelar a relação entre a história social e trajetória individual de cada depoente e assim entender como construíram suas identidades a partir de referências de gênero, raça/etnia, sexualidade, religião, entre outros, tendo por cenário os acontecimentos da sociedade brasileira. Portanto, no trabalho, *Meu barro é de Lagoinha: trajetórias de vida e experiência cotidianas de mulheres quilombolas*. Ao longo da pesquisa dialogamos com algumas autoras negras, dentre elas Angela Davis, bell hooks, Djamila Ribeiro, Carla Akotiene, Joice Berth, Jarid Arraes e Lélia Gonzalez. De bell hooks, e Lélia, regatando a importância da autobiografia, o tomar as experiências vividas com os processos de opressão para investigar as próprias opressões, ou seja, aprender a identificar, nas experiências cotidianas, os ensinamentos de práticas de resistência desenvolvidas para enfrentar o racismo, o sexismo, relações patriarcais, e o heterossexismo, aprendemos a transformar as experiências em lentes para olhar e interpretar o mundo os processos de empoderamento e liderança de mulheres negras, e de Carla Akotirene discutimos sobre a interseccionalidade, através da mesma as mulheres da comunidade foram transformando em instrumentos para a construção de uma organização própria, espaço de protagonismo e exercício de experiências exitosas no desafio aos poderes constituídos. O discurso feminista é recriado a partir de demandas específicas: entender o lugar de fala e escuta das mulheres negras quilombolas de Lagoinha.

Palavras-chave: Mulheres negras. Trajetórias de vida. Práticas Cotidianas. Feminismo Negro.

## ABSTRACT

This monograph is an ethnography carried out in the Quilombola Community of Lagoinha, located in the rural area of the municipality of Serra Branca, in the state of Paraíba. Aiming at analyzing the tangle of the social fabric of women in that community through their life histories, where visible heritages of their past appear, the struggles and challenges of rural life, and the empowerment / empowerment of women who reassign their daily and political practices. Current conceptions about the history of women and female leadership in the black and popular segments contributed to the analysis of the specificities of the relationships experienced by the women of Lagoinha. Through oral sources, they discuss the labor relations in Lagoinha, interspersed with gender issues, observing strategies for survival, demarcation of spaces and leadership. The women took part in the sustenance of the home, made long-lasting dishes, worked on the beans, agaroba, corn, cotton. Through the memory of the main female leaderships (madmen, leaders, guardians of memories) one seeks the understanding of these longings and the ways that are established in kinship relations. With this bias, we intend to examine the survival strategies and daily practices of these Quilombola women from Lagoinha. I use as a theoretical-methodological orientation the Oral History to retrieve and record the testimonies of eight black quilombola women from Lagoinha. In Oral History, I opted for life history interviews carried out in order to reveal the relationship between the social history and the individual trajectory of each deponent and thus to understand how they constructed their identities based on gender, race / ethnicity, sexuality, religion, others, taking as a scenario the events of Brazilian society. Therefore, at work, *My clay is Lagoinha: life trajectories and daily experience of quilombola women*. Throughout the research we spoke with some black authors, among them Angela Davis, bell hooks, Djamila Ribeiro, Carla Akotiene, Joice Berth, Jarid Arraes and Lélia Gonzalez. Of bell hooks, and Lélia, underlining the importance of autobiography, to take the lived experiences with the processes of oppression to investigate their own oppressions, that is, to learn to identify, in everyday experiences, the teachings of resistance practices developed to face the racism, sexism and patriarchal relations, and heterosexism, we have learned to turn experiences into lenses to look at and interpret the world's processes of empowerment and leadership of black women. Through intersectionality, the women of the community were transformed into instruments for the construction of their own organization, space for protagonism and the exercise of successful experiences in the challenge to the constituted powers. The feminist discourse is recreated from specific demands: to understand the place of speech and listening of the black quilombola women of Lagoinha.

Key words; Black women. Life trajectories. Everyday Practice. Black Feminism.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

<b>CDSA</b>	Centro Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
<b>FCP</b>	Fundação Cultural Palmares
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>NEPEC</b>	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Etnicidade e Cultura
<b>PB</b>	Paraíba
<b>PROCASE</b>	Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú
<b>PROPEX</b>	Programa de Pesquisa e Extensão
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão do Curso
<b>UACIS</b>	Unidade Acadêmica de Ciências Sociais
<b>UFCG</b>	Universidade Federal de Campina Grande

## **LISTA DE MAPAS**

<b>MAPA 01</b> – Região Nordeste, mostrando a Paraíba e o município de Serra Branca - PB.....	<b>41</b>
<b>MAPA 02</b> – Localização geográfica de Lagoinha.....	<b>45</b>

## LISTA DE FOTOGRAFIA

<b>FOTOGRAFIA 01</b> - Casa grande da Fazenda Serra Branca sec. XIX.....	<b>42</b>
<b>FOTOGRAFIA 02</b> - Primeira casa construída na comunidade de Lagoinha, em 1913.....	<b>47</b>
<b>FOTOGRAFIA 03</b> - Estrada que liga o município à comunidade de Lagoinha.....	<b>49</b>
<b>FOTOGRAFIA 04</b> - Terreiro da Casa de Fábía (Carolina Maria de Jesus) .....	<b>69</b>
<b>FOTOGRAFIA 05</b> - Fabiana (Maria Felipa), lendo um livrinho de orações.....	<b>83</b>
<b>FOTOGRAFIA 06</b> - Fábía (Carolina Maria de Jesus), Fabiana (Maria Felipa), e sua filha....	<b>84</b>
<b>FOTOGRAFIA 07</b> - Dona Solange (Tia Simoa), ao lado de seu irmão e sua mãe Aqualtune.	<b>85</b>
<b>FOTOGRAFIA 08</b> - Dona Raimunda (Antonieta de Barros) e Carolina Maria de Jesus.....	<b>86</b>
<b>FOTOGRAFIA 09</b> - Dona Bernadete (Teresa de Benguela) .....	<b>88</b>
<b>FOTOGRAFIA 10</b> - Dandara, Luíza Mahín, Aqualtune e Tereza de Benguela .....	<b>89</b>

## **LISTA DE QUADRO E GRÁFICO**

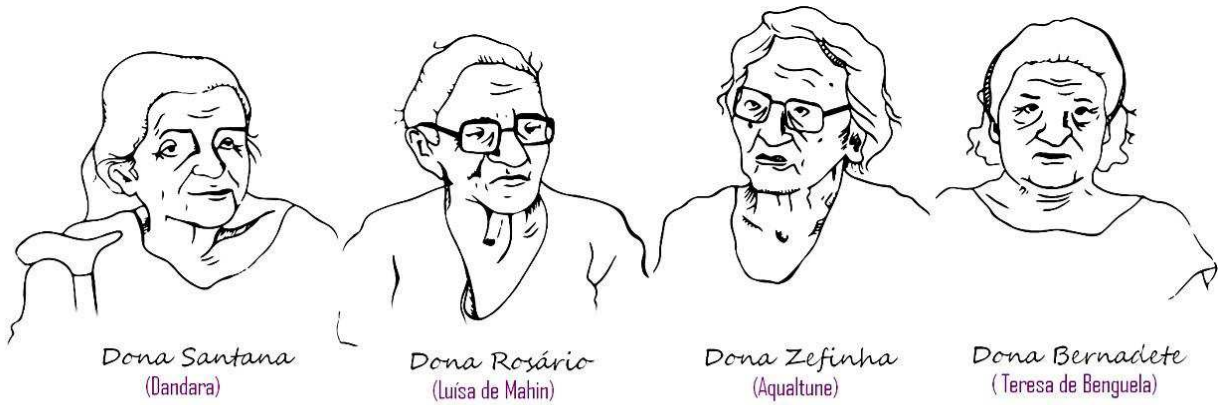
<b>GRÁFICO 01</b> - Ocupação das mulheres (entrevistadas) na Comunidade de Lagoinha.....	<b>67</b>
<b>QUADRO 01</b> - Responsabilidades exercidas pelas mulheres e pelos homens nas atividades...	<b>72</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2 ENTRELACANDO FIOS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS QUE NORTEIAM A PESQUISA.....</b>	<b>21</b>
2.1 O trabalho de campo: motivações para Pesquisa .....	21
2.2 Delimitações de questões gerais da Pesquisa.....	22
2.3 A construção da pesquisa: caminhos trilhados no seu decorrer.....	27
2.4 Entre mulheres negras: caracterização das principais interlocutoras.....	32
2.4.1 Dona Zefinha (Aqualtune).....	34
2.4.2 Dona Solange (Tia Simoa) .....	34
2.4.3 Dona Santana (Dandara) .....	35
2.4.4 Dona Rosário (Luísa de Mahin) .....	36
2.4.5 Dona Bernadete (Teresa de Benguela) .....	36
2.4.6 Dona Raimunda (Antonietta de Barros) .....	37
2.4.7 Fábria (Carolina Maria e Jesus) .....	37
2.4.8 Fabiana (Maria Felipa) .....	38
<b>3 UM PASSEIO PELA COMUNIDADE DE LAGOINHA.....</b>	<b>40</b>
3.1 Serra Branca: contextualizando o território da pesquisa, onde tudo começou.....	41
3.2 Entrecruzando passado e presente: contando brevemente a história da comunidade.....	44
3.3 Processo de reconhecimento da comunidade: “aqui é tudo quilombola” .....	49
<b>4 QUEBRANDO O SILÊNCIO DAS MULHERES NEGRAS DE LAGOINHA.....</b>	<b>54</b>
4.1 (Re) pensando o termo feminismo.....	55
4.2 Então, como estabelecerão as ondas do feminismo? .....	56
4.3 Feminismo Negro: “Tenho muito orgulho de ser uma mulher negra.....	58
4.4 O empoderamento/fortalecimento das mulheres negras de Lagoinha.....	61
<b>5 DO BARRO À LUTA: O TRABALHO E O COTIDIANO DAS MULHERES DE LAGOINHA.....</b>	<b>64</b>
5.1 As mulheres de Lagoinha se reinventando.....	65
5.2 Os espaços de atuação de homens e mulheres e a divisão sexual do trabalho.....	68
<b>6 O DESABROCHAR DAS FLORES NEGRAS: TRAJETÓRIAS FEMININAS NA COMUNIDADE DE LAGOINHA.....</b>	<b>74</b>
6.1 Um nó difícil de desatar: Parentes/não parentes/ “chegadas” /distantes.....	75
6.2 “Quem são essas mulheres?” Os sujeitos pesquisados.....	78
6.3 As mulheres de Lagoinha em suas lidas e lutas.....	81
6.3.1 Mães, líderes, louceiras, e guardiãs da memória.....	81
6.3.1.1 Líderes.....	91
6.3.1.2 Louceiras.....	94
6.3.1.3 Guardiãs das memórias.....	95
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>

**REFERÊNCIAS..... 100**  
**APÊNICES..... 104**  
**ANEXOS ..... 110**





*Meu barro é de Lagoinha: trajetórias de vida e experiências cotidianas de mulheres quilombolas*

Ilustração: Williana Silva, 2018.  
Org: Rosana Medeiros, 2018.

## 1 INTRODUÇÃO

As temáticas voltadas à liderança exercida por mulheres nas referidas Comunidades Rurais Quilombolas vêm ganhando espaço, haja vista esta ser uma característica em relação à sociedade que, em geral, tem seus lugares de poder mais comumente representado pelos homens.

No sentido de contribuir com estudos que evidenciam a liderança feminina quilombola, direcionamos a pesquisa às mulheres da Comunidade Quilombola de Lagoinha. Esta, em processo de reconhecimento, localizada na zona rural do município de Serra Branca – PB, região do Cariri Paraibano, situada a 230 quilômetros da capital João Pessoa. Têm uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 13.637 habitantes, distribuídos em 738 km<sup>2</sup> de área.

Realçamos nesse estudo o modo como as mulheres da referida comunidade constituem experiências de lutas e o exercício de liderança comunitária. Tendo em vista que na comunidade, existe Associação Comunitária dos Moradores do Sítio Lagoinha, formada por homens e mulheres. Por meio de tal associação a liderança responde politicamente pelos moradores existentes das comunidades.

As comunidades negras rurais em processo de reconhecimento em sua grande maioria como no caso da Comunidade Quilombola estudada são formadas majoritariamente por famílias camponesas.

E durante nossas visitas nas comunidades encontramos em grande parte participação das mulheres nas reuniões realizadas. Realidade esta que se faz presente desde a sua constituição onde está intrinsecamente relacionada ao passado escravista, onde as alternativas de trabalhos se restringem aos serviços nas fazendas vizinhas, no caso das mulheres, é possível perceber atividades relacionadas ao trabalho em casa de famílias, cuidado com o gado, da plantação, e durante muito tempo a maioria sobreviveu da fabricação de panelas de barros. Atualmente, Dona Santana (Dandara) é a única mulher da comunidade de Lagoinha que se mantém com essa atividade.

Dessa forma, fazer o trabalho sobre processo de construção/formação das lideranças femininas na referida comunidade, nos levará a entender que há um diferencial no campo simbólico de poder, pois, ELAS rompem a dicotomia dos papéis historicamente negados as mulheres, que se esforçam para manter ou transformar as estruturas das relações existentes nas suas comunidades, legitimando ou não as práticas sociais ali existentes. Todavia, suas falas, sua atuação, ainda são inviabilizadas pelos ditames históricos, que foram construídos sobre o

gênero mulher e o preconceito é ainda mais pungente quando a referência é a mulher negra do campo e quilombola<sup>1</sup>, visto que a mulher quilombola pouco figura na história de formação do Brasil, pois foram tratadas pela literatura e políticas identitárias dentro de uma categoria genérica de camponesas ou agricultoras, negando-lhes sua identidade de mulher negra quilombola.

Após observarmos o protagonismo das mulheres das Comunidades de Lagoinha neste presente contexto procuramos compreender a seguinte questão: Quais as experiências constitutivas do processo de empoderamento político das mulheres da Comunidade Quilombola de Lagoinha? Tal pergunta, não pode ser respondida simplesmente por elementos teóricos e conceituais. Foi preciso mergulhar no campo empírico, nas histórias de vida das mulheres, suas memórias, para pinçar os elementos que de fato vivenciaram e vivenciam a participação nos movimentos sociais, bem como, noutros espaços de formação. Para que possamos compreender a tessitura política, social da comunidade, na busca de compreender as intersecções de gênero e identidade como constitutivos das relações sociais existentes. As experiências dessas lideranças femininas, suas atuações na vida social e política da comunidade, para que possa revelar as diferentes facetas de suas identidades como lideranças, mães, dona de casa, agricultoras, educadoras, dentre outros aspectos.

Ao lançar a tentativa de mostrar liderança e o processo de empoderamento das mulheres nessa comunidade (Lagoinha) é pressupor que existe um rompimento dessas mulheres com a situação de submissão e alienação do processo histórico, para uma ordem que se reverte por meio da consciência de si mesma, de suas histórias e da história do lugar de onde falam.

É de encontro a este cenário de mobilizações e construções de novos valores sociais, que analisamos a trama dos processos de constituição, trajetórias de vida do empoderamento e lideranças das mulheres nas Comunidades Quilombolas de Lagoinha, no município de Serra Branca – PB.

Neste sentido, apresentamos de forma sucinta a estruturação das seções desta monografia:

Após ***“Introdução”***, seguiremos para a segunda seção, *esta* intitulada: ***“Entrelaçando fios: Procedimentos Metodológicos que norteiam a pesquisa”*** apresentamos nossas inquietações iniciais, o que pensamos sobre o tema, a caminhada de pesquisa e seus aspectos epistemológicos. Nesta mesma seção, traçamos o perfil das oito mulheres entrevistadas e fizemos a relação das mesmas com algumas heroínas negras que fizeram história no Brasil,

---

<sup>1</sup>CARNEIRO, Sueli. Enegrecendo o Feminismo. Revista Estudos Avançados. 17 (49), 2003.

dando também o lugar de falar a essas mulheres que ao longo de suas trajetórias foram esquecidas, e que nem sempre puderam falar.

**“Um passeio pela de Lagoinha”**, nesta terceira seção, trataremos de apresentar aos nossos leitores, o contexto da formação do local estudado, partindo da História da sede do município, cidade de Serra Branca - PB para o contexto do local estudado, a comunidade de Lagoinha. Dentro desta mesma seção, dando ênfase as memórias dos mais velhos e os relatos dos próprios moradores locais, como também de alguns estudiosos locais que fizeram pesquisas sobre o local, relatamos um pouco de como se deu o surgimento da comunidade, a mesma encontra-se atualmente no processo de titulação.

Denominado **“Quebrando o silêncio das mulheres negras de Lagoinha”** na quarta seção discutiremos questões como: feminismo negro, lugar de fala, lugar de escuta, interseccionalidade, empoderamento, silenciamento das mulheres negras dentre outras categorias.

Nesta quinta seção, **“Do barro à luta: o trabalho e o cotidiano das mulheres de lagoinha”** mostraremos as mulheres de Lagoinha em suas lidas e lutas. Os relatos orais deram corpo ao texto e as falas dizem de tempos vividos, anseios e lutas que continuam no dia a dia dessas mulheres. Buscamos delimitar os papéis assumidos pelas mulheres entrevistadas, junto à comunidade de Lagoinha. A partir das fontes orais, as relações de trabalho entremeadas às questões de gênero, observando as estratégias de sobrevivência, demarcação de espaços e lideranças.

E para finalizar na última seção denominada, **“O desabrochar das flores negras: trajetórias femininas na Lagoinha”** intencionamos apresentar as mulheres de Lagoinha. Por meio de seus relatos orais, pudemos perceber os variados papéis que elas assumem na comunidade, como fora de campo, e por meio do olhar etnográfico o entendimento de categorias tecnicamente construídas para formar algumas noções sobre parentesco entre elas e suas práticas cotidianas.

E por fim, apontaremos as considerações finais sobre a pesquisa.

## 2

ENTRELAÇANDO FIOS: PROCEDIMENTOS  
METODOLÓGICOS QUE NORTEIAM A PESQUISA

## 2.1 O trabalho de campo: motivações para Pesquisa

Foucault (1988) afirma que “há indivíduos que escrevem e inventam. Um indivíduo, ao dispor-se a escrever um texto, traz para si a responsabilidade de elaborar uma obra possível; ele assume, então, a função de autor”. Dessa forma, em consonância com Foucault, tentamos, ao longo do nosso trabalho, escrever um texto que traduz parte das experiências de mulheres negras quilombolas da Comunidade de Lagoinha, na cidade Serra Branca – PB, entrelaçando narrativas orais, memórias individuais e coletivas.

Nosso objetivo nesta seção foi descrever nossa entrada em campo e o modo pela qual a pesquisa desenrolou, para que o leitor possa ter ideia das condições nas quais os dados utilizados neste trabalho foram produzidos.

Falo em produção de dados e não em colhimento, tentando afastar uma concepção especular de etnografia, que estabeleceria uma relação positivista entre o sensorial e o escrito – colher um dado soa como se estivesse realmente na ordem do dado, imediato e pronto, a etnografia se resumindo a captura do empírico. Procurei, durante a sistematização do meu caderno de campo, atentar para a dimensão da produção dos dados em função das relações que se constroem nas interações (com o pesquisador, mas não só com ele, os contextos construídos nestas interações sendo também fundamentais).

A partir da definição do tema, abordaremos as experiências constitutivas do processo de empoderamento das mulheres na Comunidade Quilombola de Lagoinha, iniciamos um levantamento bibliográfico e fontes históricas – documentais que acionamos como suporte teórico para proceder à análise dos dados e realizarmos o que Cardoso de Oliveira (2006) define como tradução do “idioma cultural” ao idioma do mundo do pesquisador.

Esse levantamento bibliográfico que estudei, foi importante para me situar dentro de um campo conceitual ainda um pouco desconhecido para me que era sobre “gênero”. A literatura sobre grupos étnicos me acompanha desde início da graduação foi inserida no rol de leituras para empreender a análise.

O sentir e o pensar de mulheres negras, rurais, quilombolas, corporificado nesse texto que agora tecemos. Antes de traçar o caminho percorrido na construção de todo o processo dessa pesquisa gostaríamos de contextualizar o encontro com o lugar de onde falamos.

Essa pesquisa é resultado de uma trajetória que se inicia durante a graduação de Licenciatura em Ciências Sociais no Centro Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA) da Universidade de Campina Grande (UFCG). Mais especificadamente junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Etnicidade e Cultura (NEPEC). Durante minha graduação,

sempre participei de atividades acadêmicas desenvolvidas pela Universidade Federal de Campina Grande, pelo Campus do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, como também outras instituições. Logo, no segundo período, entrei para o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Etnicidade e Cultura (NEPEC), coordenado pelo professor Dr<sup>o</sup> Wallace G. Ferreira de Souza.

Como eixo principal o NEPEC faz pesquisas e estudos a acerca de povos tradicionais. E foi nesse espaço acadêmico, onde estou por mais de três anos que iniciei minhas pesquisas, produções, experimentando e vivenciando o ambiente acadêmico para além da sala de aula, pude sair dos muros da universidade. O NEPEC, posso dizer que contribuiu em grande parte para minhas escolhas acadêmicas, foi onde me encontrei, por meio do mesmo, escolhi qual linha de pesquisa trilharia durante o meu percurso como professora/pesquisadora.

Através do NEPEC e do Programa de Pesquisa e Extensão (PROPEX) da UFCG, participei do projeto de extensão “A botija é nossa: contação de história e sociabilidade no Cariri paraibano”, que desenvolveu suas atividades nas três comunidades quilombolas do Município de Livramento - PB (Areias de Verão, Suassurana e Vila Teimosa). Com objetivo de fomentar espaços de integração universidade/comunidade. Tais atividades extensionistas ampliaram a compreensão de espaço formativo e, contribuiu na valorização dos sujeitos negros quilombolas.

Nesse projeto de extensão foi onde tive o primeiro contato com as Comunidades Quilombolas, fazendo com que surgisse o questionamento acerca de questões sobre liderança feminina, aspecto esse que sempre se fez presente desde a construção da luta nas comunidades de Livramento – PB pelo acesso e permanências nas terras tradicionalmente ocupadas.

Nas visitas realizadas em algumas Comunidades Quilombolas do Cariri Paraibano, em especial as de Livramento - PB e Serra Branca – PB, as mulheres ocupam posições estratégicas, buscando seus direitos e assumindo a lideranças nas Associações Comunitárias. A opção pela referida localidade a comunidade Quilombola de Lagoinha, deve-se também ao fato da comunidade estar na luta pelo reconhecimento das terras quilombolas.

As mulheres vêm conquistando espaços importantes nas Associações ao perceberem que são sujeitos da história e que necessitam participar das decisões. Por este tipo de organização ter sido cada vez frequente e para compreender essa relação de gênero presente nas comunidades de Serra Branca – PB, apresento as mulheres da comunidade e os lugares que ocupam junto à comunidade e o porquê essa presença da mulher tem sido tão marcante no dia a dia daquela localidade.

Seja na atuação pelo reconhecimento das comunidades, que brigam pelas benfeitorias do grupo, sejam aquelas que representam a geração mais antiga das comunidades, que são guardiãs das memórias locais, aquelas que trabalhando no barro e na sua grande maioria chefas de casas, dentre tantas outras que na sua ocupação se fazem protagonistas e líderes. De rainha do lar à presidenta da comunidade. Esta tem sido a trajetória de várias mulheres da comunidade de Lagoinha.

Segundo os registros documentais e relatos dos moradores, esse é o primeiro estudo a tratar sobre as mulheres da Comunidade Quilombola de Lagoinha – PB e fazemos votos que outros pesquisadores das áreas de Ciências Sociais e afins sintam-se motivados a preencher lacunas que com certeza deixaremos ao longo da escrita.

A presente pesquisa poderá contribuir para questionar umas das formas ocidentais de pensar as relações de etnias, gênero, trabalho que, na maioria das vezes, deixa poucos espaços para a percepção de peculiaridades histórico – sociais de comunidades tradicionais negras, no que tange a forte presença de espaços ocupados historicamente por mulheres.

Assim, entrevistar e estabelecer um diálogo junto às mulheres quilombolas nos proporcionou *um outro olhar* para as histórias das mulheres negras e de tantas outras mulheres presentes em nosso cotidiano, pois, como formula Cardoso (1995, p.348) quando expõe que: “entre o ver e o olhar é a própria configuração do mundo que se transforma”, o ver as mulheres quilombolas irá se transformar no olhar, no compreender o que estava subjacente ao simples visível. Ademais, compartilho da compreensão de Cardoso (1995) ao declarar que o ver é o ato de enxergar de forma passiva, dócil e desatenta, ingênua e desprevenida, como se os olhos refletissem as coisas de forma embaçada, enviesada. Já o olhar é carregado de malícia, intencionalidade e também de premeditação. Seguindo essa compreensão, nosso olhar se fez cada vez mais instigado já que eram sempre referenciadas pelos seus pares como importantes na localidade, e mesmo fora dela.

No decorrer desse trabalho, tratamos de enxergar a realidade das mulheres quilombolas da Comunidade de Lagoinha, se transformando de o simples ver no olhar, no descortinar do real, no questionar, no indagar.

## **2.2 Delimitações de questões gerais da Pesquisa**

A participação das mulheres da comunidade de Lagoinha, em espaços de decisão como no movimento social, na associação e na política e suas práticas cotidianas é neste trabalho considerado de grande importância para o reconhecimento destas quanto sujeitas social, político e liderança local. Tais sujeitas estão inseridas num sistema de relações desiguais, em que o direito se



metamorfoseia em benefícios e o acesso a esses direitos perpassa por caminhos conflituosos, noutros momentos de suas formações pessoais e coletivas.

Historicamente, a negação de direitos, terra, a identidade trabalhadora rural quilombola à mulher, significou o seu confinamento ao espaço privado, uma vez que o exercício das suas várias jornadas de trabalho não era reconhecido como gerador de valor. Ainda que esta desempenhasse atividades significativas para manutenção da família, como o preparo da terra, plantio e colheita dos produtos de subsistência, o cuidado de pequenos animais, o cuidado com alimentação, higiene e limpeza para toda família ou realizasse outras atividades como, educadoras, como os trabalhos comunitários, como organizadoras de missas (CARNEIRO, 1994). Essa situação colocou as mulheres rurais na invisibilidade por longo tempo, pois os trabalhos destas se diluam nas atividades masculinas, apenas os trabalhos dos homens eram considerados produtivos.

Assim, o ingresso das mulheres em movimento social, por meio de sindicatos, associação, movimentação de mulheres pela titulação coletiva. Pode significar mais que uma simples participação, na verdade, pode constituir o nascimento enquanto sujeita social, até então invisível socialmente.

Desta maneira, a discussão a ser apresentada, gira em torno da participação das lideranças femininas na luta pela igualdade de gênero a partir de sua formação política e práticas cotidianas; partindo da história de vida de cada uma dessas mulheres, em especial da comunidade de Lagoinha. Neste sentido, podemos considerar que estes foram importantes para a formação social das mulheres daquela comunidade. Além disso, busca-se compreender questões como:

- ✓ Como as mulheres despertaram para atuar como liderança na comunidade, majoritariamente ocupadas por homens?
- ✓ Quais as experiências constitutivas do processo de empoderamento das mulheres na comunidade de Lagoinha?

Lançar-se à tentativa de mostrar a liderança e o processo de empoderamento das mulheres nessa comunidade (Lagoinha), é pressupor que existe um rompimento dessas mulheres com situação de submissão e alienação do processo histórico, para uma ordem que se reverte por meio da consciência de si mesma, de suas histórias e da história do lugar falamos. As mulheres negras de Lagoinha puderam aprender e tirar proveito, transformando, esse lugar de potência, fazendo uso criativo do lugar subalterno, transgredindo as normas e provendo mudanças sociais. Isso desmonta o mito da fragilidade feminina e mostra a identidade reivindicada de mulher negra como sujeitos transgressor, histórico e político

Lugar/posição de fala não se refere necessariamente a indivíduos dizendo algo; é um conceito que parte da perspectiva e visões de mundo se apresenta desigualmente posicionado. Afirma a autora Djamila Ribeiro: “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania.” (RIBEIRO, p.61, 2017). A partir das relações de poder das mulheres de Lagoinha, levando em conta os marcadores sociais de raça, gênero, classe, geração, sexualidade como elemento dentro de construções múltiplas na estrutura social. Portanto, o conceito de lugar de falar/posição de fala parte de múltiplas condições que resultam as desigualdades e as hierarquias que localizam grupos subalternizados.

Partindo das mulheres de comunidade (Lagoinha), procuramos expor o lugar de fala das mesmas, este lugar de fala não diz respeito a negar suas experiências individuais, tão pouco tratar de uma visão essencialista, mas, se referindo ao reconhecimento do lugar social e da reflexão de como esse lugar imposto para as mulheres negras rurais dificulta a possibilidade de transcendência. É necessário não confundir lugar de fala e representatividade devido às similaridades, pois falar a partir de lugares também é “romper com a lógica de que somente subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem<sup>2</sup>.” Pelo contrário, todas as pessoas possuem lugares de fala, uma vez que a discussão é sobre localização social e o mais importante é que “indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lugar social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares dos grupos subalternizados<sup>3</sup>.” Pensar lugar de fala é uma postura ética. Desse modo, consideramos para essa pesquisa como objetivo geral: Compreender o protagonismo das mulheres camponesas quilombolas e sua atuação como liderança nas Comunidades Quilombolas de Lagoinha, no município de Serra Branca – PB. Logo, para alcançar tal objetivo, definimos como objetivos específicos: a) descrever as histórias de vida dessas mulheres; b) examinar a divisão sexual do trabalho nas comunidades em que vivem; c) discutir ideia de redes de protagonismo dessas lideranças femininas dentro da perspectiva do feminismo negro.

Neste caminho, para conseguirmos aprofundar a análise teórica e metodológica em torno do objeto de pesquisa (**Meu barro é de Lagoinha: trajetórias de vida e experiências cotidianas de mulheres quilombolas**), apontamos algumas categorias de análise: relação de gênero, feminismo negro, empoderamento, liderança, práticas cotidianas e a divisão sexual do

---

<sup>2</sup>Ibidem p. 84.

<sup>3</sup>Ibidem p. 86.

trabalho. Essas categorias não foram analisadas isoladamente, á que elas se articulam para dar visibilidade ao objeto de estudo.

### **2.3 A construção da pesquisa: caminhos trilhados no seu decorrer**

Dialogar com o modo como as várias estudiosas e os vários estudiosos perceberam os sujeitos em seus trabalhos é um desafio para todos e todas que desejam investir e produzir um trabalho acadêmico. É também uma iniciativa interessante para verificar como os sujeitos das pesquisas, sobretudo nas Ciências Humanas, ora são resgatados, ora silenciados, arbitrariamente, nas análises de suas vidas, de suas condições e realidades. Nesse sentido, o lugar da pesquisadora ou do pesquisador e sua origem social influenciam no universo da produção do conhecimento já que a consciência do lugar social em que se encontra passa a explicitar o posicionamento e o seu olhar sobre o campo de estudo e a escolha dos sujeitos.

Uma das principais contribuições deixadas por Malinowski<sup>4</sup> para a antropologia foi o uso das técnicas de coleta de dados e registros de informações utilizadas em campo. Mas por outro lado, o uso das técnicas ou a decisão do quer ver, ouvir, registrar requer é uma discussão que não depende somente do ponto de vista do antropólogo, depende também de como o grupo estudado está observando a prática do pesquisador em campo.

Antes de tudo devemos pontuar que utilizaremos de maneira extensa o método de observação participante de Malinowski (1984). A relevância desse método consiste no fato do pesquisador ter acesso à dinâmica social da sociedade observada e nesse contexto participar da dinâmica e do acesso ao interior das práticas sociais que se apresentam, como vistas de fornecer ao pesquisador um olhar firme e claro sobre vários fenômenos culturais da vida real e do comportamento do nativo, ou seja, como buscaremos observar uma categoria mínima de maneira que tenha veracidade da matriz original.

O objetivo desta seção é explicitar todas as escolhas metodológicas que foram feitas no intuito de compreender e dar um bom andamento na pesquisa, levando em consideração aos processos de subjetividade e historicidade que envolve o trabalho de campo na Antropologia. Para início dessa exposição é primordial pontuar que esta pesquisa propõe uma análise de cunho qualitativo que visará fornecer dados etnográficos para registros, para socializar no campo da pesquisa e expandi-las.

---

<sup>4</sup> Antropólogo polonês, considerado fundador da escola funcionalista da Antropologia. Para ele a cultura é uma totalidade em funcionamento que integra hábitos, costumes técnicas e crenças. Todo elemento cultural deve ser estudado em seu contexto. Também estabeleceu a etnografia como elemento fundamental do estudo antropológico.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho etnográfico optaremos por um constante exercício proposto por Oliveira (2006) de olhar, ver, ouvir, como também, nessas idas e vindas, enfatizar os momentos do “estar lá” e no “estar aqui” abarcando a concepção de Geertz (2002), que vem perpassando entre coleta de dados e a escrita do texto etnográfico. A intenção nesse contexto é pensar e avaliar o “estar em campo” e “estar fora do local da pesquisa”.

Aqui é importante traduzir ou compreender o que acontece dentro do universo da pesquisa com um auxílio metodológico: das técnicas, com a utilização de gravador e equipamentos áudio visual (como máquinas fotográficas e celulares), conversas “informais” que não foram gravadas, observação direta e a pesquisa bibliográfica. Temos consciência de que o trabalho realizado pelo antropólogo em seus mais variados “lôcus” de pesquisar requer um aparato teórico – metodológico que traga bons resultados em suas pesquisas. Por isso é importante salientar que além dos casos referentes ao emprego de métodos e técnicas de pesquisa é também preciso pensar na subjetividade existente entre o pesquisador e seus interlocutores.

No entanto esse ver, ouvir, e registrar requerem que o pesquisador em campo esteja mais além do objetivo de aproximação com o grupo estudado; ele requer constantes estranhamentos, distanciamentos tanto da própria cultura dos grupos estudados, como do seu próprio fazer antropológico. Assim, tentaremos no decorrer dessa etnográfica mostrar que o trabalho de campo deve estar além da comunidade analisada, ele deve se comunicar com os fatores que estejam externos na pesquisa.

Passando para a parte de coleta de dados, nossa pesquisa recorreu para a História Oral por meio da técnica de entrevista semiestruturada. A História Oral é um importante instrumento de pesquisa para os que se voltam para as chamadas minorias, ou grupos sociais que não tiveram registrados seus modos de vida em documentos escritos/oficiais ou grupos sociais que não o tiveram, em sua maioria o foram sob uma perspectiva que os marginalizavam ou, as lhe retratar, o fizeram discursos eivados de preconceitos. A História Oral permitiu uma aproximação com a Comunidade Quilombola a partir de um ponto de vista que, mais facilmente, nos possibilitou ir além dos registros oficiais contados sobre elas, buscarei analisar a “história vista de baixo”, a partir das vivências e experiências dos próprios sujeitos que construíram tais comunidades.

Sublinhamos ainda que a História Oral se faça importante tendo em vista que nosso estudo será direcionado a uma comunidade quilombola em processo de reconhecimento, que secularmente constituiu a oralidade, e não a escrita, como umas das principais formas de transmissão de saberes, assim, o conteúdo das entrevistas nos apresentará tramas sociais

envoltas nas relações dos sujeitos da comunidade, que não seriam possíveis ser percebidas em outros tipos de fontes.

A História de vida apresentou-se como a Metodologia mais adequada para esse propósito. Ela consiste na produção de conhecimento a partir do discurso do sujeito sobre uma situação concreta de vida. A mesma como procedimento metodológico demanda o uso das fontes orais como entrevistas e narrativas, dentre outros, associados a documentos pessoais e outros tipos de cartas, livros, atas e relatórios.

A coleta de fontes orais configura-se muito da História Oral quando recorre às fontes orais. Entretanto, possuem diferenças, quando se usam entrevistas como procedimentos metodológicos. Entrevistas podem ser compreendidas pelo foco de interesse ligado ao recorte temporal. A História Oral interessa reconstruir o ponto de vista dos sujeitos, num período ou evento histórico, por intermédio de seus relatos. Já na História de Vida há interesse pelas trajetórias de vida dos sujeitos, associando-as à conjuntura do presente. Para Vanessa Barros (2002), o sujeito é uma história que, ao contar suas histórias, vivem de outra maneira. A partir daí, o presente e a relação que o sujeito estabelece com sua história, nesse tempo, nos permitem reencontrar o tempo passado. Sobre a História de Vida a autora esclarece: “trata-se de aprender o vivido social, o sujeito e suas práticas, na maneira pela qual ele negocia as condições que lhe são particulares” (2002, p.04). Sua dimensão está, portanto, na compreensão de fatos e na busca de sentidos que se concretizam numa relação dinâmica entre a trajetória e o contexto atemporal do sujeito.

A pesquisa ao abordar as trajetórias das mulheres negras de Lagoinha, tende a dar mais relevância aos momentos específicos dos sujeitos adequados aos seus propósitos e ao recorte temporal – a conjuntura presente, embora possa retomar elementos históricos para compreender esse mesmo presente. Por conseguinte, a principal técnica de coleta de dados, constitui-se na entrevista semiestruturada por possibilitar perguntas mais direcionadas, dispostas por pontos temáticos a serem respondidos livremente, mas com certo direcionamento. Isso possibilitou à pesquisadora fazer intervenções mais contundentes visando atingir o propósito da pesquisa.

Sob essa perspectiva, nossa pesquisa de campo foi composta pela realização de entrevistas com oito mulheres, da Comunidade de Quilombola de Lagoinha. Com o propósito de assim fazer com que tais entrevistas nos auxiliem no entendimento de quem são essas mulheres quilombolas que, hoje, no Cariri Paraibano, discutem, lutam, vivem e organiza seu espaço cotidiano, o seu espaço de experiência, como o território de vida através do seu protagonismo. A voz dessas mulheres é um documento singular que salvaguarda a história dos modos de resistir frente ao um contexto adverso, que impunha variadas formas de

marginalização ao povo quilombola, desta forma, pensaremos acerca das características do exercício e da transmissão de liderança feminina na referida comunidade.

Nesse sentido, as mulheres negras entrevistadas revelam-se dinâmicas e diferentes em relação ao perfil previamente traçado para selecioná-las. Possuem trajetória de vida diversa e, sobretudo, trajetória diante de suas experiências singulares, como podemos perceber ao conhecer o perfil de cada uma por de uma breve passagem por algumas dimensões de sua vida: família, escola, profissional, líder.

As entrevistas foram realizadas em diversos espaços e tempos, conforme a disponibilidade e indicação de cada entrevistada. Algumas delas ao contarem como sofreram e trabalharam durante a infância deixaram-me comovida, enquanto elas mesmas já com tranquilidade e, às vezes, com humor de quem já superou com desenvoltura. Ao longo das idas ao campo, existiu uma boa relação com as entrevistadas, e, além disso, acredito que houve um processo de identificação recíproca entre nós devido à afinidade de pensamentos e os objetivos comuns.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e devolvidas às mulheres entrevistadas. Nenhuma delas opôs qualquer impedimento ao uso do texto escrito.

Diante do desafio de reconstituir a realidade que o antropólogo tem para realizar e dar sustentabilidade ao seu trabalho articulando a teoria e prática é primordial que os registros fotográficos e de sons sejam utilizados no seu trabalho. Na pesquisa em questão, fizemos uso constante da câmera fotográfica para registro de imagens e do gravador para registro das entrevistas, o mesmo, serão responsáveis por registrar falas, situações e imagens dos nossos interlocutores. Esses elementos são vistos não somente como eles que auxiliam na construção de uma etnográfica, mas como uma forma de auto representação do grupo estudado. Enfatizamos que os referidos recursos estarão sendo usados de acordo com o código e as normas éticas da antropologia.

Outro fator primordial que destacamos em nosso trabalho é sobre a importância que tem as formas de registros de dados (diários e notas de campo) e por fim a escrita etnográfica. O diário e as notas feitas em campo tornam-se importante a partir do momento em que não devemos confiar totalmente em nossa memória e para não perdermos inúmeros labirintos culturais que nos fornecem o campo. Assim, o ato da escrita que nosso pensamento caminha e através desse ato que aprofundamos nossas análises e solidificamos nossos argumentos como aborda Silva (2000):

No diário de campo, o antropólogo procura registrar para si e construir aos poucos e precariamente, suas observações, na primeira leitura dos sistemas culturais que investiga (parentesco, rituais, economia, organização social, além de registrar insights rápidos clarões de sentidos que repentinamente parecem fornecer as chaves com quais as portas fechadas da cultura do outro se abre) anotar dúvidas e expor perplexidades inconfessáveis. (SILVA, 2000, p.69).

Devemos destacar que o diário de campo surgiu nesse contexto como meio para repensar nosso trabalho e além do contexto no que será observado durante a realização da coleta de dados. Sua utilidade residirá no fato de que nos servirá como forma de registro e para anotar as dúvidas, confissões, lembranças, comparações que surgiram no decorrer do contato com as comunidades.

Na dimensão da escrita etnográfica procuramos abranger envolvimento das questões que estão explícitas no “estar lá” e o “estar aqui”, de Geertz (2002), no intuito de produzir uma descrição da relação entre o observador e observado numa dimensão ética, de maneira simples que abarque todo o universo de objetivos propostos e que relate os dados fieis as aproximações e distanciamentos realizados pelos agentes envolvidos na pesquisa, procurando transformar as experiências vividas em textos escritos, não só elaborado linguisticamente, mas reforçando a concepção de Silva (2000), com a necessidade de articular o conhecimento antropológico com as dimensões morais e éticas que atuam no trabalho do campo.

Para trabalharmos a história de vida das mulheres da comunidade, utilizamos da técnica de histórias de vida, esta que derivou da metodologia da genealogia, para como base da construção desta pesquisa foi de extrema valia. Com a mesma contextualizamos as entrevistas realizadas com as experiências únicas das oito mulheres entrevistadas o que ressaltou para nos pesquisadores uma experiência única em trabalhar com as mesmas e diante dos desfechos atingimos o resultado das problemáticas levantadas na pesquisa. Esta que derivou da metodologia da genealogia, para como base da construção desta pesquisa foi de extrema valia.

Assim, todos os passos que foram dados para a construção dessa pesquisa foram de fundamental importância para aprender, marcar, registrar em nossas percepções, o que está em jogo na realidade social das mulheres da Comunidade de Quilombola de Lagoinha, para a concretização dos objetivos propostos no trabalho.

## 2.4 Entre mulheres negras: caracterização das principais interlocutoras

No Brasil, mulheres principalmente negras, nem sempre puderam falar, escrever, ou publicar sobre si mesmas. Como também, pouco tiveram suas vozes plenamente respeitadas por aqueles que delas falaram, escreveram e publicaram. De modo geral, nesse país estruturalmente racista e machista, o protagonismo negro para se expressar, foi inviabilizado. Nossas memórias coletivas por muitas vezes foram distorcidas, não lembramos quem somos, quando fala em heróis negros, resume apenas em Zumbi dos Palmares, e a as heroínas negras, têm sido relegadas ao esquecimento.

Mesmo que as lutas dessas guerreiras, em seus diferentes campos de atuação, tenham sido duramente reprimidas e derrotas, inclusive seus custos de vidas tenha tido poucos resultados práticos imediatos, elas nos oferecem um ganho absolutamente crucial.

Encorajamos, relegar o silêncio as essas heroínas negras, decidimos dar lugar a essas heroínas que lutaram nas terras brasileiras, anônimas ou pouco desconhecidas, escolhemos oito nomes delas. Cujos nomes fazemos uma relação com as mulheres negras da comunidade de Lagoinha, ou seja, cada entrevistada teve sua trajetória de vida relacionada com essas heroínas negras, nesse sentido tiveram uma similaridade entre elas, que ao leitor, ler e ouvir sobre essas mulheres negras, possa contribuir para o resgate da memória: como mulheres negras, como pessoas negras, como brasileiros e brasileiras.

Para uma breve descrição do perfil das mulheres entrevistadas, não se fez necessário manter o sigilo das identificações, todas as entrevistadas assinaram o termo de consentimento para o uso dos seus reais nomes. Optamos por usar os nomes das interlocutoras fictícios por motivos pelo qual na identificação das entrevistadas utilizaremos os nomes das mulheres negras que tiveram grande importância na história do Brasil, no que diz respeito à luta pela igualdade de gênero. Dandara<sup>5</sup>, Tereza de Benguela<sup>6</sup>, Luisa Mahin<sup>7</sup>, Tia Simoa<sup>8</sup>, Antoniete de Barros<sup>9</sup>,

---

<sup>5</sup>Negra guerreira na resistência contra a escravidão no Brasil, líder do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi.

<sup>6</sup>Líder quilombola do quilombo de Quariterê. Dia 25 de Julho no Brasil é oficialmente o dia de Tereza de Benguela, uma data para enfatizar a luta das mulheres negras no país.

<sup>7</sup>Mãe do poeta Luís Gama e grande liderança na luta contra a escravidão no Brasil.

<sup>8</sup>Esposa líder na luta contra a escravidão no Ceará. Através do Grupo de Mulheres Negras do Cariri, as Pretas Simoa, pelo qual a história de Tia Simoa se tornou mais conhecida.

<sup>9</sup>Primeira deputada negra do Brasil, que também era uma grande jornalista e educadora.



Maria Felipa<sup>10</sup>, Carolina Maria de Jesus<sup>11</sup> e Aqualtune<sup>12</sup> de Jarid Arraes, encontramos nos cordéis as histórias de mulheres negras, personagens reais, que viveram no período pré-abolição. Muitas semelhanças entre elas puderam ser encontradas, no entanto, o que mais se destacou foram como essas mulheres não aceitaram o destino que lhes foi imposto e lutaram por sua liberdade. Outro ponto comum entre elas é a falta de reconhecimento, uma vez que o papel de destaque em geral é masculino. Mas mesmo ofuscadas pelo racismo e pelo machismo, as heroínas que aparecem ao longo do texto ganharam destaque através da literatura de cordel, literatura popular nordestina em forma de verso, a fim de tornar as histórias dessas mulheres conhecidas por todos.

A escolha das entrevistadas, não se deu de forma aleatória, todas têm ou tiveram passagens marcantes que despertaram para atuarem como líderes na comunidade. As ações e trajetórias das mulheres são singulares para compreendermos os processos de reivindicações por igualdade de gênero e na luta através das experiências constitutivas do processo de empoderamento político na comunidade negra rural de Lagoinha, Serra Branca – PB.

Através da literatura de cordel de Jarid Arraes, a obra intitulada de “Heroínas *Negras Brasileiras em 15 cordéis*”, reuni alguns dos cordéis que mesma publicou. Diante da tamanha ausência de referências às mulheres negras, sejam na literatura ou em outras artes através dos trechos dos cordéis citados adiante trazemos uma nova representação da mulher negra na literatura. Muitas feministas negras<sup>13</sup> pautam a questão de quebrar o silêncio como sendo primordial para a sobrevivência das mulheres negras (Ribeiro, 2018). O ponto positivo dos cordéis é a persistência de uma representação da mulher negra de modo afirmativo, de identidade de guerreira, afirmativa, sem estereótipos negativos tão repetitivos em outros cordéis.

O modo como as mulheres negras são retratadas nesta literatura remonta aos mais estereótipos criados desde o período colonial. São nos trechos dos cordéis que as suas dores, lutas, anseios, história e memória são retratadas. A mulher negra com capacidade de se mostrar, agora por sua capacidade e sentidos. A necessidade de acabar com as discriminações e

---

<sup>10</sup> Uma líder na ilha de Itaparica durante as batalhas pela independência da Bahia.

<sup>11</sup> Personalidade complexa e instigante. Seu livro “Quarto de despejo”, escrito na favela do Canindé em São Paulo em 1960, projetou-a para o mundo e os altos círculos da literatura.

<sup>12</sup> Matriarca do quilombo dos Palmares, onde já estava antes de Ganga-Zumba e Zumbi. Era respeitada como conselheira para casos rotineiros e de batalha, considerada mãe de todos. Teve um dos mocambos do quilombo batizado com seu nome.

<sup>13</sup> Algumas autoras que abordam a importância do falar em suas obras são: Angela Davis, Audre Lord e Alice Walker.

estereotipação literárias a elas atribuídas ficam comprovadas nas várias mulheres heroínas dos cordéis de Jarid Arraes. A seguir, o perfil de cada uma dessas mulheres.

#### 2.4.1 Dona Zefinha (Aqaltune)



Dona Zefinha  
(Aqaltune)

*Quando penso em Aqaltune  
Sinto esse encorajamento  
A vontade de enfrentar  
De mudar nesse momento  
Tudo aquilo que é racismo  
E plantar conhecimento.*  
(ARRAES, Aqaltune, 2017, p. 32)

Dona Josefa (Aqaltune), cem anos, casada, mãe de três filhos e uma neta criada como filha, nasceu na cidade em Serra Branca, na comunidade de Lagoinha, onde ela nasceu hoje é o bairro da Conceição, que era onde a mãe dela morava. É a mulher mais antiga da comunidade, guerreira, dedicada ao esposo e aos filhos, trabalhou na agricultura, fez louça, dona de uma memória e um sorriso encantador, uma guerreira, que há cem anos veem enfrentando as lutas diárias impostas pelo tempo, e nunca perdeu a coragem. Destaca-se por ser guardiã de memória.

#### 2.4.2 Dona Solange (Tia Simoa)



Dona Solange  
(Tia Simoa)

*Essa história é conhecida  
Mas esconde a personagem  
A mulher fortalecida  
Que nos é a forte imagem  
Feminina a negritude  
Rica força de atitude  
Coroadada com coragem.*  
(ARRAES, Tia Simoa, 2015, p. 2)

Dona Solange (Tia Simoa), é filha de Aqualtune, nasceu na comunidade, sempre foi superprotegida pelo seu pai, por ser filha única mulher. O seu primeiro casamento, não durou por muito tempo, e foi a partir daí, que a mesma passou a ser pai e mãe dos seus filhos. Conhecida por ser uma mulher forte e corajosa, sempre trabalhou muito para cuidar dos seus dois filhos. Simoa tem um papel fundamental na educação daquela comunidade, atuou como educadora, a primeira professora. Suas memórias sobre a formação da fundação da primeira escola no ano de 1981 foi imprescindível, e sua atuação nesse espaço de formação educacional, onde atuou por onze anos e seis meses.

#### 2.4.3 Dona Santana (Dandara)



*Dona Santana*  
(Dandara)

*Guerrear pelo seu povo  
Era o que lhe motiva  
O sonho da liberdade  
Para todos cultivava  
Sendo muito decidida  
Era até envaidecida  
Pela força que ostentava.*  
(ARRAES, Dandara, 2017, p. 49)

Dona Santana (Dandara), noventa e um anos, filha de Lagoinha, viúva, casou-se em 1950, viveu mais de sessenta anos de casada, atualmente na comunidade é a única louceira que faz panelas de barro. Teve dez filhos, desses morreu apenas um, Dandara por muitas vezes não tinha como “olhar” seus filhos, e pagava a uma mulher, naquele tempo o valor era equivalente a um real. Procurando dá uma condição melhor aos seus filhos, saía pelas cidades para vender suas louças, além disso, trabalhava no roçado de sua casa, realizando algumas práticas cotidianas, dentre elas, o trabalho na agricultura.

#### 2.4.4 Dona Rosário (Luísa Mahin)



*Dona Rosário*  
(Luísa de Mahin)

*Luís da Gama que escreveu  
Sobre ela registrou  
Era magra e muito bela  
Dentes alvos como neve  
De um gênio vingador.*  
(ARRAES, Luísa Mahin, 2017, p. 90)

Dona Rosário (Luísa Mahin), noventa e dois anos, como ela diz: “*meu barro é daqui de lagoinha.*”<sup>14</sup> Filha da terra, tem umas das histórias mais árduas. Ficou viúva logo cedo, tinha um filho que ia completar quatro anos de idade, com oito filhos. Sua base para dá o sustento familiar foi fabricar louça de barro, comercializando as mesmas pelas cidades vizinhas, naquele tempo por não ter acesso a transporte, a mesma deslocava-se de uma cidade para outra caminhando, como disse a mesma: “*naquele tempo era tudo aviação canelinha.*”<sup>15</sup> E mesmo com as dificuldades não deixou de ser uma mãe presente, fazendo o melhor para os seus filhos, torna-se chefe de família.

#### 2.4.5 Dona Bernadete (Tereza de Benguela)



*Dona Bernadete*  
(Teresa de Benguela)

*Que seus feitos importantes  
Não mais sejam esquecidos  
Que o racismo asqueroso  
Não lhes deixe escondidos  
Pois são para o povo negro  
Exemplos fortalecidos.*  
(ARRAES, Tereza de Benguela, 2017,  
p.141)

Dona Bernadete (Tereza de Benguela) tem setenta e sete anos, casada, com três filhos, saiu de sua terra em busca de melhores condições de vida para os seus filhos, enfrentou diversas situações, tendo que sair do seu lugar de origem e ir para cidade grande. A mesma foi uma das

<sup>14</sup> Entrevista com Luísa Mahin, na Lagoinha em 05/10/2018.

<sup>15</sup> Entrevista com Luísa Mahin, na Lagoinha em 05/10/2018.

primeiras mulheres da comunidade a se aventurar em para outra realidade social, a mesma permaneceu por um bom tempo na região sudeste, atualmente faz resistindo bravamente às condições sociais que eram impostas por mais de 20 anos, o que foi transformador, tornando – se símbolo de liderança, força e luta pela liberdade.

#### 2.4.6 Dona Raimunda (Antonieta de Barros)



*Dona Raimunda*  
(Antonieta de Barros)

*É por isso que eu digo  
Antonieta é exemplar  
E além de inspiradora  
Pode muito desbravar  
Foi abrindo os caminhos  
Pra gente também passa.*  
(ARRAES, *Antonieta de Barros*,  
2017, p.21)

Dona Raimunda (Antoniete de Barros), filha de Lagoinha, irmã de Teresa de Benguela, casou – se com seu primo carnal, para que houvesse o casamento teve que falar com o bispo, dessa união nasceu cinco filhos. Antes do casamento, Antoniete ajudava e as irmãs nos serviços de casa e fabricava panela de barro. Ao casar, foi morar em uma comunidade próxima chamada Lagoa de Serra, após o casamento, começou junto com seu marido a trabalhar na agricultura, plantou durante um bom tempo de sua vida. Após longos anos, separou-se do marido e a mesma, voltou para sua terra Lagoinha, em relato ela disse: “*voltei pra onde ta meu ninho, sempre senti falta daqui*<sup>16</sup>”.

#### 2.4.7 Fábria (Carolina Maria De Jesus)



*Fábria*  
(Carolina Maria de Jesus)

*Carolina é um tesouro  
Para o povo brasileiro  
É orgulho para as mulheres  
Para o povo negro inteiro  
Referência como exemplo  
De valor testamentário.*  
(ARRAES, *Carolina Maria de Jesus*,  
2017, p.21)

<sup>16</sup> Entrevista com Antonieta de Barros, na Lagoinha, em 05/10/2018.

Fábria (Carolina Maria de Jesus), cinquenta e um ano. Casou-se aos dezesseis anos de idade, tem apenas uma filha. Desde fundação da Associação Comunitária Rural de Lagoinha, que a mesma atua assumindo diversos cargos, mas, atualmente ocupa a posição de presidenta da associação da comunidade. É responsável por todo movimento e articulação política. Carolina, também atua nas práticas cotidianas juntamente com seu marido, trabalha na agricultura planta, cuida dos animais, trabalha cuidando de uma senhora idosa, na cidade de Serra Branca e está à frente do projeto do PROCASE, em que a comunidade foi beneficiada. É a mulher da comunidade que está à frente da militância, foi a primeira negra a participar de movimentos de mulheres e quilombolas da comunidade. Carolina, com toda a sua devoção fé, é também conhecida na comunidade por ter uma “reza forte”. Em uma de suas falas ela disse: “*eu rezo em pra qualquer coisa, espiela caída, olhado, rezo nas plantações, nos bichos, basta ter fé, que a graça é alcançada*<sup>17</sup>”. Foi em sua casa que me hospedei nas várias vezes em que estive na comunidade. Foi o laço de amizade e de confiança construído com ele e sua família a credencial para me inserir positivamente na comunidade.

#### 2.4.8 Fabiana (Maria Felipa)



*Mulher negra corajosa  
E também trabalhadora  
Era muito bem querida  
Pela gente sofredora  
Um exemplo irreparável  
De mulher pejejadora  
(ARRAES, Dandara, 2017, p. 98)*

Fabiana (Maria Felipa) tem cinquenta e um ano, separada, tem duas filhas, irmã gêmea de Carolina Maria de Jesus, possui grande destaque na comunidade, está à frente das causas participando assídua das articulações políticas da comunidade. Atua como tesoureira da associação comunitária. É agricultora, dona de casa, cuida de uma senhora de idade, é dona de uma alegria contagiante e uma fé inabalável, Felipa é católica e destaca-se por ser também uma grande rezadeira. Suas histórias de “amor” e as várias narrativas que ouvi em longos diálogos sobre assuntos diversos, relações de trabalho, nascimento, vida e morte de seus parentes revelavam um pouco de si mesma e muito de seu grupo de origem.

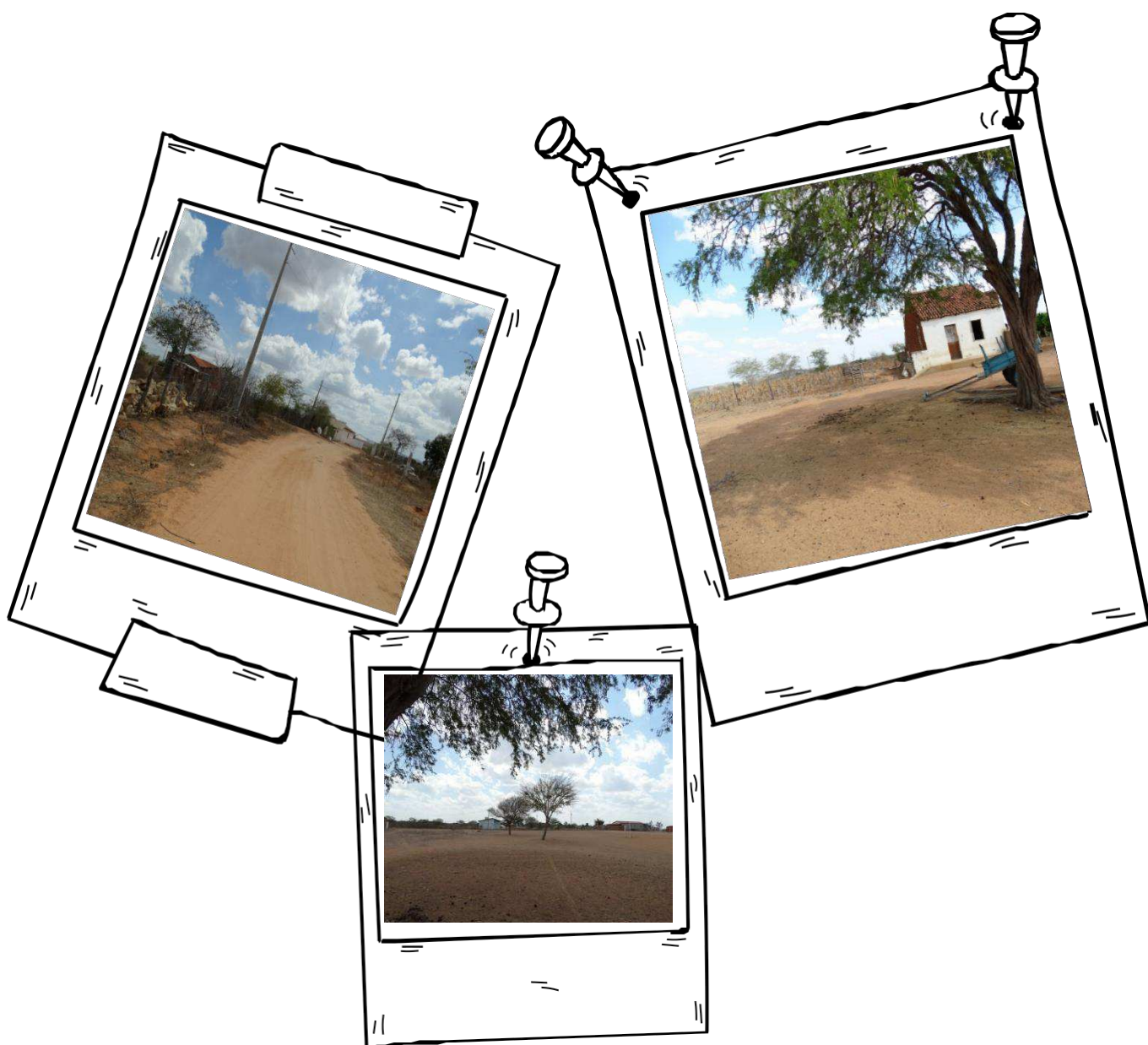
<sup>17</sup> Entrevista com Carolina Maria de Jesus, na Lagoinha, em 05/10/2018.

No Brasil, mulheres, principalmente as negras, nem sempre puderam falar, escrever e quanto mais publicar sobre si mesmas. Também tiveram suas vozes plenamente desrespeitadas por aqueles que delas falaram, escreveram e publicaram; na maioria homens brancos.

Neste sentido, o elo das mulheres negras de Lagoinha com as heroínas negras, guerreiras, nos levou a fazermos uma relação entre elas, onde cada um tem seu campo de atuação, as que tenham sido duramente reprimidas e derrotadas, inclusive ao custo de suas vidas, as que tiveram poucos resultados práticos imediatos, nos permitindo tomamos como consciência que a mulher negra, tem uma imensa força e vasta inteligência, na sua diversidade de ser mulher e negra e que a história dessas mulheres é uma herança cultural, é a realidade do povo negro.

Na secção a seguir buscamos através de um passeio na região onde essas mulheres nasceram traçamos um caminho no qual permitisse recuperar uma parte das trajetórias dessas mulheres corajosas, intensas, desafiadoras, através de suas raízes históricas, onde tudo começou, buscando contribuir para o tão necessário enegrecimentos dessas mulheres, viajando ao passado até chegarmos às descobertas dos dias atuais, verificando onde essas flores brotaram e diante disso a importância na condição dessas mulheres, negras, cidadãs. Temos uma longa caminhada pela frente.

## 3

UM PASSEIO PELA COMUNIDADE  
QUILOMBOLA DE LAGOINHA



### 3.1 Serra Branca: contextualizando o território da pesquisa, onde tudo começou

Este tópico refere-se ao município no qual realizamos a pesquisa de campo com o intuito de observar as formas de liderança das mulheres negras rurais através das práticas cotidianas de um grupo étnico específico. A comunidade quilombola de Lagoinha, localizada no município de Serra Branca, no interior do Paraíba.

O município de Serra Branca (Mapa 1) fica localizado no Cariri Ocidental, há 238 km de João Pessoa, capital da paraibana. Apresentando um contingente populacional de 13.630, de acordo com os dados do IBGE, 2018, subdivididos em 738 km<sup>2</sup> de área.

**MAPA 1** – Região Nordeste, mostrando a Paraíba e o município de Serra Branca-PB.



Fonte: Acervo Rosana Medeiros, 2018.

Acerca estão os municípios de Coxixola, São José dos Cordeiros e São João do Cariri, e Monteiro. Os municípios que se limitam com esta cidade também são pequenos e de pouca densidade demográfica, tendo Sumé, como o mais importante e de maior população, mas que não excede vinte mil habitantes.

Sabe-se que a cidade de Serra Branca, no contexto atual constitui de oito bairros: “Ahú, Limeirão, Vertentes, Alto da conceição, Pereiros, Pilão, Auto da Conceição e Odonzão”<sup>18</sup>

Devemos destacar que sua história se inicia a cerca de trezentos anos, no início do processo de colonização, mais precisamente, no ano de 1751, no momento em que o Capitão Mor Antônio de Oliveira Ledo, até então, em seu perfeito juízo, em sua casa, localizada na cidade de Olinda, Recife – PE, devidos problemas de saúde e devido estar em uma idade avançada (estima-se que ele morreu com quase 100 anos), resolveu fazer o seu testamento.

Baseando em documentos oficiais (inventários), no momento em que Antonio de Oliveira Ledo estava escrevendo, lembrou dos seus bens localizados no Cariri, e o mesmo declarou o Sítio da Serra Branca no Cariry de Fora, (Fotografia 1) possuindo três léguas de comprimento e duas de largura, o mesmo afirmava que na Serra Branca possuía vinte e três cabeças de gado cavalari entre machos e fêmeas.

**FOTOGRAFIA 1** - Casa grande da Fazenda Serra Branca sec. XIX.



Fonte: Acervo José Pequeno (Zezito), 2000.

Em 1752, após um ano que havia escrito o inventário, Antonio de Olivera Ledo morre, e muitas famílias chegam à região, advindo, desta forma, o processo de colonização. Com a

---

<sup>18</sup> Segundo consta na obra “*Traços históricos e culturais do Cariri*” (2012)

chegada dos primeiros colonizadores que invadiram essa região, ao chegarem às terras estavam ocupadas por muitos escravizados<sup>19</sup> e índios.<sup>20</sup>

De acordo com o historiador José Pequeno (Zezito),<sup>21</sup> o município de Serra Branca teve início com a chegada à região dos primeiros colonizadores europeus começando pelos portugueses, tendo Teodósio Oliveira Ledo e sua mulher Izabel Pais, e os seus três filhos: Antonio Oliveira Ledo, Adriana Oliveira Ledo e Francisco Oliveira Ledo.

Conforme o historiador Wilson Seixas, os primeiros casais que chegaram neste lugar da Serra Branca, fundando o primeiro rancho rural, foi Teodósio de Oliveira Ledo e sua esposa Izabel Pais, os mesmos conviveram com os índios da mesma aldeia da Serra Branca que a chamavam de Itamorotinga que quer dizer (pedra branca ou pedra esbranquiçada).

O lugar da Serra Branca, no passado estava registrado como uma grande sesmaria doada à Família de Oliveira Ledo pelo governador Geral da Bahia que era aproximadamente 50 léguas de terras<sup>22</sup>, beirando o rio Paraíba e quase toda esta região do Cariri estava incluída neste documento.

Durante muito tempo, houve conflitos entre os nativos e os homens brancos, não só pela posse da terra, mas, também, para expulsá-los da região e cujos conflitos receberam o nome de “Guerra dos Bárbaros”; os senhores matavam muitos índios e muitas mulheres índias se casaram com estes senhores sendo que algumas delas eram bravas e eram pega a força para se juntarem com os brancos e formarem novas famílias. O motivo de muitas índias, em especial, terem se casado com os brancos era que as mulheres que vinham de Portugal eram poucas e os homens estavam sozinhos precisando de companheiras para formar suas famílias, sendo que a Igreja autorizou esses casamentos.

---

<sup>19</sup>Nessa perspectiva, cada contexto de luta pela liberdade se configura como um sistema complexo e motivador de leituras, significações e possibilidades interpretativas. Ao fazermos a substituição do vocábulo escravo por escravizado buscamos a instauração de um novo ponto de vista, de modo que possamos sinalizar e reforçar o fato de que seu uso apesar de recente traduz uma nova visão acerca das relações histórico-sociais empreendidas no período da escravidão.

<sup>20</sup> Estes denominados de índios Cariris. Também podem ser chamados de nativos, porque foram os primeiros habitantes da região e que viviam de agricultura plantando mandioca, milho, e outros produtos de sua cultura. Eles viviam em aldeias às margens dos rios com suas famílias, também caçavam e pescavam e tinham seus próprios costumes e tradições.

<sup>21</sup> Professor, Mestre e especialista em História Social da Escravidão e Relações Étnico-Raciais, pela UFCG, o autor colaborou de forma indispensável para a pesquisa concedendo um material, este, baseado nos documentos oficiais sobre a História Oficial do Município de Serra Branca - PB.

<sup>22</sup> As medidas no período Colonial, não eram precisas e sim, aproximadas e o Sertão, era toda a região que ficava após o Litoral. Neste caso, todo o Brejo e Agreste paraibano estavam incluídos na região que era chamada de Sertão.

Naquele período, outros invasores penetraram pela região do Cariri e adquiriram terras através de cartas de sesmarias<sup>23</sup> dadas pelo governo da Capitania da Paraíba dentro dos próprios limites de terras dos Oliveira Ledo. O senhor Teodósio de Oliveira Ledo matou e sacrificou muitos índios, e estes, foram embora da região devido às guerras com este senhor e seu bando que usavam armas de fogo contra os nativos que estavam armados apenas com arcos e flechas, mas, também, muitos senhores, e gente dos seus bandos foram mortos pelos índios; eles não aceitavam ser escravizados e entravam em lutas onde morriam muitos dos dois lados como já citamos a “Guerra dos Bárbaros”.

Desta feita, muitos índios passaram a se misturar com os brancos e os negros formando uma população denominada de “miscigenada.”<sup>24</sup> Formou-se uma população misturada entre brancos, negros e índios que deu origem à população de Serra Branca e do Cariri Paraibano.

Conhecer a história de Lagoinha, (Fotografia 3) através de discursos dos interlocutores nos permite embarcar numa significativa viagem pela memória dos mesmos e resgatar aspectos da história e cotidiano daquela comunidade. A partir da entrevistas e observação participante, passamos a ter ideia de como se deu a organização da comunidade por pessoas ou famílias que chegaram fixaram moradia e se dedicaram as atividades importantes para a sobrevivência no local.

### **3.2 Entrecruzando passado e presente: contando brevemente a história da comunidade**

A comunidade de Lagoinha está localizada a 3 km do município de Serra Branca, é composta por uma população estimada em quase duzentas pessoas de acordo com a presidenta da Associação. O acesso à comunidade de Lagoinha acontece pela BR-412, ligando a PB-200, em direção a cidade de Coxixola – PB. Esta estrada foi feita há pouco tempo, a mesma, oferece melhores condições aos viajantes por ser pavimentada. Veja a seguir o Mapa 2.

---

<sup>23</sup>Irineu Joffly e João de Lira Tavares em cartas de Sesmarias na Paraíba onde os dois autores fazem um estudo destacando todas as cartas de sesmarias incluindo muitas destas pela região do Cariri e no município de Serra Branca.

<sup>24</sup>A miscigenação ou mestiçagem consiste na mistura de raças, de povos e de diferentes etnias. Assim, multirraciais ou mestiças são as pessoas que não são descendentes de uma única origem. Essas pessoas possuem características de cada uma das raças de que descendem.

MAPA 02 – Localização geográfica de Lagoinha



Fonte: Acervo Rosana Medeiros, 2018.

A partir do estabelecimento de relações de sociabilidade entre os moradores da comunidade durante a pesquisa de campo, muitas conversas se desenvolveram principalmente nos fins da tarde. Esses espaços foram essenciais, uma ou outra pessoa, nos trazia informações valiosas, foram nesses contextos que surgiram narrativas aparentemente desprezíveis.

Após uma manhã de entrevistas com algumas interlocutoras, ainda no momento de nossa conversa chega às irmãs Antonieta de Barros e Teresa Benguela. Na conversa com Carolina Maria de Jesus tomamos conhecimento sobre a Fazenda Serra Branca que segundo a mesma a comunidade teve início a partir dessa propriedade. Falar da fazenda foi o fio condutor que nos levou para o surgimento da comunidade a partir das irmãs Antonieta, Tereza e suas memórias.

Quando terminei a conversa com Carolina, Teresa Benguela, sentada em uma poltrona, bem pensativa, começou a voltar ao passado e foi denotando as lembranças, alçando outros tempos, em que o seu bisavô viveu e das coisas que ouviu dizer pelos mais velhos. E a mesma começa a relatar sobre os primeiros acontecimentos vividos naquela comunidade:

(...) meu bisavô chamava-se Deodato, veio de Portugal, veio ele com a família dele e se assentou no Ligeiro de Baixo, aí foi ele invadiu essa terra aqui de Lagoinha. Então, o filho dele que era meu avô se apossou na casa grande **onde fez aquela primeira entrevista**, era chamado de Pai Galdino, e ele ficou no Ligeiro e tem muita gente dele descendente no Ligeiro de Baixo, por que ele não veio sozinho. Ele não trouxe somente Pai Galdino, ele trouxe bastante

gente. Zé Caboré, Inácio Carambola e mais gente, muita gente mesmo... Eu não sei contar muito, mas o que eu sei foi que ele veio de Portugal, sabia trabalhar fazendo telha e essa mulher foi pega no mato, ela era negra e casou-se com ele, e ela trabalhava na Fazenda Serra Branca. Não sei o nome dela, sei que era muito gorda e chamava era de Maria Garupa. Casou – se e foi morar no Ligeiro de Baixo. Ele fazia telha e ele panela de barro. Por isso, a gente tudinho é louceira, o barro surgiu dela, foi à primeira mulher a trabalhar fazendo panela de barro.<sup>25</sup>

A formação de Lagoinha, segundo o depoimento de alguns moradores, inicia-se através dos primeiros moradores daquela região, Deodato, sua esposa e sua família, que ao vim de Portugal invadiu as terras, ocupando o território, precisamente a região do Ligeiro de Baixo. Seu filho “Pai Galdino”, casou-se com uma mulher negra da Fazenda Serra Branca, que segundo as memórias de algumas entrevistadas em seus relatos orais, ela havia fugido e estava no mato.

Após seu casamento, Pai Galdino<sup>26</sup> herda do seu Pai Deodato parte da região que foi invadida, que hoje é a região de Lagoinha, e em 1913 construiu “a casa grande”<sup>27</sup> (Fotografia 2) com mais de um século, é um patrimônio histórico, onde guarda as memórias de um povo que teve suas lutas todas partindo em torno daquela casa, que por muitos anos foi passando gerações e mais gerações, e nos dias atuais a família de Aqualtune, mais precisamente o seu filho, reside na propriedade.

---

<sup>25</sup>Entrevista, 07/10/2018. (Grifo nosso)

<sup>26</sup>Pai Galdino era avô de Aqualtune, Dandara e Luísa Mahin, mulheres negras, guardiãs da memória da Comunidade, ao decorrer do texto conheceremos mais sobre a história de vida dessas mulheres.

**FOTOGRAFIA 2** – Primeira casa construída na comunidade de Lagoinha, em 1913, “a casa grande”.



Fonte: Acervo, Rosana Medeiros 2018.

A memória, como é construída e foi observada em Lagoinha veio por meio das lembranças dos moradores da primeira casa construída na comunidade (Fotografia 1), ao reunirmos algumas das senhoras mais idosas do local e pôde ser apreendida a partir do conceito de “memória coletiva” de Halbwachs (2006), pois é uma memória construída através da vivência do sujeito no espaço onde nasceu, cresceu e aprendeu as histórias de um tempo que não viveu as histórias do tempo que viveu e as histórias do tempo que vive.

As narrativas as quais recorremos para tecer essas histórias, portanto, não foram construídas num espaço vazio, como salienta Mello (2012), mas provocadas pela pesquisadora em campo que, atenta aos momentos propícios para colher informações úteis para sua análise, intensificou as perguntas e, de alguma maneira, conduziu (e foi conduzida) para aquilo que considerava mais significativo. A esse respeito Mello (2012) fez a seguinte reflexão quando em contato com os moradores de Cambará, no Rio Grande do Sul:

A introdução do etnógrafo como ator na etnografia é importante por inserir a “memória coletiva” no âmbito de relações sociais concretas. Dessa forma, narrativas não são dados pré-construídos à espera do registro do antropólogo,

mas ganham formato nos próprios diálogos com o pesquisador (MELLO, 2012, p. 195).

Os discursos relativos ao passado e ao tronco comum do qual descendem os atuais moradores atestam, por exemplo, a “imemorialidade da ocupação” do espaço, por várias gerações que lá estiveram, “botando roçado”, construindo casa, telhas, louças de barro, inscrevendo e sendo inscritos no espaço lugar praticado por uma coletividade etnicamente constituída.

Para além das narrativas, baseando-se em documentos oficiais como os inventários, registros de batismo e fonte, estas arquivadas no Fórum de São João do Cariri, pelo historiador José Pequeno, os negros que vieram para esta região, como escravizados dos seus senhores, muitos fugiram dos trabalhos duros e forçados dos engenhos de açúcar e se escondiam pelas terras do Cariri, assim, em Serra Branca, onde formaram as comunidades negras as mesmas de grande importância prestavam serviços trabalhando nas fazendas e formaram os primeiros povoamentos, como homens livres ou escravizados, desde modo, contribuindo para o processo que deu origem a população do Cariri.

Segundo José Pequeno, consta nos inventários da antiga fazenda Serra Branca, está com uma grande quantidade de escravizados, livres e libertos e negros aquilombados, que os mesmos, habitavam os sítios de Ligeiro de Baixo, **Lagoinha** (*grifo nosso*) e Cotó. Neste sentido, essas comunidades têm fortes traços de ascendência africana, dando ênfase para comunidade na qual realizamos nossa pesquisa.

A partir das fontes, relatos, sobre a Fazenda Serra Branca, foi possível perceber o processo de povoamento da região de Cariri Paraibano e seu entorno, onde hoje está o município de Serra Branca. O percurso que fazíamos até a comunidade, mesmo com o processo de povoamento, havia trecho pelo caminho sem nenhum povoamento. (Fotografia3). A partir de então, podemos refletir sobre a trajetória da Comunidade Quilombola de Lagoinha, está em processo de reconhecimento.



**FOTOGRAFIA 3** – Estrada que liga o município de Serra Branca à comunidade de Lagoinha.



Fonte: Acervo, Rosana Medeiros, 2018.

### **3.3 Processo de reconhecimento da comunidade: “*aqui é tudo quilombola*”<sup>28</sup>**

Não é possível falar deles sem adjetivá-los. Seja por meio da fórmula legal que lança mão de “remanescentes”, ou das tentativas de ajuste desta, por meio de “contemporâneos”. (ARRUTI, 2008).

Um dos traços da cultura ancestral de Lagoinha, reforçado pela memória coletiva dos habitantes locais é a produção de artefatos de barro, todas as nossas interlocutoras, relataram que tiveram como principal atividade artesanal o fabrico de utensílios de barro (panelas, potes, meringas, caqueiros, entre outros). A fabricação do barro é uma tradição mais antiga da comunidade, através do mesmo, as mulheres garantiam o sustendo das suas famílias. Como relata as mulheres das comunidades e também consta nos documentos oficiais, está foi à primeira atividade realizada pelas mulheres daquela comunidade, iniciada pela esposa de Deodato Galdino.

Atualmente Dandara uma das moradas mais antiga da comunidade ainda conserva essa tradição, como já falamos anteriormente. Conforme Hebe Matos, “são os aspectos simbólicos

---

<sup>28</sup> Entrevista com Carolina Maria de Jesus, em Lagoinha, em 07/10/2018.

da memória familiares da escravidão que mais se destacam nas narrativas, elaboradas e reelaborados em função de relações tecidas no tempo presente, como em todo trabalho de produção de memória coletiva”.

As pesquisas antropológicas definem essas comunidades, como tradicionais, com culturas, dialetos, formas de produção e regras internas próprias (ABA, 1994). Dessa forma, as relações sociais que caracterizam um perfil especial de identidade étnica são expressas por sinais diacríticos e nas experiências simbólicas.

A caracterização de um grupo como quilombolas baseia-se nos seguintes elementos: identidade étnica, territorialidade, autonomia (ARRUTI, 2004). Na atual discussão da antropologia, os quilombos são percebidos como “grupos étnicos”, mediante a análise da organização social de comunidade. Assim, o foco da investigação torna-se, a “fronteira étnica que define o grupo” (BARTH, 1998). Esta, segundo Barth, não pode ser vista como uma forma de organização social definitiva. O que interessa, de fato, é a auto atribuição e atribuição por outros. Ou seja, a atenção que recai sobre um conjunto de membros que se identifica e é identificado por outros como uma população distinta. Portanto, a interação, em si, não é único fator gerador de cultura e de limites para cada grupo. Além disso, se observa que os contatos externos a um grupo são constitutivos da estrutura desse grupo, enquanto comunidade. Essa é organizada por meio de uma construção coletiva, simbolicamente instituída, através de seguinte probabilidade.

Ao iniciarmos o texto falando de um dos aspectos culturais da comunidade, haja vista, sabemos que o reconhecimento das comunidades quilombolas na atualidade gerou entraves conceituais que nortearam e ainda inflam debates entre historiados e antropólogos em torno desses grupos, mesmo porque “a identificação coletiva e sempre um processo em construção e só pode ser entendida levando em conta contextos históricos e políticos.” (MATTOS, 2006)

(...) a primeira vez que ouvi esse nome foi pela menina do PROCASE, que ela disse, olhe quando vocês fizerem um papel coloque como descendentes de quilombolas, porque “**aqui é tudo quilombola**”. Nem pensava nisso... Ai foi à menina disse: a partir de hoje faça isso... Eu só sabia da Fazenda Serra Branca que era do tempo dos escravos e meu povo veio de lá. <sup>29</sup>

A presidenta da associação comunitária, Carolina Maria de Jesus relata que após a fala da “*menina do PROCASE*”, ao tomar conhecimento da mesma, os novos em conversas com

---

<sup>29</sup>Entrevista, 07/10/2018. (Grifo nosso)

mais antigos, retomaram as suas memórias, e passaram a mudar sua forma de ver o mundo e a localidade onde moram.

Conceitos, como os de quilombo e quilombola ainda são parcialmente desconhecidos para maioria dos moradores e, a comunidade iniciou há pouco tempo o processo de reconhecimento para conseguir a titulação como comunidade quilombola, a mesma ainda se mostra como uma questão complexa e de difícil compreensão. Os estranhamentos a essas mudanças podem ser explicados em razão de tais processos emergirem dos movimentos sociais para depois serem incorporados no interior das comunidades. O alcance destas políticas representou uma ressemantização do conceito de quilombo<sup>30</sup>, que em sua polissemia pode abarcar múltiplas experiências rurais e urbanas. A auto identificação do negro é ainda um desafio como observa Hebe Mattos

Como no século XIX, dizer-se negro ainda é basicamente assumir a memória da escravização inscrita na pele de milhões de brasileiros. Esta é a base que empresta consistência histórica à discussão sobre políticas de ação afirmativa no Brasil com base na auto-identificação como negro. (MATTOS, 2005 e 2006, p. 111).

Neste sentido as ações para o reconhecimento do território se dão de forma lenta, no dizer de Carolina Maria de Jesus: “*nem pensava nisso*”, sabemos que se faz necessário realizar um “*trabalho de formiguinha*” dentro da comunidade, tratando acerca da regularização das terras como quilombola. Sabemos que inúmeros obstáculos apareceram especialmente por se trata de um tema que sugeri um passado marcado pela escravidão. Essa situação de dificuldade é retratada na fala de Maria Felipa: “muitos acham feio ser considerados negros, e eles são negros, sentem vergonha de se assumir negro, pelo fato de que negro era antigamente era aquele sofria nas senzalas e não tinha direito a nada”. A fala da entrevistada retoma uma questão de ordem histórica, o racismo vivenciado pelas populações negras, nesse caso a quilombola é um elemento significativo para muitos não auto identificar como quilombolas.

Vê-se que o discurso identitário já está em processo, ele estabelece relações com a negritude e as políticas de reparação. No geral, a associação entre as comunidades atuais e o passado escravo é um “senso comum nacional”. Salete da Dalt em sua pesquisa que abrangeu 65 comunidades quilombolas de cinco estados brasileiros, num total de 2058 famílias, ressalta

---

<sup>30</sup>O termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. O'DWYE, (1995).

que parte significativa das lideranças e dos moradores em geral “ainda não havia ressemantizado o conceito de quilombola e referiam sua existência, como comunidade quilombola, a uma derivação direta ou mesmo a uma descendência de escravizados” (DALT, 2001, p. 48). Pensar esses grupos como algo análogo aos quilombos históricos e presas a um único modo de agrupamento faz com que se desconsidere que as identidades são construídas em “contextos de mestiçagens”.

Se, ser negro num país racista como Brasil é difícil, ser negro quilombola pode ser ainda mais complicado, devido, justamente, aos estigmas que essa categoria carrega como classe minoritária e esquecida pela história. Contudo, o negro quilombola surge como ator social, intimamente conectado com uma característica da noção histórica de quilombo, a resistência. Se os “senhores” mudam, a resistência permanece a mesma, agora com uma identidade assumida e positivada social e politicamente.

Segundo a entrevistada Antonieta de Barros, essa “nova” identidade não está sendo fácil de ser assumida, sobre essa questão podemos citar Swain (2005) quando a mesma diz que o racismo, preconceitos étnico-raciais são escamoteados na construção cultural, criando representações do passado. Essa construção pode ser percebida na fala da entrevistada, quando a mesma trata de assumir-se como quilombola, há resistência e dificuldade de se afirmar, devido, justamente, às opressões históricas imprimidas aos antepassados e os estigmas criados a respeito dos negros que foram escravizados.

Segundo Almeida (2001), pesa sobre o termo quilombola um imaginário social como algo ruim, vergonhoso e descontextualizado dos quilombos atuais,

No estado atual de conhecimento se percebe os quilombos menos como conceito sociológico construído, do que através de uma definição jurídico-formal historicamente cristalizada. [...] estar-se diante de um ato dissimulado de imposição que precisa ser colocado em dúvida e classificado como arbitrário para que se possa alcançar as novas dimensões dos significados atuais de quilombo e as definições de seus instrumentos interpretativos. Para tanto importa depurar o mito em torno da definição jurídica congelada e tomar como objeto os elementos que configuram o significado de quilombo para além da etimologia e das disposições legais do período colonial. (ALMEIDA, 2001, p.34-35)

Nesse sentido podemos afirmar que, em certa medida, as mulheres de Lagoinha, foram as primeiras a ultrapassar barreiras e se auto afirmarem quilombolas. Assumir-se como quilombola vem dando condições de maior organização social e as ações para o processo de titulação da comunidade, ganhado novos contornos formais. Essa dimensão de luta, surgir a partir da presidente da associação, a mesma exerce papel de representante legal das

comunidades, frente às instituições estaduais, federais e municipais, por isso a importância de ter as mulheres na direção da mesma. Pois, assim rompem com o padrão dos estudos que apresentam as mulheres camponesas excluídas das tomadas de decisões mais importantes, revelando mulheres que estão à frente de importantes cargos de poder e lutas cotidianas.

Ao refletir sobre esses espaços de luta é importante que os analisemos como lugares onde há o que Costa (2006) denomina de lugar imbricado pelas relações de gêneros, visto que historicamente, as associações, especialmente no espaço rural foram lideradas por homens.

As mulheres têm exercido um papel de fundamental importância, as mulheres não esperam inertes pelos benefícios que almejam e, ainda por cima, sabendo que a sua voz seria emudecida, silenciada pelo fato de serem mulheres, elas acionam os meios para serem as donas do poder e ultrapassar os limites da invisibilidade historicamente construída sob seus papéis.

Logo, concordamos com Touraine (2010) quando este afirma que “é para elas mesmas que as mulheres se voltam e, se elas agem, é antes de tudo porque querem afirmarem-se como sujeitos livres e responsáveis e não como produtos do poder masculino”. Elas passam da consciência de objetos à consciência de sujeitos, em um processo de construção de si que implica se reconhecer. Esta luta pelo processo de construção de si não deixa de ter o seu caráter político e, portanto, situada em um “campo político”. Para tal, devemos visualizar o campo político ao mesmo tempo “como campo de forças e como campo das lutas que têm vista a transformar a relação de forças que confere a este campo a sua estrutura em dado momento”. (BOURDIEU, 2004, p. 164)

Como o campo político é perpassado pelas desigualdades de gênero, percebemos a divisão dos ditos competentes e aqueles que precisam ser representados. Como constato Sales, “as mulheres sempre estão incluídas entre os que precisam ser representadas, entretanto, aquelas que estão inseridas nos movimentos sociais, têm demonstrado que as diferenças entre mulheres e homens não podem afirmar falta de competência política das mulheres” (2007, p. 438). Essa formação, portanto, ocorre no cotidiano, na luta contra tudo o que as assola, em questões de regularização fundiária, organização política, violência, participação em movimento social ou problemas relacionados à comunidade, como o processo de titulação, dentre outros.

As histórias dessas mulheres nos permitem reconstruir alguns dos limites e rupturas no tempo histórico e sua formação em enquanto sujeitos sociais ativos, que envolve suas ações dentro de vários espaços, do movimento social, movimento quilombola, associações, igreja e na própria comunidade. Seus relatos transpõem espaços e tempos e revelam uma realidade multifacetada que ultrapassam as velhas dicotomias, apontam para o amadurecimento desses sujeitos nas atuações político-social de sua localidade.

4

# QUEBRANDO O SILÊNCIO DAS MULHERES NEGRAS DE LAGOINHA



#### 4.1 (Re) pensando o termo feminismo

Feminismo é uma das palavras odiadas e amadas em intensidades diferentes, “por mais que tenha aquelas pessoas que as rejeitem a questão feminista, há quem se entregue imediatamente” (TIBURI, 2018, p.08). Devemos pensar e analisar o feminismo a partir da sua potencialização na prática, principalmente por vivemos em uma sociedade patriarcal, muitas vezes nos posicionamos diante do feminismo, só por se posicionar, justamente por esses pensamentos que enfraquece o movimento feminista, despotencializando a prática. Neste sentido, a autora diz:

O feminismo nos leva à luta por direitos de todas, todes e todos. Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. Todes porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – e isso veio a interferir no todo da vida. Todos porque luta por certa ideia de humanidade (que não é humanismo, pois o humanismo também pode ser operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos gêneros, e até mesmo das outras espécies).<sup>31</sup>

Ou seja, o movimento feminista precisa ser interseccional, da voz e representação às especificidades existentes no ser mulheres. Se o objetivo é a luta por uma sociedade sem hierarquia de gênero, existem mulheres que para além da opressão de gênero, sofre outras opressões, como no caso das mulheres negras, que sofrem com o racismo, as mulheres lésbicas com a lesbofobia, dentre outros, torna-se urgente incluir e pensar a intersecção como assunto prioritário, e não como assunto secundário.

Apesar das conquistas do movimento feminista, algumas questões eram ainda não homogêneas, segundo Sueli Carneiro (2001), “o movimento feminista não acolhia questões postas pelas mulheres motivando – as para uma ação política organiza específica em decorrência da insuficiência com que são tratadas as suas especificidades dentro do movimento feminista, como no caso o **feminismo negro**” (grifo nosso).<sup>32</sup>

Isto evidencia como dupla militância, que se impõe às mulheres negras como forma de assegurar que as conquistas no campo racial não sejam inviabilizadas pelas persistências das desigualdades de gênero, e para que as conquistas dos movimentos feministas não privilegiem apenas as mulheres brancas.<sup>33</sup>

<sup>31</sup> Idem, p.12.

<sup>32</sup> Categoria que iremos aprofundar a discussão sobre a mesma posteriormente.

<sup>33</sup> CARNEIRO, 2001, p.30.

Ao longo de sua trajetória, o feminismo criou tanto novos valores nas relações sociais como também muitos mitos de origem, entre eles o que se traduzia no paradigma de que todas as mulheres eram iguais. Com tudo, fez as mulheres negras ter que militar em duas frentes de luta. O feminismo contribuiu a melhorar o modo como enxergamos o outro, essa capacidade não é natural, é construída em processos de aprendizagens que envolvem a nossa própria construção como pessoa.

Devemos ter uma sutileza em relação ao feminismo, analisar o mesmo para além do modismo, não podemos nos deixar levar por uma discussão rasa, onde na maioria das vezes reduz o feminismo a uma discussão de gênero e sexualidade, sem fazermos uma ligação direta com a questão de classe, raça, debate este que problematizaremos adiante, tornando um dos pontos centrais de nossa pesquisa, dentre tantas outras questões que afetam várias minorias. E quando aqui nos referimos à classe, raça, minoria essencialmente pensou nas mulheres cuja vida não foi nada fácil, as mulheres negras da comunidade de Lagoinha.

#### **4.2 Então, como estabelecerão as ondas do feminismo?**

No século XIX, a condição da mulher brasileira acompanhava as desigualdades sociais e econômicas do país. O Brasil era uma sociedade baseada na escravidão que oprimia tanto a mulher negra na sua condição de escrava; quanto à mulher branca, restrita às tarefas do lar. E por meio de diversas manifestações as mulheres reivindicando seus direitos. Mas somente nas primeiras décadas do século XX conseguiram ter mais expressividade, com o grande contingente de mulheres nos parques industriais que passaram a protestar contra as injustiças sociais, exigindo que elas fossem dirimidas. Dessa forma, elas reivindicavam direitos sociais e políticos, ao mesmo tempo em que pressionavam por mudanças de costumes. (RODRIGUES, 2006).

Nos anos de 1960 o movimento feminista reivindica outras demandas. Além das reivindicações direcionadas para a igualdade no exercício de direitos, incorporam outras, na medida em que questionam as raízes culturais dessas desigualdades. Para Louro (2003, p.15) o entendimento sobre o real papel da mulher na sociedade começa a mudar com o movimento sufragista feminino (direito ao voto), da virada do século XIX ao XX, o que Louro apresenta como primeira onda do feminismo<sup>34</sup> que se espalha pelos quatro cantos do mundo, mas apenas

---

<sup>34</sup>Momento histórico relevante de efervescência militante e acadêmica onde determinada pautas e questões das mulheres se insurgiram e dominaram o debate. Cada momento histórico tem suas particularidades- e as mulheres de cada momento histórico tinham demandas diferentes. Assim, uma das formas de agrupar mulheres em determinada “onda” do feminismo é de acordo com suas demandas. Outra forma de identificar as “ondas” é cruzando as ideias



para as mulheres brancas de um nível social médio e elevado, mesmo não tendo em todos os lugares o resultado esperado.

Nas primeiras ondas do feminismo no Brasil as reivindicações eram também voltadas a assuntos como o direito do voto e vida pública, citados anteriormente. Tendo como um dos principais nomes diante das reivindicações Nísia Floresta. Assim, no ano de 1922 nasceu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, com objetivo de lutar pelo sufrágio feminino e pelo direito do trabalho sem a necessidade de autorização. (RIBEIRO, 2017, p.45).

Nos anos de 1970, em um momento de crise da democracia, com uma geração que combateu a ditadura militar surge a segunda onda do feminismo no Brasil. Esta segunda corrente surge com intuito de lutar pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual. O desenvolvimento teórico-acadêmico proporcionado pela segunda onda e pelas questões por ela levantadas foram tão profundas que possibilitou o questionamento das próprias ciências. Autoras como Patrícia Collins e Dorothy Smith defendiam que toda a Ciência Social feminista devia ser construída a partir do olhar, da vivência, da experiência e do ponto de vista da mulher. Isso viabiliza a criação de uma verdadeira epistemologia feminista, em oposição crítica a filosofias, metodologias e epistemologias passadas, que, chegou-se à conclusão, todas foram concebidas a partir do ponto de vista masculino.

Segundo Djamila Ribeiro (2017), na mesma década de 70, militantes negras estadunidenses como Beverly Fisher denunciavam a invisibilidade das mulheres negras dentro da pauta de reivindicações do movimento e no final da mesma o feminismo negro, começou a ganhar força e no começo da seguinte, onde a pauta principal era o movimento tornar essas mulheres sujeitos políticos.

Os movimentos feministas do Brasil da década de 1980 têm grandes relevâncias para o processo de organização das mulheres negras rurais quilombolas. Seus ecos de reivindicação contribuíram para o alargamento dos temas de luta no espaço rural, cunhando as possibilidades de organizações de movimentos sociais locais. Nesse sentido, é necessário compreendermos os aspectos gerais das movimentações dos movimentos feministas no Brasil. Esse movimento gerou desdobramentos serviram como a tomada de consciência das mulheres, o que viabilizou as reflexões sobre seus direitos como sujeitos as mulheres negras quilombola em diversas regiões do país.

Em 1990, surge a terceira onda do feminismo. Momento novo e ambíguo. Recomposto o Estado de Direito e as liberdades democráticas; a sociedade civil está fortalecida e organizada

---

defendidos pelas mulheres denominadas feministas com seus momentos históricos. Lembrando que essas as divisões das ondas são meramente feitas para fins didáticos.

e as novas diretrizes constitucionais trazem a promessa de uma ampliação histórica da cidadania. Por sua vez, o ajuste estrutural, as reformas neoliberais e os governos sustentados por bases conservadoras emperram a efetivação dos direitos e o aprofundamento da democracia.

Alavancada por Judith Butlher, iniciaram-se várias discussões sobre diversos paradigmas estabelecidos nos períodos anteriores.<sup>35</sup> O que permitiu surgir diversas críticas de algumas feministas no sentido de mostrar que o feminismo com seu discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levando em conta a especificidade de cada uma, falado anteriormente. Portanto, devemos perceber que os movimentos das mulheres antecedem o movimento feminista e podem se diferir. Neste sentido, a seguir discutiremos, sobre o movimento do feminismo negro, e em especial no Brasil e diante do mesmo fazermos um contraponto com a realidade das comunidades na qual realizamos a pesquisa.

#### **4.3 Feminismo Negro: “Tenho muito orgulho de ser uma mulher negra”<sup>36</sup>**

O feminismo negro surgiu no Brasil entre o fim da década de 70 e o início da década de 80, com intuito de pautar as necessidades específicas da mulher negra, que não era presente no movimento feminista existente. De forma geral, o movimento tinha intensidade exclusivamente voltada para gênero e não via como indispensável à prática de fazer recortes, como por exemplo, etnia e classe social.

No Brasil, pesquisas históricas recentes têm evidenciado a trajetória de luta das mulheres negras pela própria sobrevivência no período escravista. Tal realidade se reproduziu em várias sociedades da diáspora negra, onde a escravização de mulheres negras foi institucionalmente implantada. Falando do contexto estadunidense, bell hooks<sup>37</sup> (1981) lembra que assumir um lugar de passividade colocaria em risco a existência das mulheres negras no período escravista. A instituição escravista não foi organizada para proteger mulheres escravizadas e livres, mas, sim, para explorá-las econômica e sexualmente. Na sociedade escravista colonial patriarcal, as mulheres negras foram submetidas à violência sexual pelos homens negros e brancos, não gozando, por conseguinte, da proteção de nenhum homem. No período pós-escravidão, poucas puderam escolher se deveriam ou não se tornar trabalhadoras,

---

<sup>35</sup>Ibidem, p.45.

<sup>36</sup>Entrevista com Teresa de Benguela, na Lagoinha em 15/11/2018

<sup>37</sup>Nascida Gloria Watkins e adotou o nome de sua avó e pede que o usem assim em minúsculo.

além do que, para as mulheres negras, o trabalho não representou a independência a ser atingida (hooks, 1981).

Em 1851, Sojourner Truth, ex-escravizada, fez seu famoso discurso intitulado “*E eu não sou uma mulher?*” – que inspirou o primeiro livro da feminista negra bell hooks, publicado em 1981 – na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio. Dentre alguns questionamentos, ela diz:

E eu não sou uma mulher?” na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio. Dentre alguns questionamentos, ela diz: “Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem - quando tinha o que comer - e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (THUTH, 1851).

Thuth, ao fazer o discurso anunciava que a situação da mulher negra era radicalmente diferente da mulher branca. Enquanto naquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas. E essa diferença radical fazia toda diferença (RIBEIRO, 2018).

Como apresentamos anteriormente, os sujeitos dos feminismos são plurais tal como as teorias produzidas para explicar/analisar suas práticas políticas em constante modificação devido à posição dos sujeitos, às subjetividades produzidas e à particularidade de suas lutas e experiências redefinidas pelos contextos históricos. Sueli Carneiro (2001), em texto célebre intitulado “*Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina partir de uma perspectiva de gênero*” oferece profunda reflexão histórica e teórica acerca do processo de coisificação de mulheres negras, principalmente das primeiras, longamente estruturada na sociedade brasileira desde o período escravista. As experiências historicamente diferenciadas das mulheres negras foram ignoradas pela literatura dominante sobre a opressão da mulher, tampouco produziram avaliações acerca dos efeitos destas experiências com a opressão na identidade feminina das mulheres negras. Assim, defende a autora, no texto citado, a perspectiva de análise em que gênero não pode ser separado de outros eixos de opressão, a partir dessa compreensão:

[...] é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero (CARNEIRO, 2001, p. 1).

A autora exibe e analisa a atuação das mulheres negras contra a opressão de gênero e raça nos movimentos de mulheres e de negras. Nos movimentos de mulheres, a incidência política ocorre sobre a relação entre racismo e sexismo e os efeitos sobre a vida das mulheres negras, enegrecendo as reivindicações das mulheres e projetando novos contornos para a luta feminista, com a inclusão da contestação das opressões de raça e gênero. No movimento negro, promove a feminização de propostas e reivindicações, feminizando a luta antirracismo. Segundo Sueli Carneiro, este olhar feminista e antirracista integram em si as tradições de luta dos movimentos negros e de mulheres, afirmando “essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra” (2001, p. 2). Assim, afirma:

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, [de] demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a ‘boa aparência’, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras (CARNEIRO, 2001, p. 2).

O posicionamento de Sueli Carneiro apresenta semelhança com o de bell hooks (1981), pois, ambas questionam como um pensamento pode ser chamado de feminista se ele não for intrinsecamente antirracista. Para bell hooks, o feminismo negro surgiu como contraponto ao feminismo, em função do racismo das ativistas brancas, e conduziu à polarização de mulheres negras e brancas pela emancipação. A distância que separa as experiências das mulheres negras e brancas não foi vista com potencial de se transformar em ponte para o conhecimento mútuo ou a interação. O racismo, afirma bell hooks (1981), é a barreira impeditiva do surgimento de canais de comunicação positivos e não pode ser eliminado ou modificado pela separação. Assim, continua, o conceito de feminismo negro pode vir a isentar as feministas não negras do compromisso necessário para obstar as situações de exclusão impostas às mulheres negras pelo racismo, na medida em que a responsabilidade pelo enfrentamento for atribuída somente às feministas negras. Uma “mulher feminista negra carrega” uma tripa marcação e, por isso,

muitas vezes soa ainda mais perigosa para o sistema, porque além de tudo inclui questão racial na sua luta de mulher feminista.

O feminismo negro é um fazer coletivo em torno das mulheres negras, visando à realização da autonomia. O espaço de atuação, para que a tomada de consciência ocorra coletivamente, é delimitado pelas nossas atividades diárias, é, na verdade, ilimitado, na medida em que decorre da responsabilidade de cada uma de nós com o crescimento coletivo das mulheres negras.

A partir de Alice Walker as feministas negras, começaram a usar o termo “mulherista” em um sentido positivo e revolucionário. O mulherismo não é muito diferente do feminismo, mas guarda um elemento de elogio as mulheres e sua capacidade de lutar nessa ordem insamente opressiva que é o patriarcado racista. Em vez de discutir gênero, o mulherismo fala da força da mulher. É uma postura bonita e com o empoderamento das mulheres, apesar do mesmo não ir tão fundo na questão de identidade, mas colabora com a luta feminista.

#### **4.4 O empoderamento/fortalecimento das mulheres negras de Lagoinha**

Em Lagoinha, logo ao amanhecer, por volta das cinco horas da manhã é possível ouvir o barulho de panelas, pessoas conversando no quintal e chamando os bichos para a refeição matutina, relatou Antonieta de Barros. Nas idas, logo pela manhã bem cedo à pesquisadora percebeu ser um lugar calmo, pouco movimentado. A casa que sempre me hospedou funcionava como um ponto central da comunidade, ao lado da associação da comunitária. Por ser a casa da presidente da comunidade, Carolina Maria de Jesus, é ponto dos moradores passarem, conversarem, tomar um café (que, aliás, nunca falta na garrafa em cima da mesa rodeada de xícaras), resolver questões da comunidade, ou simplesmente pra passar o tempo. Quando a pesquisadora chegava, por volta das seis da manhã, sempre tinha alguém a espera. Conversava e ria de tudo sobre. Lá pelas sete horas da manhã a movimentação ficava menor, pois todas estavam a caminho dos seus afazeres.

O trabalho das mulheres inicia ainda pela madrugada, por volta das cinco horas da manhã quando acordam e dão início aos trabalhos da casa, como fazer o café, encher água nos potes e baldes, dar comida para os animais (bodes e galinhas), cuidar de idosos, lava louça e roupa e depois se encaminham para a roça, onde trabalharam sozinhas ou acompanham os maridos que vão adiantando o “serviço”. Aquelas que não têm marido fazem as atividades cotidianas citados anteriormente sozinhas.

Como observamos, o dia a dia na comunidade é marcado pelo trabalho que se configura nas relações sociais como o elo que liga e fortalece o vínculo entre os membros do grupo doméstico e das unidades familiares entre si, entre as gerações e entre os sexos (ACEVEDO e CASTRO, 2004; WOORTMANN E. 1995). Foi a partir do trabalho que percebi as marcações de gênero e entre as gerações que coabitam em Lagoinha.

A respeito das imbricações entre gênero e geração Scott (2010, p. 16) afirma que “são termos relacionados que implicam em hierarquias e reciprocidades horizontais que são constituídas como relação de poder entre pessoas de sexos e idades diferentes”. As discussões de gênero e o papel da mulher na sociedade contemporânea e de contrapartida a categoria de empoderamento são temas que vem criando espaços para novas abordagens e perspectivas de debates nas ciências sociais. Esses debates vêm correspondendo há um viés de inúmeras análises que abordam e trabalham com heranças arraigadas e construídas sob as bases das práticas patriarcais, principalmente dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero.

Nesse contexto, as mulheres de Lagoinha apresentam – se como sujeitos ativos e com seu protagonismo e dinamismo no processo social que vem sendo apresentado no decorrer desse estudo. Elas vêm utilizando-se de diversas estratégias no contexto familiar, inserção no mercado de trabalho, nas articulações políticas da comunidade, objetivando um processo de vida que visa sanar os problemas de ordem financeiros e melhoria de vida. As estratégias observadas são desenvolvidas no universo em que a transgressão ao modo de dominação masculina é justificada socialmente, “por necessidade”, isto é, para proteger e cuidar das demandas exclusivamente dos filhos ou da família, como também do desenvolvimento de questões individuais.

Lisboa (2008) demonstra que o termo empoderamento chama atenção para a palavra “poder”. A autora disse que para o feminismo, o empoderamento é considerado como uma fonte de emancipação, uma forma de resistência. Leva-se em consideração um “poder” que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é uma precondição que estabelece uma igualdade entre os homens e as mulheres; representa um meio de confronto contra as relações patriarcais.

A teoria do feminismo negro vem ressignificar essa síntese que o poder é desenvolvido no processo de empoderamento. Joice Berth (2018) aponta que diferente do que puseram muitos teóricos o conceito do empoderamento é na verdade um instrumento de emancipação política e social, e não se põe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre cada indivíduo tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para a luta dentro dos grupos minoritários.

Empoderamento não é um conceito novo e nem inédito. Tem raízes históricas e muitas e muitos já se debruçaram sobre ele para catalisar grandes transformações sociais em momentos importantes da história. Trata-se mais de uma redescoberta do que de uma criação, já que há possíveis focos de aplicabilidade antes mesmo denominada ser cunhada. Entretanto, apesar de ser um conceito debatido há algum tempo, ainda há muita confusão, quanto ao significado e aplicação.

Para Djamilia Ribeiro o termo empoderamento muitas vezes é mal interpretado. O mesmo é entendido como algo individual ou a tomada de poder para se perpetuar as opressões. Para o feminismo negro, empoderamento possui um significado coletivo, trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres negras como sujeitos ativos e coletivos. Como diz bell hooks, é necessário criar estratégias de empoderamento no cotidiano, em nossas experiências habituais no sentido de reivindicar nosso direito a humanidade.

Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar às outras. Cada mulher na comunidade de Lagoinha, em seu espaço de atuação pode criar formas de empoderar às outras mulheres. As empregadoras podem criar um ambiente de trabalho onde existe o respeito e que pode atender a demanda dessas mulheres, principalmente daquela que são mães, louceiras, agricultoras, dona de casa, professora, certificando como, por exemplo, se não há desigualdade salarial e assédio, como também estarem atentas aos xingamentos machistas muitas vezes naturalizados como brincadeiras ou chacotas.

Estávamos na sala da casa de Carolina, e ao chegar Dona Teresa de Benguela e sua irmã Antonieta, e ao longo da conversa, questionei as mesmas sobre “*ser uma mulher negra*”. Logo, Teresa de Beguela disse: “*Sou mulher negra e com muito orgulho*”, ao finalizando a fala batendo “no peito” orgulhosa, e quando ela se reafirma enquanto mulher negra, além de empoderar-se, o que a torna mais potentes politicamente. Esse lugar de fala dela é de fundamental importância para expressa na singularidade e o direito de existir dela e todas as outras mulheres da comunidade.

## 5

DO BARRO À LUTA: O TRABALHO E O  
COTIDIANO DAS MULHERES DE LAGOINHA



## 5.1 As mulheres de Lagoinha se reinventando

No Brasil, durante o século XIX, as mulheres negras escravizadas, livres ou libertas tinham lugares demarcados para sua convivência e o trabalho. Algumas escravizadas eram as preferidas para os trabalhos domésticos, em virtude de sua proximidade com os senhores que lhes tinham confiança; já os trabalhos de ganho, feitos na rua, eram exercidos por africanas e negras livres e libertas. A rua era considerada o lugar da imoralidade e dos vícios que os senhores não desejavam trazer para suas casas. Para as mulheres negras, a rua apresentava a oportunidade de se socializarem e se libertarem das rotinas rígidas das casas senhoriais, e era também lugar de embates e conflitos.

As mulheres negras rurais em grande maioria convivem com estruturas que legitimam as desigualdades raciais e de gênero. São influenciadas pelas múltiplas identidades que afloram no seu entorno de mulher rural e quilombola e sofrem preconceitos variados para se afirmarem como trabalhadoras rurais. A inserção das mulheres no meio político é um caminho tortuoso, mais coerente com o curso das lutas das trabalhadoras rurais da década de 1980 até a atualidade.

Sobre esta inserção, Celecina Sales diz que “ao ingressar em movimentos, as mulheres rurais criam possibilidades de se afirmarem como portadoras de um saber-poder no campo da política, que lhes proporcione também repensar seu cotidiano”. (SALES, 2000, p.240). A formação política dessas mulheres dá-se a partir das malhas do cotidiano, das necessidades de sobrevivência coletiva e individual, nas competências adquiridas para se fazer ouvir e serem respeitadas em uma comunidade. Essas competências são adquiridas cotidianamente nas articulações da linguagem e mediação política que favoreçam que o discurso construído seja aceito em determinada situação. (BORDIEU, 1983, p.158). São competências que se configuram em um poder periférico e se estendem a uma rede de mecanismos que atinge a todos dentro de um grupo. De acordo com Michel Foucault (2000), o poder, em sua esfera macro ou micro, é exercido nas práticas cotidianas.

Para se compreender sobre as dinâmicas de poder e gênero das mulheres negras e quilombolas, são necessárias diferentes categorias de análise que permitam perceber as especificidades destas relações e as negociações nelas envolvidas. Numa comunidade quilombola, os lugares de poder são negociados e consentidos, e são neles que a mulher negra assume a sua força e a liderança comunitária. Seus saberes e fazeres se articulam nas práticas e enfrentamentos que são necessários para que se mantenham nos espaços que conquistaram.

O cotidiano das mulheres Lagoinha é marcado por muito trabalho. As lidas domésticas, os trabalhos da associação, o trabalho no campo e a fabricação do barro são algumas das esferas

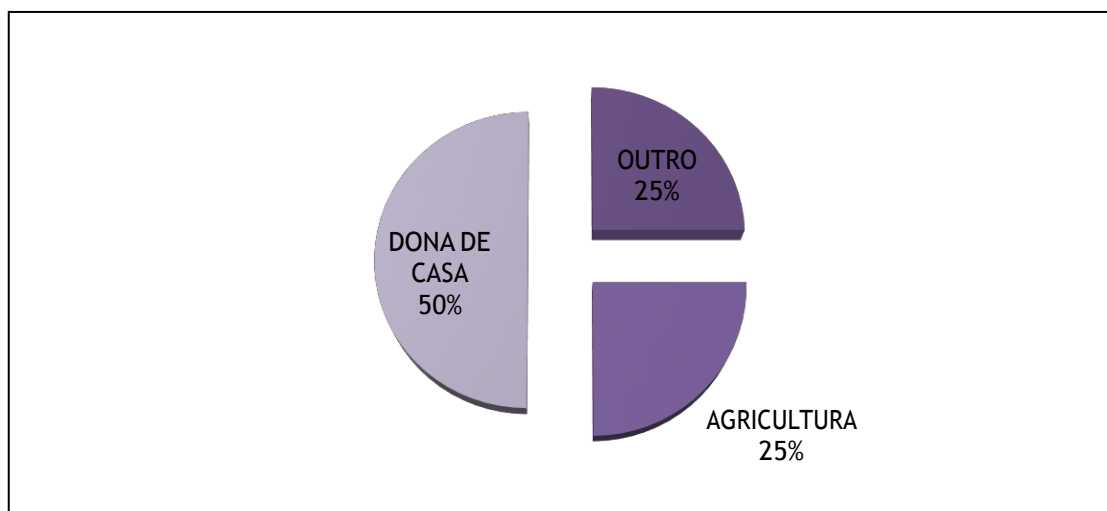
de atuação das mulheres da comunidade de quem já falamos no segundo seção: mães, líderes, louceiras, e guardiãs da memória. E num povoado rural com poucas opções de trabalho e renda, como é o caso de Lagoinha, ocorre dos homens terem que sair para vender seu trabalho nas fazendas próximas, com já falado uma das atividades comum dentre os homens e fazer cerca e trabalho no roçado e as mulheres, quando não os acompanham, busca alternativas de trabalho dentro e fora da comunidade.

Como observado em outros momentos, as comunidades quilombolas possuem peculiaridades, em especial na sua relação com o território e nas possibilidades de trabalho e renda. A falta de opções de trabalho leva muitos quilombolas a trabalharem nas lavouras alheias como assalariados. Neste lugar, o trabalho feminino é visto de muitas maneiras: “como “serviço leve” que gera uma situação de remuneração absoluta menor quando comparada à diária paga pelos fazendeiros a serviços pelos homens”. (BRANDÃO, 2012, p.163). Como aponta autor, há uma tênue linha entre o trabalho considerado “produtivo” e o “reprodutivo”:

O gênero estabelece uma distinção e diferenciação entre o chamado trabalho “produtivo” remunerado e o chamado trabalho “reprodutivo” e doméstico não-remunerado. Este último é o espaço culturalmente associado à mulher, enquanto o primeiro é associado aos homens. (BRANDÃO, 2012, p. 163)

Atualmente o trabalho na agricultura não representa para a maioria das mulheres, que vivem nas comunidades quilombolas de Lagoinha a atividade mais importante, embora não tenha deixado de exercer um papel fundamental (Gráfico 1). Assim, fazer os roçados permanece sendo uma prática recorrente e importante para as essas mulheres, todavia não mais como a principal fonte de renda, como havia sido no passado, mas como importante fonte de alimento. Isso não quer dizer que não existam atualmente famílias que se sustentem tendo o trabalho na agricultura sua principal atividade. Não queremos afirmar que as mulheres quilombolas na Lagoinha trabalhavam somente na agricultura, fazendo os roçados. Realidade que não reflete a forma como o campesinato se reproduz socialmente. Não somente plantavam os roçados, outras atividades também faziam e ainda faz parte da sua reprodução social, como a criação de animais e a produção de panela de barro.

Embora a agricultura e a produção de louças de barro não se configurem mais na principal atividade que sustente a família, estas mulheres não deixaram de serem agricultoras, antigas estratégias foram consolidadas, outras foram criadas, permitindo às mulheres quilombolas da Lagoinha existir enquanto tais.

**GRÁFICO 1:** Ocupação das mulheres (entrevistadas) na Comunidade de Lagoinha (2018)

Fonte: Trabalho de campo (2018)

São diversas as estratégias acionadas pelas mulheres dessa comunidade, que lhes permitem continuar se reproduzindo socialmente enquanto grupo. Dessa forma, procurar empregos e se empregarem fora do lugar onde moram é uma constante na trajetória de vida de dessas mulheres quilombolas da comunidade quilombola de Lagoinha, como já mencionado anteriormente. Os companheiros das mulheres quilombolas costumam se empregar na construção civil como ajudantes de pedreiro, mas na sua maior parte trabalham na produção de cerca. Por outro lado, uma parcela das mulheres, com baixa escolaridade, se ausenta dessa comunidade durante a semana para trabalhar em serviços domésticos, principalmente no município de Serra Branca. Essas ocupações, geralmente, se realizam por meio de contratações temporárias e informais, em troca de baixos salários.

As mulheres que se identificaram como donas de casa, agriculturas e “outros” não desempenham apenas o trabalho na casa ou terreiro desenvolvem outras atividades como: cuidadora de idoso; fabricação de panela barro, diaristas em casa de família, professora, funcionárias públicas, na plantação por muito tempo trabalharam na colheita de algaroba, feijão, algodão, atualmente algumas trabalham no roçado quando chove e elas conseguem plantar, outras, aguando a plantação de palma. Na comunidade uma atividade comum dentre elas por muito tempo foi à produção de panela de barro, para a comercialização, as mulheres, principalmente as mais velhas nos contaram que iam para as feiras livres nos municípios próximos de Serra Branca (Sumé, Coxixola, Cordeiro, São João do Cariri). Atualmente apenas, Dandara trabalha fabricando panelas de barro.

As mulheres da comunidade não trabalham somente nos roçados na época certa de plantar as sementes e colher. Associado ao trabalho na agricultura vem o trabalho como fabricação de louças. Há também as políticas públicas, como o PROCASE, que tem como intuito ampliar a cadeia produtiva de caprinos e ovinos, com base na sustentabilidade e convivência com semiárido, fortalecendo a criação e comercialização desses animais, e as aposentadorias rurais que complementam a renda dessas mulheres.

São diversas as estratégias acionadas, que possibilitam a essas mulheres quilombolas do reproduzir socialmente enquanto grupo, a migração é uma delas. Migrar faz parte dos objetivos e da história de vida de muitos dessas mulheres quilombolas. É muito comum elas relatarem a história de um filho, filha, sobrinho ou irmão, de algum parente que migrou e não retornou que migrou e voltou como exemplo tem Teresa de Benguela, migrou para São Paulo e retornou para comunidade. Luísa de Mahin disse:

E essa daí já bateu até em São Paulo, mas voltou pra Lagoinha, porque **o barro dela não é Lagoinha?** O que é que, ela vai vê em São Paulo? É bem feito, bem empregado você ter vindo simhora. Pra você saber que não se pode trocar o da gente pelo dos outros.<sup>38</sup>

Porém, a migração de um membro da família possibilita muitas vezes que o restante do grupo continue vivendo na comunidade, que continue se reproduzindo socialmente nos lugares que escolheram viver.

## 5.2 Os espaços de atuação de homens e mulheres e a divisão sexual do trabalho

Na comunidade existe uma separação e/ou divisão do trabalho segundo os papéis atribuídos ao gênero, resultante de uma divisão sexual, na qual o trabalho da mulher é desvalorizado e invisibilizado enquanto tal. Entretanto, não podemos enquadrar a realidade encontrada na forma de organização do trabalho nas posses das famílias dentro da comunidade com os padrões rígidos de divisão das atividades e/ou tarefas entre espaços como casa/roçado, privado/público ou entre espaços improdutivo/produtivo, sendo os primeiros (casa, privado, improdutivo) as esferas por excelência feminina e os últimos (roçado, público, produtivo) os espaços ocupados pelos homens.

Essas dualidades rígidas entre espaço feminino e masculino é possível de identificar e enxergar claramente na comunidade de Lagoinha. Isso por que há uma complexidade nas

---

<sup>38</sup>Entrevista com Luísa de Mahin, na Lagoinha em 05/10/2018. (Grifo nosso)

relações estabelecidas nos diferentes espaços, no qual a Casa compreendida como o local que circunda a construção, onde são criados os animais, onde está às plantas medicinais, a horta, pode ser também o espaço do roçado onde é plantado o feijão, o milho, culturas para o autoconsumo, em algumas famílias das mulheres entrevistadas, as áreas de plantios se restringem ao terreiro da casa, (Fotografia 4), devido à falta de terra. Isso não implica que as famílias plantem somente nas áreas de quintais e/ou terreiro, também arrendam terra e/ou estabelecem outras relações com os proprietários, como no caso do terreno cedido pelo Senhor Vicente<sup>39</sup> para a realização do projeto do PROCASE, no qual beneficia toda a comunidade.

**FOTOGRAFIA 04** – Terreiro da Casa de Carolina Maria de Jesus.



Fonte: Acervo, Rosana Medeiros, 2018.

A decisão sobre o que será plantado não é uma deliberação tomada somente pelo marido, o que será cultivado está diretamente ligado às necessidades alimentares da família, uma vez que dificilmente sobra um excedente para ser vendido. As famílias na comunidade não sobrevivem somente do trabalho na agricultura, são diversas as estratégias acionadas que

---

<sup>39</sup>Filho de Aqualtune, irmão de Tia Simoa. Destacamos para mostrarmos o que já discutido anteriormente, a relação de parentesco mais uma vez presente dentro da Comunidade.

permitem as famílias continuar e/ou preservar um modo de vida característico, que está diretamente ligado ao território.

Assim, Casa<sup>40</sup> e roçado, privado e público ou espaços improdutivo e produtivo são esferas intrínsecas e que funcionam de forma dialética. Não conseguimos compreender a divisão sexual do trabalho nestas comunidades a partir dessas separações, sem relativizá-las. Esse modelo de divisão sexual do trabalho nos ajuda entender a dinâmica da efetivação das tarefas quando pensamos a hierarquia social do campesinato, mas não podemos tomar essas separações e/ou dualidades sem levar em consideração a realidade estudada, a própria dinâmica das famílias e/ou acordos estabelecidos entre os seus membros, com as negociações travadas internamente e as relações de poder imbricadas.

Concordamos com Cunha (1993, p.262) quando destaca que sem uma análise interior a respeito da forma de organização da família camponesa podemos conjecturar ou cair numa “armadilha tradicional” na qual a divisão do trabalho familiar camponês é “marcada por uma rígida divisão sexual do trabalho, no qual homens desenvolvem determinadas tarefas, as mulheres outras. Teríamos identificado o mundo do trabalho camponês como próprio aos homens, e a casa e a família como o mundo das mulheres”. Ainda de acordo com a autora a divisão sexual do trabalho no modo de vida camponês não está fundamentada numa rigidez e/ou inflexibilidade de papéis segundo o estudo que realizou:

[...] a divisão do trabalho entre homens e mulheres que compõem as unidades domésticas camponesas, não é rígida e depende de vários fatores. Da composição do grupo familiar, considerando-se o sexo, a idade dos seus membros; da condição econômica da família; do tamanho da terra que possui; do acesso ao crédito e à modernização agrícola, entre outros (CUNHA, 1991, p.263).

Ir à feira, fazer compra para abastecer a casa, ir ao banco pagar as contas e/ou realizar outras atividades, que estão fora do espaço da comunidade ou casa, que poderia ser entendido como espaço público ocupado preferencialmente pelos homens é também uma esfera de circulação feminina. Ir ao banco para as mulheres da comunidade tornou algo presente no seu cotidiano, isso porque agora recebem alguns programas de benefício do governo como: bolsa família, aposentadoria como agricultora. Há também homens que desempenham as tarefas consideradas femininas, o que não é uma regra, se configura numa exceção, quando a mãe, a filha ou algum parente do sexo feminino não pode realizar. Todavia, é evidente que as mulheres

---

<sup>40</sup>Utilizaremos Casa com C maiúsculo para nos referirmos ao complexo da construção física do prédio com o terreno e a casa com c minúsculo quando nos referirmos apenas ao espaço da construção física.

são responsáveis pelas tarefas consideradas eminentemente femininas e que existe uma subordinação e uma desigualdade na efetuação dessas tarefas.

As mulheres impreterivelmente são responsáveis pelas tarefas que envolvem o cuidado com a manutenção e funcionamento da casa, entendido como a construção física. As atividades relacionadas com o terreiro da casa, normalmente são realizadas pelas mulheres e pelos homens, bem como o roçado, que muitas vezes pode ser plantado sem a intensa participação do marido, como nos relatou Teresa de Benguela que na última temporada de inverno, com ajuda de sua filha foi quem, como diz ela, “*cavei a buraqueira*” se referindo a todo o processo de cuidado com a terra onde a mesma limpou o roçado, cavou e plantou o milho, e após o fim fez toda a colheita com ajuda de sua filha. Outro exemplo que podemos citar é a o caso de Antonieta de Barros, que com o fim de seu casamento, a mesma tomou de conta sozinha da propriedade da família, do roçado, da criação dos bichos e todas as tarefas que antes eram atribuídas/divididas entre ela e o seu esposo, a mesma passou a realizar sozinha.

Ocupar espaços que antes eram somente masculinos não exime as mulheres da obrigação dos afazeres da casa responsáveis pela manutenção e/ou reprodução da família, mesmo quando trabalham fora da comunidade, ou quando estão ocupadas como, por exemplo, fabricando a louça ou com as inúmeras atividades assumidas, que permitem a sobrevivência da família. Não importa quanto ocupada esteja às tarefas da casa são sempre e impreterivelmente obrigações da mulher. Queremos deixar claro, que os espaços como a Casa e o roçado podem ser ocupados por ambos, homens e mulheres dependendo das necessidades da família, como também, só pelas mulheres, e as esferas como a casa, por exemplo, no qual as tarefas são desempenhadas em sua maioria pelas mulheres, salvo algumas exceções quando o homem se responsabiliza por determinadas atividades.

Ou dito de outra forma não podemos entender as diferentes esferas já mencionadas a partir de uma divisão rígida no qual um representa um espaço feminino, enquanto o outro seria um espaço ocupado somente pelo homem. Mas, entendemos que há atividades que são desempenhadas em sua maioria pelas mulheres, em virtude de uma divisão sexual do trabalho.

Quando nos referimos a casa, a maioria das mulheres são responsáveis por algumas tarefas (Quadro 1). Aliado a essas tarefas na comunidade quando há falta de água, são normalmente as mulheres que carregam águas das cisternas e poços para abastecer a casa, em alguns casos há ajuda do homem na atividade, depende da negociação realizada pelo entre o casal, em casos das mulheres que não tem mais o marido, ou paga a alguém para realizar a atividade ou elas mesmas fazem.

O terreiro da casa onde são criados os animais, onde tem plantação, onde dependendo da casa também é o roçado, é um espaço onde a qual a complexidade da divisão do trabalho entre os sexos está posta. O homem está mais presente nas tarefas do terreiro (Quadro 1). Entretanto as mulheres também estão presentes nesse espaço com a mesma intensidade das da casa.

**QUADRO 1** - Responsabilidades exercidas pelas mulheres e pelos homens nas atividades de casa.

	MULHERES	HOMENS
<b>FUNÇÕES</b>	Cuidar dos familiares doentes/ idosos;	Cuidar da criação;
	Limpar e arrumar a casa;	Limpar terreiro;
	Preparar refeições;	Fazer cerca/ e ou reparo das cercas e faxina;
	Lavar louça e roupas;	Limpar mato no terreiro;
	Estender roupa no varal;	

FONTE: Pesquisa de campo (2018).

Com relação à criação observamos que os animais de grande porte como o gado geralmente são de responsabilidade masculina, enquanto galinhas, bodes, cabras, porcos são animais que normalmente ficam sob o cuidado das mulheres. Todavia encontramos casos em que as mulheres cuidam dos animais de pequeno porte, como também do gado. Assim não podemos afirmar com propriedade se o terreiro da casa seria um espaço por excelência masculina ou feminina em função da complexidade e até do caráter volátil das tarefas realizadas necessária a manutenção e preservação desse espaço.

As mulheres Lagoinha estão presentes nos espaços como a casa, o terreiro, o roçado e se responsabilizam pelas tarefas que são realizadas fora da comunidade como: a) ir a cidade pagar contas; b) levar parentes ao médico; c) fazer feira/compras; d) comercializar produtos nas feiras. Podemos afirmar que as mulheres são impreterivelmente as responsáveis pelas tarefas realizadas no âmbito da casa e dividem o trabalho do terreiro e do roçado com o marido. Dentre uma das nossas conversas, Dandara, diz:

Meu marido fazia cerca. Ganhava mais pouco do que eu era bem baratinho... Ele me ajudava muito, eu não vou dizer que nele não ajudava. Ele pisava o barro, ele botava a lenha, ele botava a água, e me ajudava. Agora com filho ele não ajudava. Nunca botou um filho nos braços, mas eu sempre ajeitava,



pagava uma pessoa, pagava um real ao dia, a Dona Júlia Boi, uma velhinha que tinha pra ela balançar o menino e botar fogo na panela. E eu passava o dia todinho às vezes madrugando, fazendo louça. Mas eu ia pra feira de Cordeiro, pra Coxixola, quando eu morava no Ligeiro, e a daqui (Serra Branca), era três feiras que eu ia. Eu fazia sozinha, eu e Deus e Nossa Senhora. Eu fazia 50 vasilhas, colocavas todas em um canto, quando completava as 50 eu queimava. E assim ia levando, mas não era muito bom não. Mas, nunca passei fome. Eu trabalhava com muito gosto pra dá de comer as minhas filhas.<sup>41</sup>

Diante da fala de Dandara, e de outras ocasiões tanto observadas, como relatadas, os homens, por outro lado, só ocasionalmente assumem alguma tarefa da casa e em raras exceções desempenham uma ou dois afazeres na casa, e no caso do esposo de Dandara, o mesmo não desempenhava nenhum. No terreiro e roçado assumem as atividades consideradas de maior força física, como já assinalamos, mas isso não quer dizer que as mulheres também não assumam tais afazeres. A carga de trabalho das mulheres é bem intensa se considerarmos que participam de todos os espaços considerados nesse texto. Não deixam de trabalhar na casa, no terreiro e no roçado mesmo quando trabalham fora da comunidade.

As atividades se configuram como aspectos importantes para percepção que na comunidade de Lagoinha as mulheres paulatinamente vêm atuando em várias áreas e se destacam as mesmas na sua grande maioria vezes como protagonistas e como provedoras da unidade familiar, tornam-se as chefas de famílias. Assim elas estão quebrando e quebraram muitos paradigmas conquistando seus espaços, tornando-se mulheres empoderadas. Na próxima seção discutiremos mais sobre o empoderamento dessas mulheres negras da comunidade quilombola de Lagoinha iremos discutir ideia de redes de protagonismo dessas mulheres dentro da perspectiva do feminismo negro.

---

<sup>41</sup>Entrevista com Dandara, na Lagoinha em 05/10/2018.

## 6

# O DESABROCHAR DAS FLORES NEGRAS: TRAJETÓRIAS FEMININAS NA COMUNIDADE DE LAGOINHA



### 6.1 “Um nó difícil de desatar”: Parentes/não parentes/ “chegadas” /distantes

Em uma manhã de domingo, em mais uma ida à comunidade, a pesquisadora sentada em uma cadeira, próxima a mesa na casa de Carolina Maria de Jesus, tomando um café com sua irmã, questionada sobre a relação de parentesco das mulheres daquela comunidade Maria Felipa respondeu: “*Aqui é uma parentesa só*, na nossa insistência em fazê-la elencar numa linha ascendente e descendente, a partir do seu grupo familiar, o vínculo de parentesco com os fundadores (míticos) da comunidade e das famílias residentes. Essa assertiva foi se tornando quase uma “verdade absoluta”, à medida que ia me inserindo em campo, pois, em Lagoinha dentre as oito mulheres negras entrevistadas, não há nenhuma que não seja parenta<sup>42</sup> umas das outras.

Logo, surgiu a preocupação em campo de tentar entender a intrínseca rede de parentesco que observávamos quanto questionava a respeito do grau de parentesco entre uma moradora e outra. Começamos montado quadro de parentesco, tomando como referência as unidades familiares, nas quais pudéssemos visualizar a distância/proximidade das mulheres com os fundadores. Os quadros foram revelando emaranhados de relações familiares difíceis de decifrar, o que levou Antonieta de Barro, diante da nossa insistência sobre a relação de parentesco descrita, a dizer num tom enfático, “*isso é um nó difícil de desatar*”. Dando um sinal de que era melhor desistirmos, pois se nem Aqualtune a mulher mais velha da comunidade, com uma memória lúcida não conseguiu identificar, tão pouco nós, alguém de fora, conseguiria.

Começamos a montar quadros de parentescos e diagramas com auxílio de Teresa de Benguela que, com muita paciência, ia indicando pessoas que compunha seu grupo familiar, contudo, a dúvida era certa quando tentávamos montar a genealogia, numa linha ascendente, remontando aos casais fundadores. Quando a dúvida pairava, ela apenas sorria e finalizava a conversa dizendo “*aqui todo mundo é parente*”. Aliás, essa foi à frase que mais ouvimos na tentativa de montar um quadro no quais pudessem visualizar o vínculo entre herdeiros e destes com os fundadores, na nossa primeira entrevista na qual realizamos com as guardiãs de memórias da comunidade que ouvindo esta frase.

A expressão “*aqui todo mundo é parente*”, pronunciada insistentemente por nossas interlocutoras, nos colocou diante de “*um nó difícil de desatar*”, da forma que pensava conduzir a pesquisa. Continuei realizando entrevistas com as mulheres, enfocando seus vínculos com as outras moradoras e, a partir desses dados, elaboramos o diagrama de parentesco incluindo todas

---

<sup>42</sup> Utilizaremos o termo ao longo do texto quando nos referimos às mulheres da mesma família.

as mulheres da comunidade, onde partimos dos ancestrais das mesmas, até as entrevistadas. Diante da elaboração do diagrama de parentesco (Apêndice D) e as entrevistas que revelou a expressiva ocorrência da relação entre parentas, levando-nos a perceber que a frase repetida como um mantra fazia sentido, na medida em que os dados mostravam que invariavelmente todas de uma forma eram parentas.

Os dados iniciais revelavam a prevalência de uma relação dentro do grupo das mulheres uma relação de parentesco. Mostrando que em Lagoinha, as relações entre as mesmas, estão para além de criar novos laços de parentescos, reforçam os já existentes criados pelo princípio consanguíneo, como por exemplo, as três senhoras mais velhas da comunidade, Aqualtune, Dandara e Luisa Mahin. Sangue e afinidades foram às categorias centrais acionadas para definir os vínculos que unem as parentas na comunidade.

Fora de campo (e ao mesmo tempo ainda dentro dele buscamos na literatura etnográfica o entendimento de categorias tecnicamente construídas para formar algumas noções sobre parentesco, identidade e gênero. Não buscávamos, contudo, modelos explicativos, mas tão somente conceitos referenciais que nos permitissem, ao modo de Geertz (2002), observar, descrever e interpretar relações de parentesco entre as mulheres da comunidade de Lagoinha.

A consanguinidade é a forma mais comum de enredar pessoas ao grupo de parentesco, contudo, esta é a forma mais geral de definição, se imbrica as outras categorias igualmente simbólicas, como as relações de afinidade ou de aliança criadas pelos casamentos, assim como os compadrios, as relações de amizade e vizinhança.

Família<sup>43</sup>, parentes<sup>44</sup> e aparentados<sup>45</sup>, são categorias identificadas por Klass Woortmann como definidores da relação de reciprocidade no interior da rede de parentesco, como analisamos os vínculos entre “parentas” de Lagoinha. Essas três categorias ideológicas, num contexto mais amplo, apõem ao outro, definido com estranho e, num contexto mais restrito (interno), estabelecem graus de solidariedades entre “parentas”.

O parentesco entre as mulheres entrevistadas da comunidade de Lagoinha, a partir do que observamos, é definido pela consanguinidade e pelas afinidades. Contudo, como já referi, a categoria sangue prevalece. O grau de parentesco, incorporado ao grupo através do das afinidades, é pensado também como um consanguíneo, ou melhor, sua relação é mediada pela categoria sangue,

---

<sup>43</sup> “É uma categoria de consanguíneos no interior da categoria parentes” (WOORTMANN K., 1987, p. 165).

<sup>44</sup> “Por parentes, entende-se, num plano mais geral, qualquer relação de parentesco; uma categoria que englobam todas as outras. Mas, num plano mais específico parente refere-se aos consanguíneos não muito afastados cuja conexão genealógica com Ego é conhecida” (WOORTMANN K., 1987, p. 165).

<sup>45</sup> “Engloba aqueles que se presume serem consanguíneos, mas cuja relação exata é desconhecida, aqueles que se sabe consanguíneos, mas num grau de parentesco mais remoto, assim como também são afins”. (WOORTMANN K., 1987, p. 165).

visto que o outro que entrou na família é parente de alguém que já está vinculado, seja por filiação ou por afinidade.

Neste sentido, como por exemplo: Carolina Maria de Jesus e Maria Felipa, ambos tornam parentas próximo/distantes da geração mais velha das mulheres da comunidade (Aqualtune, Dandara e Luisa Mahin), estas descendentes do casal fundador da comunidade. Próximas, pela questão biológica, em decorrência da aliança matrimonial entre Carolina e o seu conjugue. O mesmo, por sua vez é sobrinho de Teresa de Benguela e Antonieta de Barros, e as mesmas são primas de primeiro grau das três senhoras citadas anteriormente, formando uma relação consanguínea, com estas. E para além da relação consanguínea, existe o parentesco por afinidades construídas entre todas elas.

Para Augé (2003, p. 13) a filiação do indivíduo ao grupo de parentesco se constrói sobre bases reais e/ou fictícias, ou seja:

Neste caso, o parentesco entre os dois indivíduos – quer seja real (quer dizer, que o laço social que estabelece assenta num laço biológico de consanguinidade) ou fictício (dizem-se parentes, consideram-se comportam-se como tal mesmo se, de facto, nenhum laço de consanguinidade existe entre um e outro) – é determinado pelo facto de provirem – ou afirmarem provir – de uma mesma filiação”.

A ideia que todas as mulheres na qual temos adiante a honra de conhecer suas trajetórias de vida, perpassam a ideia de organização social em Lagoinha, a solidariedade alicerça as relações de parentesco. O grau de parentesco é também pensado pela obrigação que um parente tem com o outro. Verificamos que, para o grupo, a troca se dá densamente entre as mulheres de um mesmo grupo familiar e depois entre as outras mulheres.

Porém, é preciso relativizar, se tratando de relações de parentesco, como a que observamos em Lagoinha, as mesmas não se baseiam apenas em laços de sangue, mas em relações sociais construídas. O que é prescrita como norma, nem sempre se confirma na realidade vivida e praticada, na medida em que outros fatores como a distância/proximidade, e a amizade são importantes mobilizadores de parentesco, enredando-se também na rede de solidariedade acionada pelas mulheres negras de Lagoinha como mecanismo de sobrevivência física, social e simbólica.

Enfim, na comunidade, num primeiro plano, não se observam diferenças qualitativas entre as mulheres autodesignados como uma única e grande família, porém é nas relações cotidianas que as formas de classificação e diferenciação entre as mulheres de vão se mostrando em Lagoinha. É nesse momento em que o pesquisador se vê diante de uma complexa rede de

parentesco, como por exemplo: que se revela a forma particular de manipulação que os nativos acionam para diferenciar e classificar pessoas aparentemente “iguais” em categorias que exprimem distâncias e proximidades genealógicas, sociais, geográficas e afetivas, diferenciando parentes de estranhos no plano das relações externas e no plano das relações internas diferenciam parentes próximos de parentes distantes.

Dessa forma, o tamanho do universo de parentesco pode depender, inclusive, dos diferentes significados atribuídos a essa forma de classificação pelos diversos grupos sociais e das múltiplas possibilidades que os agentes sociais acionam para manipular e controlar a genealogia, quando esta é significativa para determinar o pertencimento ao grupo social e estabelecer regras efetivas para o vínculo conjugal.

## **6.2 “Quem são essas mulheres?”: Os sujeitos pesquisados**

A mulher negra era duplamente excluída, primeiramente por sua condição feminina e especialmente quando estava na condição de escravizadas, pois, “embora muito numerosos, os documentos onde existe referência a negra são produtos da mentalidade de homem numa sociedade patriarcal escravista” (SOARES, 2006, p. 17).

As mulheres negras da atualidade ocupam um lugar significativo nas lutas pela igualdade, democracia e valorização da tradição afro-descendente no nosso país. Nesse sentido, discutir a história da conformação da sociedade brasileira e de suas múltiplas identidades é discutir, também, a participação e atuação das mulheres negras nesse processo.

No contato com a comunidade quilombola de Lagoinha nos deparamos com mulheres de diferentes gerações e experiências de vida: senhoras com pele marcada pelo tempo, olhos vividos e sagazes; mulheres de meia idade que trazem o mundo nos olhos e o trabalho nas mãos firmes e calejadas; jovens, herdeiras das forças mais velhas, fortes, vivazes e atuantes. Algumas são mães, filhas e avós de uma mesma família e na genealogia das famílias da região vão se delineando as estratégias femininas, os modos de vidas e as reminiscências do lugar.

Se quisermos entender o contexto em que se inserem as mulheres de Lagoinha, os aprendizados transmitidos entre elas, os processos de criação e até os próprios ciclos de vida feminina, temos que direcionar o debate para o trânsito dessas mulheres em diferentes espaços sociais. A significativa mobilidade que elas estão inseridas, transitando entre o rural e o urbano quebrando totalmente o contexto de comunidade isolada, esta que está próxima da zona urbana o que mostra a ligação que têm elas em mover-se entre os dois espaços.

A trajetória das mulheres da comunidade quilombola de Lagoinha se apresenta em constantes mudanças e movimentação, formando novas identidades, que passam pelos papéis desempenhados em casa (no espaço privado), na comunidade, no movimento específico (espaço públicos), bem como no assumir-se como mulher negra quilombola. É nessa amplitude de formação das identidades, na construção e reconstrução de gênero que procuramos estudar as mulheres negras da comunidade de Lagoinha, em seus movimentos e práticas cotidianas ora no movimento social, ora no movimento quilombola, na associação.

Na comunidade essas mulheres estão inseridas nas profissões de: professoras, auxiliares de serviços gerais, dona de casa, agricultoras, vendedoras, louceiras, algumas fora da comunidade exercem a profissão de empregadas domésticas, diaristas, cuidadora de idosos.

Nosso primeiro passo é conhecer a ligação histórica da comunidade quilombola de Lagoinha com relação às práticas cotidianas femininas com base nas experiências individuais, familiar e social das mulheres. A escolha dessas mulheres ocorreu voluntariamente, embora tendo como prioridade e critérios: ser da comunidade; ser mulher; permanecer na comunidade (mesmo que seja semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente).

Oriundas do meio rural, as mulheres tiveram como realidade da infância uma história ligada ao trabalho agrícola e na produção de lousas de barro. A deficiência ou ausência de escolaridade para muitas delas, se explica por não ter acesso à educação nesse período, por distância da escola, ou pelo tempo de dedicação com a agricultura ou nas lousas de barro, inserção prematura no mercado de trabalho ou outras privações como às famílias camponesas. São em sua maioria de famílias com muitos irmãos.

Faz-se necessário a discussão sobre, raça, gênero, identidade, como futura educadora, professora de Sociologia, principalmente discutir em sala de aula sobre as mulheres negras, estas licenciadas ao longo dos anos. Objetivar o debate sobre o assunto verificar-nos matérias didáticos pedagógicos de sociologia a presença da mulher negra, é dar “lugar de fala”, discutir temas relacionados à realidade dos alunos quando contextualizo fazendo uma relação da teoria, com a realidade deles, levando os mesmos a estudar uma discutir diante de uma realidade tão próxima, trazendo como representação as mulheres negras quilombolas da comunidade de Lagoinha, torna-se possível fazer com esses alunos tomem conhecimentos de temas como esses em relação as mulheres negras diante de sua identidade racial e de gênero.

Elas em sua grande maioria são filhas de trabalhadoras rurais, com forte ligação com o trabalho na agricultura e na produção de lousas de barro. Algumas nem tiveram oportunidades de frequentar a escola, sem estudo, na maioria, analfabetas ou aqueles que conseguiram estudar dedicaram-se a poucos anos de estudos, o bastante para saber ler e escrever ou só escrever o

nome, considerado como primordial para resolver algumas questões mais práticas da vida cotidiana.

A maior parte das entrevistadas mora em casas próprias. As casas são construídas de alvenaria e têm boa estrutura com reboco e pintura. Normalmente com dois a três quartos, cozinha, sala e banheiro. Observamos que as mesmas possuem móveis e eletrodomésticos como: geladeira, fogão, televisão, liquidificador, batedeira e etc.

Em relação à escolaridade, notamos que dentre as mulheres entrevistadas a situação é bem diversificada. Encontramos mulheres que nunca frequentaram a escola, que cursaram o ensino Fundamental (Séries Iniciais ou Fundamentais – 6º ao 9º Ano), Ensino Médio e tem as que fizeram o curso na área de pedagogia, para alfabetização infantil.

Já em relação há algumas que não chegaram cursar uma universidade ou até mesmo não estudaram, alegam que na época em que começaram a trabalhar não existia uma preocupação com os estudos e que as meninas o máximo, em casos raros, que chegava era concluir o Ensino Médio e depois optavam pelo casamento e por constituir uma família. Outras falam quem em virtude da rotina cansativa do trabalho deixaram a opção de dar continuidades aos estudos em segundo plano. Já para as mulheres que se inseriam no mercado de trabalho mais cedo, o trabalho na agricultura ou como louseiras na época em que era jovem era o mais propício e dar continuidade aos estudos era difícil por não terem condições de se deslocarem da cidade e fazer o Ensino Fundamental de 6º e 9º ano.

Algumas mulheres admitem o motivo da baixa escolaridade por antigamente na comunidade a educação ser precária, algumas falavam que seus pais as proibiam de estudar e para elas se dedicarem à agricultura. Como em Mendes (2008), o trabalho agrícola aparecia como principal motivo do analfabetismo feminino, este é considerado prioridade, pois no contexto atual a sobrevivência e a manutenção da família dependem fundamentalmente dele. Nesse sentido, atribuíam-se a escola um caráter secundário e o de fato de não estudar para desenvolver a agricultura e a lousa eram encarados com naturalidade. Por isso as mulheres pararam de estudar alegam que ficava difícil a conciliação entre escola e trabalho na agricultura ou até mesmo a escola e as atividades como dona de casa, empregadas domésticas, cuidar dos filhos, queimarem as lousas de barro, dentre tantas outras.

Portanto, tendo como base as percepções e classificações adotadas por elas mesmas, tanto para definir e construir o grupo ao qual pertencem, como para marcar e caracterizar o outro, nossa pesquisa permeia no universo de vida dessas mulheres a fim de justificar o empoderamento delas diante de suas práticas cotidianas e como as mesmas atuam dentro da comunidade, em suas casas e fora delas.



### 6.3 As mulheres de Lagoinha em suas lidas e lutas

A singularidade das experiências do feminino faz com que o próprio saber histórico seja contraposto. As mulheres constituem em um objeto desafiador, o desafio de trazer à luz o cotidiano feminino está para além de uma oposição entre sexos e, sim em reconstituir relações de gênero, o que envolve tensões e mediações de poder.

Na atualidade, a mulher negra luta por seu espaço no mundo do trabalho, associações, faculdades e nas múltiplas relações sociais, onde em diversos âmbitos busca romper com as nomações racistas e sexistas. Podemos agora pensar sobre as significações em ser mulher negra e quilombola, visto que, diferente da mulher negra e urbana, as primeiras são diretamente influenciadas pela conjuntura das relações no meio agrário, a divisão do trabalho entre os gêneros, as lutas e negociações pela terra e a liderança. Rosângela Miranda, ao falar da experiência das mulheres quilombolas de Rio das Rãs, diz que:

Em se tratando de sertão, tradicionalmente a vida das mulheres era dividida entre a casa e a roça, levando-as à condição de sujeitos invisíveis, sem o reconhecimento social. (...) A mulher se fazia presente na luta pela terra, nos afazeres domésticos e nos trabalhos dos roçados. Enquanto os homens estavam negociando a posse da terra, eram elas que limpavam as terras, plantavam e ainda preparavam os alimentos. (MIRANDA, 2011, p. 55).

Estas também são as experiências das mulheres de Lagoinha. Em suas narrativas, contudo, pudemos constatar que, em suas itinerâncias, elas foram driblando limitações e assumindo posturas e lugares de liderança. Quem são elas? Como vivem e se relacionam? Quais são estes lugares de liderança? Estes questionamentos serão, agora, respondidos.

#### 6.3.1 Mães, líderes, louceiras, e guardiãs da memória

As mulheres de Lagoinha, algumas já falamos e outras que aparecerão agora, serão aqui apresentadas com nomes das mulheres negras que tiveram grande importância na história do Brasil. As entrevistas foram realizadas no ano de 2018 e, utilizá-las, tentaremos manter o máximo de fidelidade à forma falada. Quem são essas mulheres, como vivem e que anseios e esperanças marcam suas trajetórias, são questões sobre quais vamos nos debruçar a partir de agora.

A primeira delas foi Maria Felipa, exemplar essa guerreira, de 51 anos, natural da Lagoinha, irmã gêmea Maria Felipa, filha de Maria Pereira de Lourdes e Edgar José Pereira. Casou-se aos dezesseis anos, com seu primeiro marido teve uma união de treze anos, nasceram

quatro filhos, dois faleceram com poucos de nascidos, atualmente está no seu segundo casamento, desta segunda união não tem filhos, é também avó, agrega funções de casa, trabalho, associação, por isso é uma das principais lideranças da comunidade.

Maria Felipa é uma mulher que enfrenta os desafios impostos por sua condição feminina na luta por seu espaço. Nascida em um período em que o acesso a escola era dificultado só estudou até a 5ª série, mesmo assim, Maria Felipa tentou conciliar o trabalho com os estudos. Com oito anos de idade fazia o barro e buscava lenha na cabeça para sua avó produzir os potes de barro, as atividades no roçado iniciaram na sua adolescência, colhendo algaroba, feijão e algodão. Felipa deu um curso diferente à sua vida ao escolher, não permanecer em um casamento por convenção e após sua separação, cheia de coragem, exemplo de mulher pelejadora, deixou a comunidade de Lagoinha por falta de oportunidades, e foi em busca de um emprego na cidade de João Pessoa, sem condições de levar suas filhas, por não ter uma estadia certa, arriscando a sua sorte, Felipa, passou a guarda das crianças para a tia-avó delas.

Ao passar um tempo na capital paraibana, Felipa volta para seu povo, que ela jamais esqueceu e junto com sua gente Maria Felipa como tesoureira da Associação está envolvida nas ações que possam melhorar a vida da comunidade, desde luta pelo reconhecimento como quilombola, a vinda de cursos, palestras que possam conscientizar os moradores dos seus direitos, os mutirões onde ela e outras mulheres limpam a associação e provem o evento na comunidade. Foram inúmeras às vezes que cheguei para as reuniões e eventos, e pude encontrar Maria Felipa com a vassoura e um pano sobre o seu ombro limpando a sede da associação antes das reuniões e eventos. Maria Felipa, deixa antever que, sua coragem se realiza na força para enfrentar as mudanças e desafios de criar suas filhas sem um companheiro em uma comunidade patriarcal.

De uma alegria contagiante, está sempre aberta a receber os agentes externos que visitam a região. A entrevista realizada com Maria Felipa aconteceu em 2018, no mês de setembro. Abaixo na fotografia 5, ela aparece sentada no sofá da casa de sua irmã Carolina Maria de Jesus, em Lagoinha.

**FOTOGRAFIA 05** – Fabiana (Maria Felipa), na casa de sua irmã Fábria (Carolina Marina de Jesus), lendo um livrinho de orações.



Fonte: Acervo, Rosana Medeiros, 2018.

A genealogia da família de Maria Felipa é composta por mulheres que dominaram os espaços e alcançou o respeito dos demais, um exemplo está na sua irmã Carolina Carolina Maria de Jesus, atual presidente da Associação. Carolina Maria de Jesus, de 51 anos de idade, com traços fortes, tem a firmeza na fala e a coragem para liderar, apontar os problemas da comunidade e buscar melhorias que abrangem a todos. As entrevistas com Carolina Maria de Jesus ocorreram no ano de 2018. Casou-se muito nova, à idade, acompanhada de sua irmã Maria Felipa, com uma história verdadeira, começou a trabalhar na agricultura, sua vida na comunidade nunca foi fácil.

Carolina Maria de Jesus, não é só mais uma entre muitas “Marias”, desde cedo consciente, no início do ano de 1993, começou a fazer parte da associação como tesoureira, após três anos de muita batalhada dentro da Associação, Carolina passou por um período de desanimo, não encontrava soluções para muitos dos problemas que a comunidade estava enfrentando, mesmo com cargo de tesoureira, esteve sempre à frente das demandas da comunidade, mas, nessa frente ela lutou, e após alguns incentivos e apoio dos moradores, entrou para os movimentos, e hoje como presidente participa ativamente em prol das lutas da

associação e para além é agricultora, cuida dos animais, da plantação, dos serviços domésticos e trabalha fora da comunidades em dias alternados como cuidadora de idosos.

Hospitaleira, a casa branca onde mora, cheia de plantas, flores, animais soltos pelo terreiro, fica localizada ao centro da comunidade, sempre nos recebeu tão bem, na fotografia 6, foi em uma das primeiras reuniões no qual participamos. Muitos estão sendo seus feitos, que eu queria citar aqui, mulher negra, e forte, nos inspira a batalhar e lutar pelos direitos sem parar e sem calar. Muitas das conquistas para a comunidade começaram do esforço de Carolina Maria de Jesus, transformadora, a sua coragem é inspiradora.

**FOTOGRAFIA 06** – Fábria (Carolina Maria de Jesus), após o final da reunião com sua irmã Fabiana (Maria Felipa), sua filha e a pesquisadora, Rosana Medeiros.

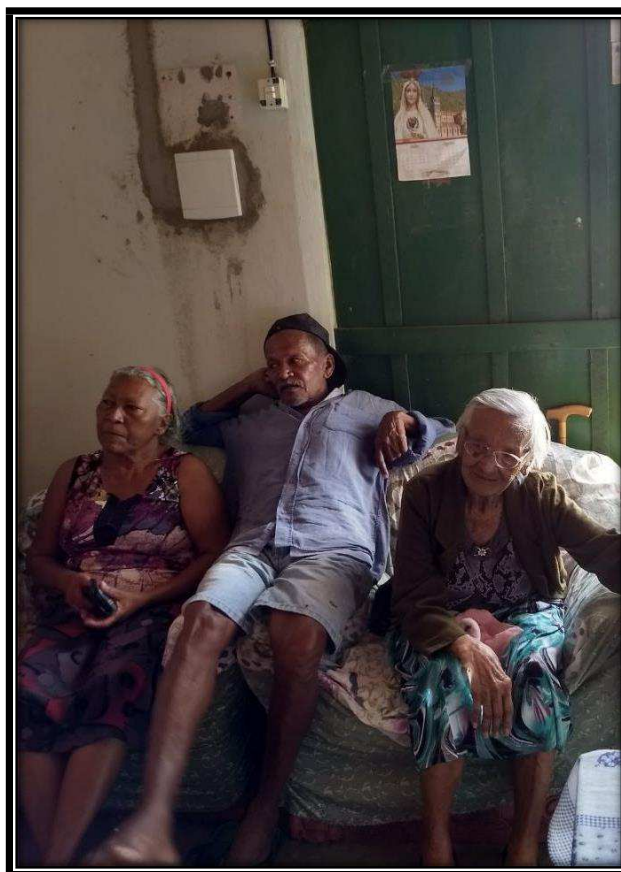


Fonte: Acervo, Rosana Medeiros, 2018.

Trabalho constante é também o estilo de vida de Tia Simoa, professora, educadora, auxiliar de serviços gerais, dona de casa, agricultora e louceira. Tia Simoa nasceu em Lagoinha, e aprendeu logo cedo a ser uma mulher batalhadora. Filha de Aqualtune tem dois irmãos, sua infância foi uma infância tranquila na comunidade, muito protegida pelo pai, ao crescer a vida seguiu tomando novos rumos, diferente do que o seu pai tanto almejava para a mesma. Do seu primeiro casamento teve dois filhos, separou-se do marido e após a separação teve vários trabalhos. Pela manhã, ensinava na comunidade, a tarde ensina em uma escola na cidade na

zona urbana, e após chegar do trabalho se ocupada por cerca de algumas horas na fabricação de panelas de barro, e com a venda lhe ajudava financeiramente a complementar a renda com das panelas. Tia Simoa ficou conhecida como a principal educadora da comunidade, uma mulher negra muito ativa, atualmente dedica seus dias para cuidar de sua mãe Aqualtune, guerreira, uma mulher imponente, nunca se silenciou diante das batalhas impostas pela vida, é uma referência, um espelho poderoso, forte e resistente, a sua coragem feminina é também uma resiliência. A fotografia 7, logo abaixo foi na casa sede na da associação de Lagoinha, onde estávamos participando de uma das reuniões.

**FOTOGRAFIA 07** – Dona Solange (Tia Simoa), ao lado de seu irmão e sua mãe Dona Zefinha (Aqualtune).



Fonte: Acervo, Rosana Medeiros, 2018.

Antonieta de Barros tem oitenta e quatro anos, já foi casada e desse relacionamento teve cinco filhos. Há mais de dez anos se divorciou, ao falar sobre o assunto, afirma que hoje o ex marido sabe o quanto mal fez ao deixando, morou por muitos anos sozinha no sítio da família, em Lagoa da Serra, uma comunidade próxima a Lagoinha, também agricultura, cuidava da criação dos animais e das plantações, para ela hoje em dia viver sozinha não é muito ruim. Após adoecer, voltou para morar em Lagoinha e ficar próximo ao seu povo.

Antonieta trabalhou no roçado “*desde que se entende por gente*”<sup>46</sup>. Mesmo depois de casada nada mudou, pelo contrário, passou a trabalhar ainda mais para ajudar seu esposo, em busca de uma vida melhor, sempre tão esforçada, conseguiu educar seus filhos, mulher de muita fé, sua crença sempre resistiu e hoje de volta a sua terra, em busca de um recomeço, com muita bravura é inspiradora. Em um final de tarde na comunidade, (Fotografia 8) abaixo mostra o nosso último encontro em que onde estava na casa Carolina Maria de Jesus, em uma roda de conversa.

**FOTOGRAFIA 08** – Dona Raimunda (Antonieta de Barros) e Fábía (Carolina Maria de Jesus).



Fonte: Acervo, Rosana Medeiros, 2018.

Louceiras em outros tempos, Teresa de Benguela, setenta e sete anos, está entre as guardiãs da memória local. É uma senhora negra, forte, que traz no rosto as marcas do tempo e da vida árdua de trabalhadora rural. Irmã de Antonieta de Barros, Teresa é uma das figuras entre as mulheres mais velhas da comunidade. Nascida em Lagoinha, filha de Inácia Rita da Conceição e Felipe Ferreira Mota, casou-se com vinte e oito anos, teve três filhos. Por conta de um problema de saúde de sua filha, depois de passar por vários médicos, após o resultado, o

<sup>46</sup> Entrevista com Antonieta de Barros, na Lagoinha, em 05/10/2018

tratamento só podia ser realizado em São Paulo, então, Teresa deixou em Lagoinha seus dois filhos com seu marido e viajou. Como diz Teresa “[...] *quando minha filha estava doente, eu busquei em tudo, em busca da cura de minha filha*”.<sup>47</sup>

Morando em São Paulo por sete anos, conciliou em cuidar da saúde da sua filha e trabalhar. No ano de 2014, voltou pra Lagoinha, de onde não quer mais sair, a não ser a passeio para visitar sua família que mora em São Paulo. Nesse momento que ela conta que voltou para suas origens, Luísa de Mahín, esta que estava atenta a conversa diz: “*ela voltou, porque o barro o dela é aqui, na Lagoinha*”. Com a firmeza e espontaneidade vai rememorando outros tempos, as dores, os ausentes e as mudanças que o curso da vida legou aos seus. D. Teresa se lembra das dificuldades que tinha para sobreviver por conta da falta de oportunidade da região. Com um espírito jovial, mesmo com problemas de saúde nas articulações do joelho, com as últimas chuvas que favoreceram as plantações e com ajuda de sua filha foi colher milho e feijão plantados no seu roçado, plantação esta que ela nunca abriu mão, logo com quando criança um dos seus primeiros trabalhos foi na roça.

Trabalhou com muito esforço, a raiz sempre honrou, têm na ponta da língua as histórias dos seus ancestrais, sua origem enaltece, mesmo passando um tempo longe de sua terra, por causa de suas lutas Teresa de Benguela, hoje agradecida pela cura de filha que diante dos momentos difíceis sua escolha foi fundamental para mudar o percurso de vida da sua família, assumindo uma luta, mesmo nos tempos machistas e que sempre em duras penas, deixou sua casa, seus dois filhos e maridos e com muita humildade e gratidão tornou-se um exemplo irreparável de uma negra batalhadora. Depois de algumas idas na comunidade e não encontrar Teresa, para nossa surpresa em uma das reuniões da associação aparece Dona Teresa, linda e cheirosa, após abraços calorosos, ela ficou à espera do início da reunião. Teresa de Benguela aparece abaixo na (Fotografia 09)

---

<sup>47</sup> Entrevista com Teresa de Benguela, na Lagoinha, em 05/10/2018.

FOTOGRAFIA 09– Dona Bernadete (Teresa de Benguela).



Fonte: Acervo, Rosana Medeiros, 2018.

Em umas das primeiras visitas na comunidade de Lagoinha, nos deparamos com uma senhora muito sorridente, cheirosa, das maiores guardiãs da memória da comunidade, ao qual chamaremos de Aqualtune, acompanhada de sua filha Tia Simoa (está por aqui já falada), na época do nosso primeiro encontro tinha seus noventa e nove e anos de idade, neta de um dos fundadores da comunidade, a mulher mais velha da comunidade, negra, forte, muito admirada e respeitada por todos, sentou-se na poltrona, esperando dá início a reunião da associação.

Não é todo dia que encontramos uma senhora lúcida, com quase cem anos de idade, preste a completar um século de vida. Participou de toda a reunião e ao final da fomos conversar com Aqualtune, todos admirados pela sua força feminina, sua garra, simplicidade, uma voz calma, resgatando de sua memória as histórias dos seus ancestrais, resgatando suas raízes. Apesar dizer: “[...] *Eu sou a mais velha, mas tenho pouca história pra contar, eu só vivia dentro de casa...*”<sup>48</sup> Ao decorrer de nossas conversas ela lembrou o tempo em que fazia panelas de

<sup>48</sup> Entrevista com Aqualtune, na Lagoinha, em 07/05/2018.



barros, ia para o roçado, e a maior parte de sua vida dedicou a cuidar de sua família, filhos, netos, da casa. Casada, mãe de três filhos, seu esposo passava uma temporada em casa e outra viajando a trabalho. Foi por meio de Aqualtune que conhecemos duas grandes mulheres negras, guerreiras, louceiras, referência garra, resistência, coragem, para sobreviverem às lidas e lutas diárias, Dandara e Luisa Mahin. Todas as três são primas, por terem uma forte ligação consideram – se como irmãs.

Após uma conversa proveitosa, combinamos com Aqualtune em retornamos a comunidades e fazer um encontro com todas juntas. Animada com a proposta, a filha de Aqualtune, Tia Simoa, sugeriu fazê-lo na “Casa Grande”. Como combinado, na manhã do dia 07 de maio de 2018, fomos ao encontro dessas mulheres, a casa grande ficou pequena para tantas pessoas, Tereza de Benguela também estava presente, para elas foi um momento memorável, um reencontro emocionante e histórico, havia um bom tempo que elas não se encontravam. As histórias de vida dessas mulheres, de certa forma por terem um forte grau de parentesco, vão se entrelaçando. Abaixo na (Fotografia 10), a foto que marcou o encontro delas.

**FOTOGRAFIA 10** – Dona Santana (Dandara), Dona Rosário (Luíza Mahin), Dona Zefinha (Aqualtune) e Dona Bernadete (Tereza de Benguela).



Fonte: Acervo, Rosana Medeiros, 2018.

Dandara, noventa e três anos de idade, ao chegar, trouxe para Aqualtune um presente, ao abrir era uma tigela de barro, ela contou que produziu a peça um dia antes do encontro, cheia de detalhes, nas bordas pintada a mão, umas flores. Ambas trocaram afetos, e um forte abraço, Dona Luísa Mahin, nos agraciou com um poema, inspirado na peça de barro “[...] *Do tronco nasceu uma rama, da rama, nasceu uma flor, da flor nasceu o amor, e o do amor um coração... O barro é o tronco, a rama é ela quem fez, a flor é a panela e a comida e o amor...*”<sup>49</sup>

Foi possível observar, a presença constante de um sistema de reciprocidades. Este sistema, que se expande ou se retrai a partir de uma tríplice obrigação coletiva de doação, de recebimento e devolução de bens simbólicos e materiais, é conhecido como dom ou dádiva (Mauss, 2003). A obrigação do dom aparece necessariamente como um fenômeno total, atravessando a totalidade da vida social na medida em que tudo aquilo que participa da vida humana, sejam bens materiais ou simples gestos, que tem relevância simbólica.

Dandara trabalha com o barro “desde que se entende por gente”. Com este trabalho criou seus nove filhos. Como ela diz: “[...] *tive dez filhos até de dois, gêmeos. Morreu um, porque Jesus quis pra ele, o resto eu criei e tão vivo...*”<sup>50</sup> Sorridente, diz: “[...] Graças a Deus fui muito feliz, Deus me deu muita felicidade...”<sup>51</sup> Enquanto fazia panela de barro o marido trabalhava fazendo cerca. Para dar de conta da fabricação de panelas pagava para cuidar dos seus filhos e fazer a comida. Uma mulher de força, Dandara, conta que, muitas vezes madrugava noite, fazendo louça. No outro dia, ia comercializar as peças na feira de Cordeiro, Coxixola, e Serra Branca. Como ela diz Dandara: “era três feiras que eu ia”. Casou no ano de 1950, no dia 30 de Novembro, a união durou por mais de sessenta anos.

Eu fazia sozinha, eu e Deus e Nossa Senhora. Eu fazia 50 vasilhas, colocavas todas em um canto, quando completava as 50 eu queimava. E assim ia levando, mas não era muito bom não. Mas, nunca passei fome. Eu trabalhava com muito gosto pra dá de comer aos meus filhos.<sup>52</sup>

Consideramos que a postura de Dandara e firmeza, com seus 91 anos de idade, se configuram numa liderança local. Ao manter a tradição da fabricação de panelas, confrontando com suas realidades em prol dos seus objetivos. E desse trabalho alimentou os seus filhos durante muitos anos, do barro aos enfrentamentos cotidianos pela sobrevivência.

<sup>49</sup>Entrevista com Luísa Mahin, na Lagoinha, em 07/10/2018.

<sup>50</sup>Entrevista com Dandara, na Lagoinha, em 07/10/2018.

<sup>51</sup>Entrevista com Dandara, na Lagoinha, em 07/10/2018.

<sup>52</sup>Entrevista com Dandara, na Lagoinha, em 07/10/2018.

Gostaria que Luísa Mahin, guerreira, fosse muito lembrada, com respeito e reverência. Como diz Luísa: “[...] *E haja história, e a mais difícil é a minha... eu quando fiquei sem meu marido eu tinha um filho que ia completar quatro anos, e ele me deixou com oito filhos, depois disso chegou três netos pra eu criar...*”<sup>53</sup>

A vida de Luísa foi de trabalho constante, louceira, de noventa e dois anos. Luísa nasceu, na comunidade de Lagoinha, em uma casinha de taipa. Após alguns anos foi morar em Porção, povoando próxima a Lagoinha, e aprendeu a fazer panelas com as mulheres da família. Atualmente mora na zona urbana de Serra Branca, não exercer mais ofício de louceira. O trabalho com o barro é uma das tradições mais antigas de Lagoinha e Ligeiro de Baixo, comunidade próxima, de onde surgiram as primeiras louceiras de barro, e já representou a principal forma de sustentadas famílias da região. Hoje, poucas mulheres se dedicam a este trabalho, sendo que Luísa Mahin e Dandara, umas das principais louceiras da região. Ela conta aprendeu também esse ofício “*pra viver*” e repassou para suas filhas: “*Botei tudo para aprender.*”<sup>54</sup>

A perda do marido, não causou impedimento, Luísa foi com tudo, não a faz parar, foi nas louças de barro que ela criou seus filhos e buscou o sustento financeiro para sua família. É por isso que Luísa Mahin tem seu papel importante como liderança, ela teve seu heroísmo, pois sem medo de lutar enfrentou as lutas, enfrentou uma sociedade patriarcal, Luísa foi pulso firme de batalhadora, buscando o direito de viver com seus filhos e netos, incansável lutadora, ela deu exemplo, rompendo as barreiras impostas pelo tempo.

A geração das mulheres mais velhas de Lagoinha compostas por senhoras fortes, lúcidas, como Aqualtune, Dandara, Luísa Mahin, Teresa de Beguela e Antonieta de Barro. Observamos que todas são mães e articulam outros papéis. Observamos em quais se articulam melhor e dividimos em blocos as mulheres que ocupam os papéis de líderes, louceiras e guardiãs de memória. O cotidiano dessas mulheres será desvelado a partir dos lugares que assumem junto à comunidade.

#### 6.3.1.1 Líderes

Carolina Maria de Jesus possui um perfil de liderança nas atividades das questões políticas de Lagoinha, e junto com ela sua irmã Maria Felipa. Ambas podem ser consideradas

---

<sup>53</sup>Entrevista com Luísa Mahin, na Lagoinha em 07/10/2018.

<sup>54</sup>Entrevista com Luísa Mahin, na Lagoinha em 07/10/2018.

as principais lideranças locais fato reconhecido por outros membros da comunidade ao falarem das relações com o grupo. Uma das moradoras da comunidade diz a respeito de Carolina:

Assim, é uma pessoa que é mais, que toma mais decisões aqui é Carolina né? Por que é Carolina, Felipa, é porque se tem alguma coisa sempre tem alguma coisa que tem por exemplo que marcar reunião, sempre é elas entendeu? E assim, se tem alguma coisa, elas são as duas líderes né, da comunidade. Que sempre as coisas são mais passadas por elas, se vem um projeto é elas, uma reunião é com Carolina, que comunica pra todo mundo que tem uma reunião de tal coisa assim, assim. E eu acho que elas são duas líderes na comunidade.<sup>55</sup>

Carolina Maria de Jesus é a principal articuladora política da comunidade. Em seu percurso de vida e trabalho, ganhou respeito e admiração dos moradores de Lagoinha que a ela recorrem para tratar de suas questões e para ajudar na luta por alguns direitos. Os moradores de Lagoinha são rápidos em dizer: *“Mas quem sabe melhor sobre isso é Carolina”*, deixando em evidência ser ela que tem os envolvimento melhores com as questões locais. Atualmente seu percurso como líder da comunidade dá-se pela luta do processo de reconhecimento da comunidade de Lagoinha torna-se oficialmente um quilombola, também participa de muitos eventos até em outros municípios como representante da comunidade, buscando da visibilidade a mesma.

O processo de autoreconhecimento da comunidade de Lagoinha, mobilização está acontecendo por parte de Carolina Maria de Jesus e sua irmã Maria Felipa, moradoras de Lagoinha. Carolina muito ligada aos relatos e à memória do grupo, ela acredita que o processo de rememoração será importante para o fortalecimento do sentimento de pertença dos moradores da comunidade. Através das senhoras, como em fala ela diz: Dona Aqualtune *“é uma verdadeira escola”*. Aqualtune guarda memórias de outros tempos e atuam como guardiãs das tradições antigas.

Uma das queixas está na fala de apoio das outras mulheres em relação ao trabalho e à luta cotidiana. E diz que, apesarem de comparecem quando convocadas, a grande maioria das mulheres não quer assumir responsabilidades, pelo que se angustia: *“Muitas vezes é difícil, né? Uma andorinha só não faz verão... uma pessoa só pra fazer uma coisa e às vezes tem que fazer sozinho, tinha que ter o grupo de pessoas responsáveis por aquilo e elas aqui muitas vezes não querem compromisso, essa é a maior dificuldade”*.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> Entrevista realizada pela autora com Rosana de Medeiros Silva, na Lagoinha, em 28/10/2018.

<sup>56</sup> Entrevista com Carolina Maria de Jesus, na Lagoinha em 05/10/2018.

Essa liderança comunitária é dividida também com Maria Felipa, sua filha. Uma mulher de espírito jovial, Maria Felipa enfrenta os desafios estruturais da vida em comunidade e os paradoxos que esses estabelecem com seus anseios de mulher independente, segundo Priscila Bastos (2010), o modo como a sociedade representa o ser jovem, mulher e negra tem raízes nas diferenças biológicas e nos significados sociais dessas diferenças constituídas como expressão das relações hierárquicas de gênero, raça e geração. Na formação da sociedade brasileira estas diferenças hierárquicas faziam com que a mulher negra fosse subalternizada num processo de exclusão, silenciamento e controle social, que a atingia em todos os âmbitos. A mulher negra, durante a escravidão era rebaixada, na sociedade livre, impedida de emergir como figura política.

Com estes entraves históricos, naturalmente que o processo de aprofundamento em seu fazer político e social não ocorre de forma simples e as mulheres quilombolas precisam disputar espaços de poder. Na Lagoinha, ainda que exista um núcleo de liderança feminina, os pontos de vista masculinos ainda são muito fortes, requerendo delas um constante jogo de cintura para driblar os obstáculos. Diante dessa concepção é fundamental para pensar as desigualdades por uma perspectiva de gênero, partindo dos lugares sociais das mulheres. (BERTH, 2018, p.45).

As mulheres que fazem parte da articulação política de na comunidade de Lagoinha, precisa de empoderamento, não aquele na visão superficial. Joice Berth (2018) salienta que esses olhares distraídos levam a desentendimentos, ou melhor, ao entendimento que o empoderamento feminino é a superação do individual de certas opressões, mas sem romper de fato com as estruturas opressoras. Para a mesma, esta é uma definição equivocada e autocentrada, deve pensar o empoderamento, no sentido que a socióloga colombiana León, destaca:

“Uma das contradições fundamentais do uso do termo ‘empoderamento’ se expressa no debate entre o empoderamento individual e o coletivo. Para quem o uso o conceito na perspectiva individual, com ênfase nos processos cognitivos, o empoderamento se circunscreve ao sentido que os indivíduos se auto conferem. Tomo um sentido de domínio e controle individual, de controle pessoa. E “fazer as coisas por si mesmo”, “ter êxito sem a ajuda dos outros”. Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioritários os sujeitos independentes e autônomos com um sentido de domínio próprio, e desconhece as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sócio-político, histórico, do solidário, do que representa a cooperação e o que significa preocupar-se com o outro” (LÉON 2001, apud BERTH, 2018, p.40-41.)

Conforme acrescenta, a própria Léon, empoderamento individual não se relaciona com ações coletivas, pode ser ilusório, vez que o empoderamento inclui tanto a mudança individual quanto as ações coletivas, portanto:

“Se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que representa alguma – ou algumas – elementos em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes”.<sup>57</sup>

Carolina Maria de Jesus e Felipa, por caminhos diversos e a aceitação de demandas locais tornaram-se lideranças femininas em Lagoinha. Essas duas mulheres circulam nos lugares de poder da comunidade que, apesar de sua origem patriarcal, vê surgir uma nova configuração de poder com o feminino. Avaliamos que a importância dessas mulheres nos espaços que atuam lhes garante prestígio.

#### 6.3.1.2 Louceiras

Dandara é uma das paneleiras que mantém a tradição do fabrico de barro por anos. O passado da comunidade se revela nessa reminiscência, abrindo a possibilidade de uma influência nas tradições locais. A fabricação das panelas é um ofício antigo, que muitas nem sabem determinar quando começou a ser feito por suas famílias e quem as ensinou. Há alguns anos quase todas as mulheres confeccionavam panelas para o seu sustento, atualmente, apenas Dandara é a única que ainda continua com o ofício. Nas entrevistas algumas mulheres dizem que se desestimularam por conta do baixo valor recebido nas panelas e abandonaram o trabalho. A grande maioria delas são donas de casa, trabalhando na agricultura em alguns períodos do ano, trabalhando na zona urbana, e outras se sustentando de aposentadorias, pensões e alguns programas governamentais, como a Bolsa Família.

As questões de gênero são marcantes, visto que o fabrico é uma tradição geracional passada de mãe para filha e exclusivamente realizada por mulheres. É um conhecimento ancestral, um trabalho feminino por remeter às obrigações domésticas e lida com utensílios de casa. No trabalho com o barro se tornam independentes e donas de sua vida. Dandara, Tereza de Benguela, LuisaMahin, Antonieta de Barros, Aqualtune, Tia Simoa, são mulheres que

---

<sup>57</sup> Idem, 2018, p.41.

transitam entre os muitos papéis de dona de casa, paneleira, educadoras, trabalhadora rural e guardiãs de memória. O trabalho com o barro vai se amalgamando aos laços familiares, sociais e identitários, pois tem clara relação com a construção identitária e as redes de solidariedade entre as pessoas da comunidade.

### 6.3.1.3 Guardiãs da memória

As lembranças de Aqualtune, Dandara, Luísa Mahin, Teresa de Benguela e Antonieta de Barros, se misturam as memórias coletivas do lugar, de tempos em que ainda eram muito pequenas, as narrativas dessas mulheres possibilitam “viajar através da viagem narrada” (DELGADO, 2010, p.41). Suas lembranças agregam muitos tempos e são por isso tão significativa.

Suas rememorações mesclam fatos coletivos e individuais, acontecimentos que, ainda que tenham sido vivenciados pelo grupo, impactaram, particularmente, a sua subjetividade. Como atenta Ecléa Bosi, (2007 p.150) isso é muito comum quando se perde alguém importante, Dandara e Luísa Mahin, com a perda de seus maridos, marcaram profundamente. Elas lembram o ano que veio a falecer, as complicações, a idade, a vida após a perda de seus maridos.

As dificuldades financeiras fizeram com que não poupassem braços para o trabalho na roça, na louça. Vidas marcadas pelo trabalho desde muito nova, por conta disso não puderam estudar, mas se orgulham e dizer que não legou os filhos e netos por mesmo destino.

Nas comunidades negras rurais sempre se encontram senhoras e senhores que atuam como memorialistas. Como atenta Antônio Torres Montenegro, essa representação de que os mais velhos são bons narradores nem sempre se realiza, para que isso ocorra é necessária a junção de fatores descritivos e imaginários que os habilita a serem bons narradores. Sobre o ato de lembrar, Antônio Torres Montenegro pondera que este processo de mediação com o passado é constantemente influenciado pela vivência do sujeito e passa por mudanças. (MONTENEGRO, 2007, p. 150). Utilizar a História oral como fonte requer que se assumam os riscos e as posturas necessárias na coleta das entrevistas, observando que as narrativas se dão no presente, onde todas as pessoas entrevistadas representam um “amalgama” de histórias relevantes em potencial. Sobre essa relação entre memória e história oral, Alessandro Portelli diz:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito às versões do passado, ou seja, a memória. Ainda que seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. (...) se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados poderá

constatar que, à semelhança da linguagem, *a memória é social*, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. (DELGADO, 2007, p.150).

Ecléa Bossi sobre as memórias de velho observa que “ao lembrar-se do passado ele não está descansando, por um instante das lidas cotidianas, não está se entregando furtivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando conscientemente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida”. (BOSI, 1994, p.60). Assim viveram essas mulheres guardiãs de memória de Lagoinha, com a as fortes marcas do tempo em seu rosto, as mãos ásperas do trabalho e o olhar situado ao meio, entre o presente e o passado.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após viajar alguns quilômetros e entrar na cidade de Serra Branca – PB, o interessado em conhecer a comunidade quilombola de Lagoinha deve seguir em direção à saída da cidade no sentido de Campina Grande – PB, vindo de Sumé, passando pelo posto Santa’Ana, à esquerda entrará em BR que prenuncia o caminho para uma zona rural. Passando pela Escola Cidadã Integral de Serra Branca, é o início do caminho que leva à comunidade, distante da sede 5 km. Por esse caminho, que hoje é a estrada “nova” como dizem as moradoras da comunidade, que liga a cidade de Serra Branca a Coxixola – PB, durante anos fio, mulheres andaram a pé fazendo o trajeto entre a cidade e o campo, como relatou Luisa de Mahín *“nesse tempo era tudo aviação canelinha”*. *Eu ia pra São João do Cariri, pra Coxixola, pra Cordeiros, pra Sumé... Pra Sumé ainda pegava o caminhão de feira... Mas o resto era tudo aviação canelinha...* Este trajeto era realizado por essas mulheres para comercializar a louça na feira, o que eu também fiz de moto e carro durante a pesquisa e pretendo fazê-lo a pé, quando for entregar aos moradores o texto final, por desejar experimentar e sentir o trajeto até Lagoinha. Só aqui me permiti falar em primeira pessoa, para dar personalidade e tentar amarrar as fortes impressões que Lagoinha me deixou.

Ao iniciar a escrita para o TCC, há exatamente seis meses, muitas questões ainda não estavam fechadas ou mesmo percebidas plenamente do ponto de vista teórico. Pesquisar a comunidade quilombola de Lagoinha, através dos relatos orais de suas moradoras, revelou-se um trabalho que exigiu delicadeza, principalmente por desvelar vivências e desafios das mulheres endurecidas pelo trabalho constantes, porém dadas a traços de humor e ternura, a ponto de me emocionar ao ouvir seus relatos. Será um feito se essa escrita conseguir, de fato dar corpo a essas mulheres, vista que são muito mais do que as estruturas menos prezáveis que a linguagem pode revelar ao tentar descrevê-las.

É nesse cenário que se faz necessário dar “o lugar de fala”, a essas mulheres, daí a importância da “fala”. Não podemos esquecer-nos das marcas acumuladas, da dor vivida por essas mulheres que por muitos anos foram silenciadas, é preciso lutar pela fala, é preciso permitir que a solidariedade entre os discursos que exigem direitos. Nesse sentido, ao falar do feminismo negro, movimento interseccional, reunindo em si marcadores de opressão de raça, de gênero, da sexualidade, e da classe social, é evidentemente uma luta contra os sofrimentos acumulado ao longo de muitos anos pelas mulheres negras.

Outra questão importante que se revelou ao longo da escrita foi em torno das dificuldades que as algumas moradoras de Lagoinha ainda sentem para se identificarem como

quilombolas. Mas, que podemos levar em consideração pelo fato de que o processo de articulação para o reconhecimento daquela comunidade ainda está iniciando, e como costume dizer este é um processo de “formiguinha”, ou seja, a construção de uma identidade quilombola ainda está em processo na comunidade de Lagoinha.

As mulheres de Lagoinha constituem a parte suave da escrita, foram elas responsáveis pelo reforço da “memória identitária”, o que será de fundamental importância para o processo de reconhecimento para torna-se uma comunidade quilombola certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP). As reflexões sobre as questões de gênero em Lagoinha foram importantes, e em especial, por também refletirmos sobre um viés etnicorracial: ser mulher negra e quilombola. As relações de gênero em Lagoinha foram pensadas a partir dos lugares de empoderamento dessas mulheres, a partir dos quais se pode pensar entender o protagonismo destas diante das práticas cotidianas que as mesmas realizam dentro e fora da comunidade, e de como as mulheres negras da comunidade são empoderadas em muitos aspectos, talvez provavelmente devido aos obstáculos proposto diante de suas condições de vida que estão lhes estão impostas. No entanto, ao longo dos contatos com as moradoras e nas entrevistas, constatei que Dona Josefa (Aqualtune), Dona Santana (Dandara), Dona Bernadete (Teresa de Beguela), Dona Rosário (Luisa de Mahin), Dona Solange (Tia Simoa), Dona Raimunda (Antonieta de Barros), Fabiana (Maria Felipa) e Fábria (Carolina Maria de Jesus), lideram naquela comunidade, a partir dos desafios que sugeriram em suas trajetórias, essas mulheres negras, foram tomando para si a função de buscar melhorias para a comunidade.

Ao logo da escrita levantei muitos questionamentos acerca da trajetória de vida dessas mulheres, sobre suas práticas cotidianas, e sobre o papel das mesmas na comunidade. Alguns responderam, outras tantas questões não se esgotaram nesse texto. Talvez com o meu olhar de aspirante a antropóloga, se mostre com certa leveza, pois falar das mulheres de Lagoinha, foi também falar de todas as mulheres negras quilombolas. Esse desfecho não significa que a pesquisa foi concluída. Ela continua e haverá sempre novos olhares, que poderão ser direcionados a questões sobre as quais não comentei. Ao abri este espaço de “lugar de escuta”, a essas mulheres, que por muitas vezes foram silenciadas e esse lugar pertenceu apenas às elites que viveram no contexto do privilégio de raça, gênero, e classe social.

Portanto em primeiro momento a intenção com essa pesquisa é abrir esse “lugar de escuta”, para além dos “lugares de fala” ouvir as vozes das mulheres de Lagoinha, pensar o empoderamento feminino nesta comunidade, e ao mesmo tempo proporcionar aprendizados e reflexões sobre os seus modos de vida, desafios e esperanças. A luta dessas mulheres nos leva a pensar que toda luta é luta quando é luta “junta com” as outras.

A intersseccionalidade, foi à chave para essas mulheres negras levar em consideração suas reais necessidades, seja de gênero, raça ou classe social. O movimento das mulheres de Lagoinha em suas lutas e lidas, no mostrou que através da intersecção que as mulheres negras de Lagoinha contribuirão para o empoderamentos de outras mulheres da comunidade, ocupando espaços que não eram bem vindas, ou seja, espaços de poder, reivindicando direitos, denunciando e lutando contra o racismo, e contra um sistema opressor que insiste em manter essas mulheres no porão da sociedade. Portanto, a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricas, e, portanto, como um instrumento de luta política.

Entre as discussões serão promovidas pela disciplina de Sociologia configuram as mulheres negras, estas que sempre foram oprimidas, não foram representados na historiografia, na literatura, nos meios de comunicação em massa, nos livros didáticos de várias formas e em que geralmente predominam as representações produzidas pelas classes dominantes quando os mesmos aparecem. Devemos pensar o feminismo negro como um marco civilizatório, por vivermos em uma sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista se faz necessário pensar o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz.

Neste sentido, espero contribuir de maneira que possa estabelecer um diálogo entre gênero/raça a partir desse trabalho realizado, tendo em vista que essa discussão sobre as mulheres negras de Lagoinha contribuirá para o processo de transformação da sociedade, caminhando para uma sociedade sem preconceitos, estereótipos e discriminação, para que futuramente possa ser um texto no qual sirva de suporte educacional para os alunos, onde os seguintes temas/categorias que trabalhei no decorrer da escrita possam ser problematizados em sala de aula. Aqui encerro com a expectativa de que essa pesquisa seja somada a outras tantas que vêm dando visibilidades às mulheres negras quilombolas.

## REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Rosa Elizabeth Marin e CASTRO, Edna Maria Ramos de. **No caminho das pedras de Abacatal: experiência social de grupos negros no Pará.** Belém: NAEA/UFPa, 2ª ed. 2004.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte - MG: Letramento: Justificando 2018. Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 1997.
- ALMEIDA, Ana Maria Leal. **Da Casa e da Roça: a Mulher Escrava em Vassouras no Século XIX.** – Vassouras: USS, 2001.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis.** São Paulo: Pólen, 2017.
- ARRUTI, José Maurício. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *MANA*3(2):7-38, 1997
- AUGÉ, Marc. **Os Domínios do Parentesco: filiação, aliança matrimonial e residência.** Lisboa: Edições 70, 2003.
- BASTOS, Priscila Cunha. **Jovem mulher negra quilombola: identidades e Trajetórias. Fazendo Gênero, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos.** p.42., 2010.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1997.
- BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras.** In: LASK, Tomke (Org.). O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas – Fredrik Barth. Tradução de John C. Comerford. Rio de Janeiro: Contracapa - Livraria, 2000 [1989].
- BERTH, Joice. **O que é: empoderamento?** Belo Horizonte - MG: Letramento: Justificando, 2018. .
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. Fatos e Mitos** (Vol. 1). 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. A experiência vivida** (Vol. 2). 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- CARDOSO, Roberto de Oliveira. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CARDOSO, Sérgio. **O olha viajante.** In: AGUIAR, Flávio (Orgs).[et al.]. O olhar. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CARNEIRO, Sueli. A questão dos direitos humanos e o combate às desigualdades: discriminação e violência. In:\_\_\_\_\_. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Seló Negro, 2011a. p. 15-41. (Coleção Consciência em Debate).

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE RACISMO, XENOFOBIA E GÊNERO, Durban, 2001. **Anais...** p. 1-6. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>>. Acesso em: 20 nov 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. **Estudos Avançados** 17 (49), 2003.

CLIFFORD, James. Poder e diálogo na etnografia: a iniciação de Marcel Griaule. In: **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1998.

CUNHA, Auri Donato da Costa. **Terra para quem nela vive e trabalha: relações de gênero na organização do trabalho familiar**. João Pessoa: CCHLA/UEPB, 1993. Dissertação de mestrado. 279f.

DALT, Salete da. BRANDÃO, André Augusto. Comunidades quilombolas e processos de formação de identidades no Brasil contemporâneo. **Revista Univap**, São José dos Campos-SP, v. 17, n. 29, ago.2011. p. 41-61.

DAMATTA, Roberto. **“O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”**”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica – objetividade, paixão, improvisa e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 43

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7ª edição. Tradução Laura Fraga de

GEERTZ, Clifford. **“Estar Lá”, “Estar aqui”**. In: **Obras e vidas o antropólogo como autor**, por Clifford Geertz; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GEERTZ, Clifford. **Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita**. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. Pp. 11-39.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. **Cadernos de Pesquisa**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.  
Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

HOOKS, bell. **Vivendo de amor**. Tradução Maisa Mendonça. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn (Org.). **O Livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas; Criola; Global Exchange, 2006.

IPEA. **Dossiê mulheres negras: retratos das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília, IPEA, 2013.

LEITE, Ilka Boaventura. **Humanidades Insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos**. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Orgs)... [et al]. Cadernos de debates- Nova Cartografia Social: Territórios quilombolas e conflitos. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós MALINOWOSKI, Bronislaw. **Introdução – tema, método e objetivo desta pesquisa**, In: Malinowski, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3ª.ed.SP: abril Cultural, 1984[1921]

MATTOS, Hebe. “Remanescentes das Comunidades dos Quilombos”: memória do cativo e políticas de reparação no Brasil. **Revista USP**, n. 68. dez. jan. fev. 2005 e 2006, p. 104-111.

MELLO, Marcelo Moura. **Reminiscências dos Quilombos: território da memória em uma comunidade negra rural**. São Paulo: Terceiro Nome. 2012, 195 pp.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB** (Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade brasileira), Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, n. 5, p. 15-34, 2004

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide e PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. 2017, vol.12, n.2, pp. 466-485.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.  
Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. Os excluídos: Operários, mulheres e prisioneiros, Rio Janeiro,

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Mulheres Negras Rurais: Resistência e Luta por Sobrevivência na Região do Tocantins (PA)**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução Monique Augras. Estudos

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e história oral. Ética e História Oral. Projeto História no. 15, **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**- PUC/SP. São Paulo: Educ, abril de 1997, p. 16, grifos nossos.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte - MG: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(2): 240 maio-agosto/2007.

SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial**. São Paulo, Cia das Letras, 1988

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1990.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras**. São paulo: edusp, 2000.

SWAIN, Navarro Tânia. **Mulheres Sujeitos Políticos: que diferença é essa?** In mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas. Tânia Navarro Swain e diva Couto Gontijo Muniz, (Org). Florianópolis: Ed. Mulheres Belo Horizonte, PUC Minas, 2002.

TIBURA, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TOURAINÉ, A. **O mundo das mulheres**. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010

## APÊNICE



**APÊNICE (A) - Roteiro da entrevista semiestruturada**



**ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

• **Ficha de Identificação**

NOME:	
USAR PSEUDÔNIMO? ( ) SIM ( ) NÃO	
IDADE:	ESCOLARIDADE:
PROFISSÃO:	NATURALIDADE:
HÁ QUANTO TEMPO MORA NA LAGOINHA?	
MOROU ALGUM TEMPO EM OUTRO LUGAR?	
ONDE?	
DURANTE QUANTO TEMPO?	
POR QUE VOLTOU A LAGOINHA?	
COMO VOCÊ SE CONSIDERA?	
NEGRO ( )      BRANCO ( )      INDÍGENA ( )	
OUTRO ( ) qual? _____	

• **Questões**

1. O que é ser mulher?
2. O que é ser mulher negra quilombola?
3. Como você vê o lugar da mulher negra na comunidade de Lagoinha?
4. Como as mulheres mais velhas de sua família eram vistas pela comunidade?
5. Como foi/ é sua relação com as mulheres mais velhas (mãe, avós, tias...)?
6. As mulheres mais velhas te contavam histórias delas ou de outras mulheres? Que histórias te marcaram?
7. Como você vê a luta das mulheres na comunidade, em relação às condições de vida aos moradores de Lagoinha?
8. Quais as ações do governo que tem sido desenvolvida na comunidade?
9. Em sua opinião o que o governo (nas três esferas) pode fazer para melhor as condições de vida na comunidade de Lagoinha?
10. A assistência técnica para desenvolver atividade agrícola na comunidade tem sido disponibilizada para as mulheres da comunidade? ( ) sim ( ) não

11. Como você vê as mulheres do quilombo de Lagoinha em relação à luta delas na organização e manutenção da comunidade?
12. Ocupa algum cargo de liderança dentro da comunidade? Qual? Há quanto tempo? De que forma?
13. Alguma mulher dessa comunidade já se candidatou a alguma algum cargo público?  
( ) sim ( ) não . Se sim qual?
14. Como liderança, participou ou participa do processo de reconhecimento da comunidade como quilombola? Como ocorreu esse processo e como se encontra atualmente?
15. Como você avalia esse processo dentro da comunidade e a política dos territórios quilombolas?
16. Existe alguma dificuldade para a mulher quilombola de conciliar o trabalho em casa com o trabalho externo? Qual dificuldade?
17. Dentro da comunidade existe alguma dissidência em relação ao reconhecimento quilombola?
18. Você é a responsável pela terra/lote/sítio onde mora?
19. Como conseguiu a terra/lote/sítio onde mora?
20. Como é realizado o uso da terra na comunidade atualmente? Existem áreas de trabalho coletivo?
21. Você se autodefine enquanto quilombola? O que significa para você ser quilombola?
22. Quais são as principais necessidades da comunidade hoje?
23. Em sua opinião as condições de vida das mulheres da comunidade vão melhorar com a certificação de comunidade quilombola?
24. Gostaria de saber se o termo “quilombola” sempre esteve presente no seio das comunidades ou é algo recente? Se recente, a partir de quando o termo “quilombola” passou a ser utilizado pelas comunidades?
25. O que acha da vida na comunidade? O que está faltando? O que gostaria que melhorasse.

APÊNICE (B) – Carta de apresentação



Universidade Federal  
de Campina Grande

**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL DO SEMIÁRIDO –  
CDSA  
UNIDADE ACADEMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACiS**

### **CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Sr.<sup>a</sup>(o)

Venho através desta carta, apresentar a estudante-pesquisadora **Rosana de Medeiros Silva**, discente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG e vinculados ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Etnicidade e Cultura - NEPEC/UACiS/CDSA/UFCG. A mesma esta realizando uma pesquisa de campo que irá resultar em seu Trabalho de Conclusão do Curso - TCC. O trabalho é parte das atividades acadêmicas do curso de Licenciada em Ciências Sociais. Para efetivação desse estudo, gostaríamos de contar com sua relevante colaboração, recebendo a discente, respondendo às informações solicitadas, necessário à produção do material acadêmico.

Sumé-PB, \_\_\_\_ de agosto de 2018.

APÊNICE (C) – Termo de consentimento

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Prezado (a) colaborador (a),**

A discente **Rosana de Medeiros Silva** do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, sob orientação do **Prof. Dr. Wallace G. Ferreira de Souza**, esta realizando uma pesquisa de campo que irá resultar em seu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. O trabalho é parte das atividades acadêmicas da Licenciada em Ciências Sociais. Para efetivação desse estudo, gostaríamos de contar com sua relevante colaboração, recebendo a discente, respondendo às informações solicitadas, necessárias à produção do material acadêmico.

Por fim, colocamo-nos à sua disposição para esclarecer qualquer dúvida que necessite, através dos e-mails: [wallace.ferreiradesouza@gmail.com](mailto:wallace.ferreiradesouza@gmail.com); [wallace.souza@ufcg.edu.br](mailto:wallace.souza@ufcg.edu.br) (orientador da atividade) ou [medeirosrosana01@gmail.com](mailto:medeirosrosana01@gmail.com) (discente-pesquisadora).

Desde já agradecemos a atenção dispensada, bem como a disposição em atender a discente e contribuir para o desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Cordialmente,

**Professor Orientador**

-----

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Assinando este termo, estou concordando em participar da pesquisa da discente **Rosana de Medeiros Silva** acima mencionado, sob orientação do **Prof. Dr. Wallace G. Ferreira de Souza**, docente da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais-UACiS do Centro Desenvolvimento Sustentável do Semiárido-CDSA da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

Sumé-PB, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_  
Assinatura/rubrica do participante



## **ANEXOS**

ANEXO A – QUADRO DE PARENTESCO

